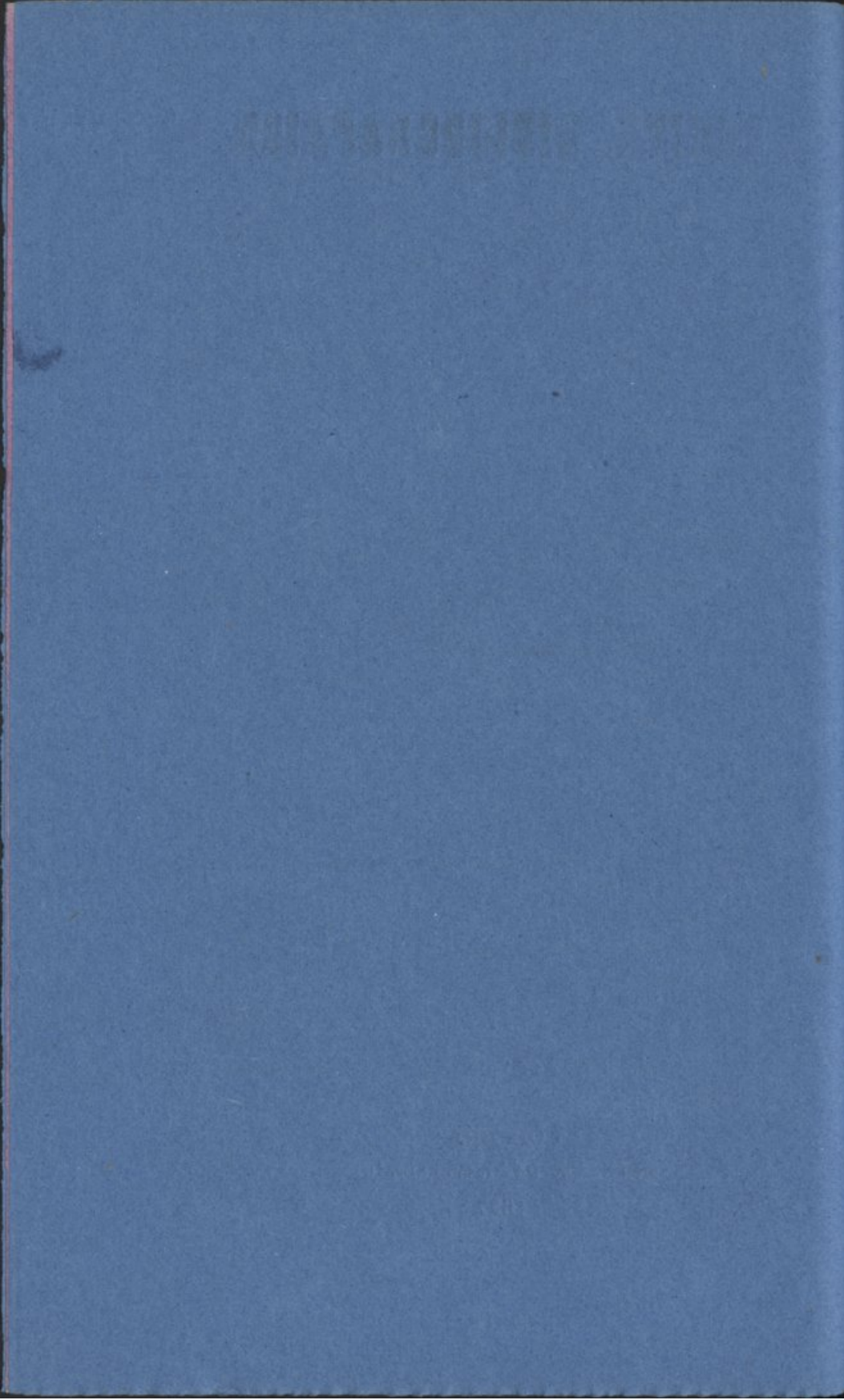


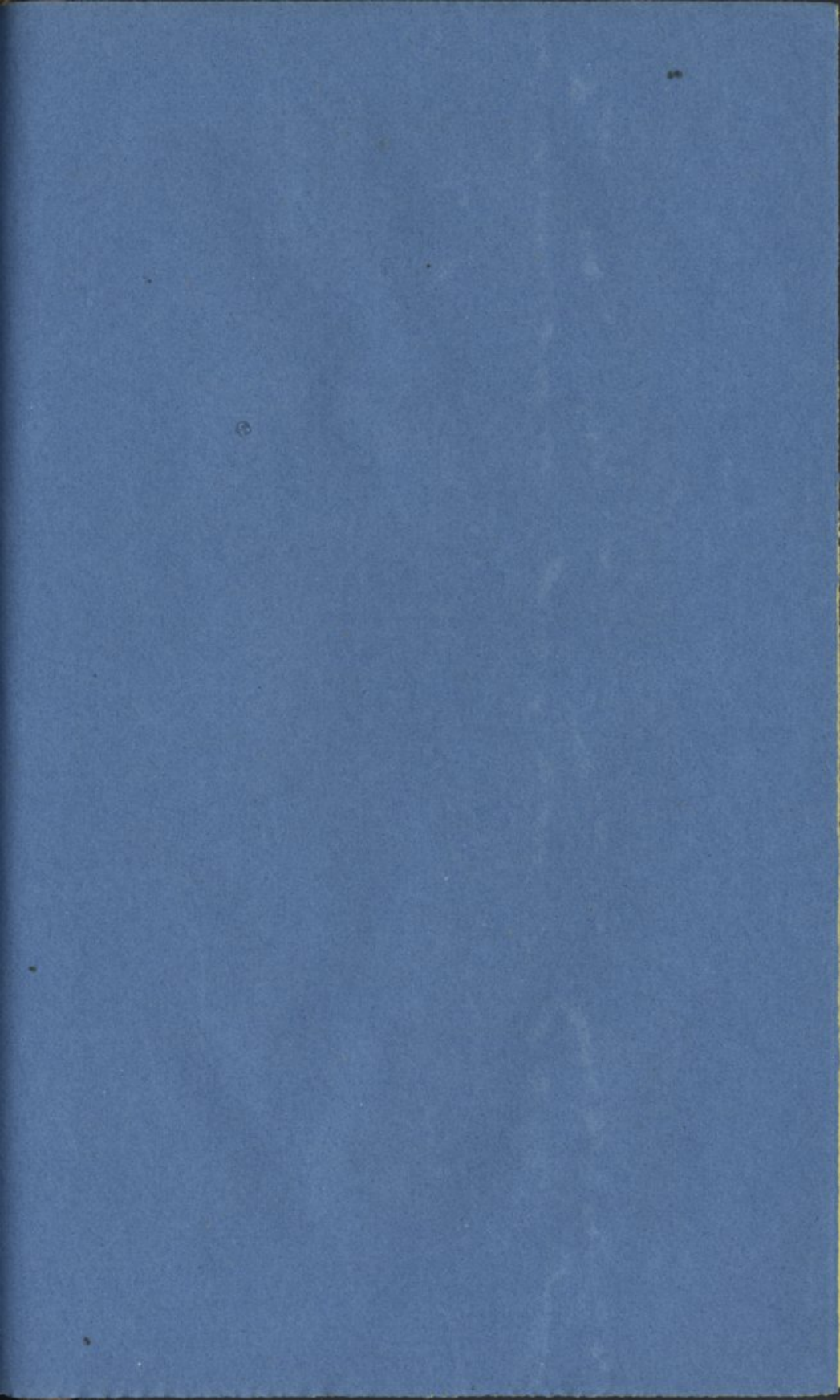
ARCHIVO BIBLIOGRAPHICO

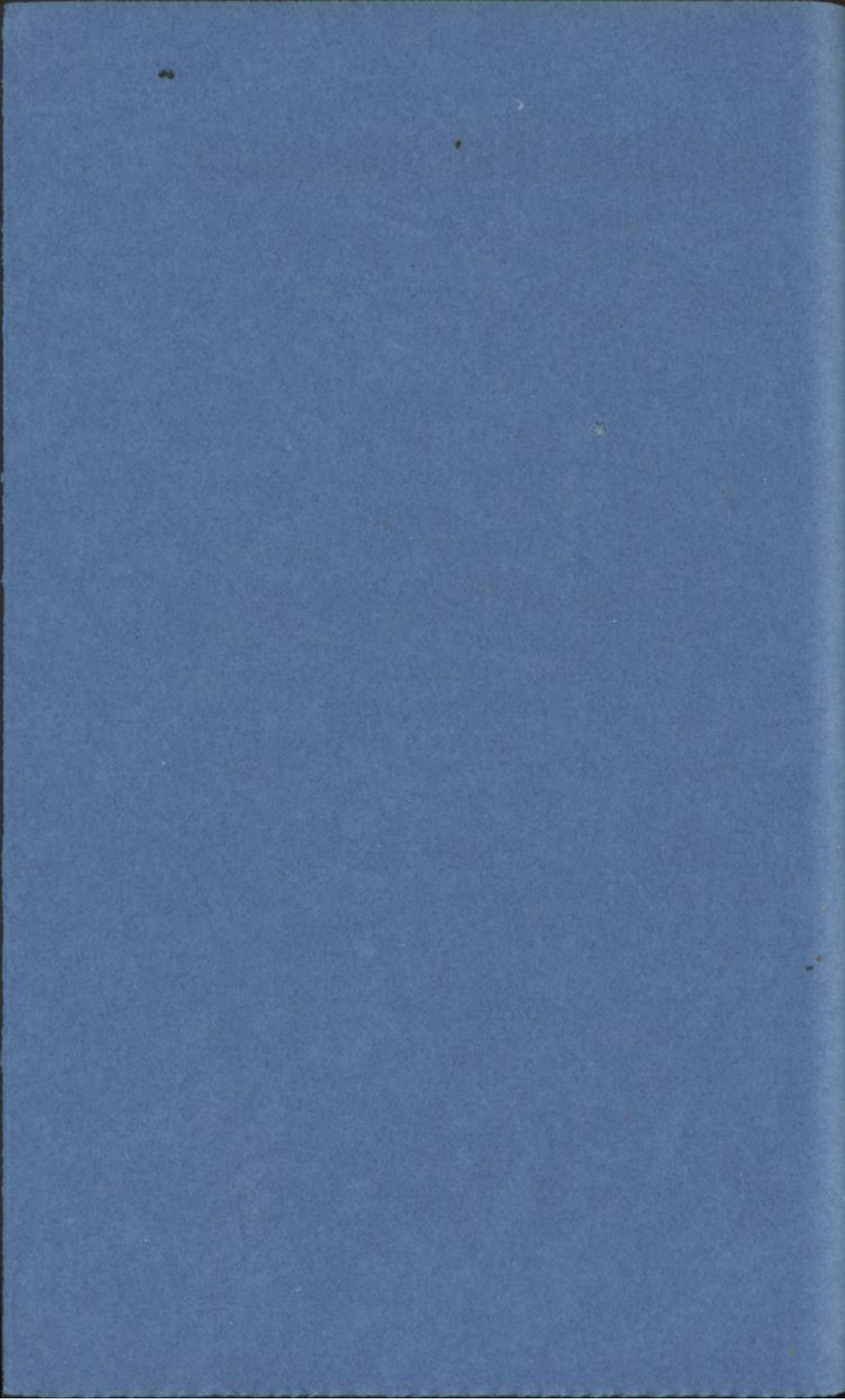
NUMERO 7

COIMBRA
IMPRESA DA UNIVERSIDADE

1877







Obras concernentes á Historia de Portugal, existentes na Bibliotheca da Universidade — Nota extrahida dos Catalogos da mesma Bibliotheca, de junho de 1877.

(Continuado do n.º 4, paginas 76)

Feio (Dr. Florencio M. Barreto) — Memoria ácerca da Bibliotheca da Universidade de Coimbra. Coimbra (Imprensa da Universidade), 1857, 8.º, 1 v.

Felix (Clemente) — Informação de Direito a favor de Ruy de Moura Telles na causa com D. Filipa de Menezes sobre a successão dos morgados que vagaram por morte de Alvaro Gonçalves de Moura e seu filho. Lisboa, 1615, 4.º, 1 v.

Felix (Clemente) — Resposta que fez aos oppositores da casa de Mafra em favor do Conde de Figueiró. Lisboa, 1645, 4.º, 1 v.

Felix (Joan.) — Ysagoje ad laudes Aug. Hispaniam Principis in ejus ortu. Olisipone, 1610, 16, 1 v.

Fernam Mendes Pinto — Les voyages — traduit. par Bernard Figuiet, gentilhomme portugais. Paris, 1645, 4.º

Fernandes de Castro (D. Nicol.) — Portugal convensida con la razon para ser vencida con las armas. Milon, 1648, 4.º, 1 v.

Ferrão — (F. A. F. da Silva) — Propostas de lei apresentadas á Camara dos Srs. Deputados em sessão de 29 de fevereiro de 1860. Lisboa, 1861. 8.º, 1 v.

Ferreira de Loureiro (Adolpho) — Memoria sobre o Mondego e Barra da Figueira.

Ferreira de Loureiro (Adolpho) — O sr. Francisco Maria Pereira da Silva e as obras da Barra da Figueira. Figueira, 1869, 4.º, 1 v.

Ferreira (Alex.) — Memorias e noticias da celebre Ordem dos Templarios. Lisboa Oc., 1735, 4.º, 2 v.

Ferreira (Alex.) — Supplemento historico, ou Memorias da Ordem dos Templarios para a historia da Ordem de Christo. Lisboa Oc., 1735, 4.º, 2 v.

Ferreira de Lacerda (D. Bernarda) — Soledades do Busaco. Lisboa, 1834, 8.º, 1 v.

Ferreira (F. J.) — Methodo facil para entender a historia portugueza. Lisboa, 1743, 4.º, 2 v.

Ferreira (Francisco Leytam) — Nova arte de conceitos. Lisboa Ocid., 1718, 8.º, 1 v.

Ferreira da Silva (Silvestre) — Relação do sitio da nova Colonia do Sacramento. Lisboa, 1748, 4.º, 1 v.

Ferreira (Silvestre Pinheiro) — Observações sobre a Constituição do Brazil, e sobre a Carta Constitucional de Portugal. Paris, 1835, 8.º, 1 v.

Phocebus (Melchior) — Decisiones Senatus Regni Lusitaniae. Ulysip., 1713, f., 2 v.

Philippo Dominico Vittoris Austriaco libellum natalicium dedicat Academia conimbricensis. Conimbricae, 1606, 4.º, 1 v.

Figanière (Jorge Cesar) — Bibliographia historica portugueza. Lisboa, 1850, 8.º, 1 v.

Figueiredo (Ant.) — Rerum lusitanarum Ephemerides, etc. Olisip., 1761, 4.º, 1 v.

Figueiredo (J. Anast.) — Synopsis chronologica, etc. Lisboa, 1790, 8.º, 2 v.

Figueiredo (J. Anast.) — Nova historia da Ordem de Malta em Portugal. Lisboa, 1800, f., 3 v.

Figueiredo (José Ribeiro) — Historia da restauração de Portugal em 1640. Coimbra, 1843, 8.º, 2 v.

Fonseca (F. da) — Evora gloriosa, Roma. 1728, f., 1 v.

Fonseca (P. Luiz) — Demonstração da existencia etc. — de Francisco de Sousa Azevedo. Lisboa, 1756, 8.º, 1 v.

Foral da Alfandega da Cidade de Lisboa. Lisboa, 1674, f., 1 v.

Foral de Lisboa. Lisboa, 1780, 4.º, 1 v.

Foral da menza da Portagem de Lisboa oriental, occidental e termo, etc. Lisboa, 1727, f., 1 v.

Forjaz (Adrião) — Viagem á Serra da Louzã. Coimbra, 1838, 1 v.

Forjaz (Adrião) — Memorias do Bussaco. Coimbra, 1850, 8.º, 1 v.

Fradesso da Silveira (Joaq. H.) — Alguns elementos para o estudo da questão da Fazenda. Lisboa, 1870, 8.º, 1 v.

Fradesso da Silveira (Joaq. H.) Congresso meteorologico em Vienna d'Austria em 1873 — Relatorio. — Lisboa, 1874, 8.º, 1 v.

Fradesso da Silveira — O Linho em Portugal. Lisboa, 1872, 12.º, 1 v.

Fragmentos de um Diario portuguez. Lisboa, 1872, 12.º, 1 v.

S. Francisco (fr. Luiz) — Livro em que se contém tudo o que toca á origem, regra, estatutos, ceremonias, privilegios e progressos da sag. Ordem Terceira de Penitencia de N. Seraph. P. S. Francisco. Lisboa, 1684, 8.º, 1 v.

Franklin (Francisco Nunes) — Memorias para servir de indice dos foraes das terras do reino de Portugal e seus dominios. Lisboa 1816, 8.º, 1 v.

Franzini (Marino Mig.) — Instrucções statisticas. Lisboa, 1815, 8.º, 1 v.

Franzini (M. M.) — Roteiro das Costas de Portugal. Lisboa, 1812, 4.º, 1 v.

Freire (Ant. d'Oliveira) — Descripção corographica do Reino de Portugal. Lisboa Oc., 1739, 8.º, 1 v.

Freitas — Primores politicos e regalias de D. João iv. Lisboa, 1651, 4.º, 1 v.

Freitas (Ant. João de) — Aureola dos Indios e nobiliarchia bracman. Lisboa, 1702, 4.º, 1 v.

Freitas (Fr. Saraphino de) — De justo imperio Lusitanorum asiatico. Valiseleti, 1625, 4.º, 1 v.

Garrett (V. de Almeida) — Portugal na balança da Europa. Porto, 1867, 8.º, 1 v.

Garrett (V. d'Almeida) — O Arco de Sant'Anna. Lisboa, 1859, 8.º, 2 v.

Garrett (V. d'Almeida) — Viagens na minha terra. Lisboa, 1861, 8.º, 2 v.

Garrett (V. d'Almeida) — Memoria historica da Ex.^{ma} Sr.^a Duqueza de Palmella. Lisboa, 1848, 4.º, 1 v.

Gamma (C. S. Antonius da) — Decisionum Sup. Senat. Lusitanie Centuria, 4.º Antuerpiæ, 1650, f., 1 v.

Gamma (C. S. Antonius da) — Decisionum Sup. Senat. Lusitanie Centuria, 4.º Antuerpiæ, 1668, f., 1 v.

Gama (C. S. Antonius da) — Decisionum Sup. Senat. Lusitanie Centuria, 4.º Antuerpiæ, 1622, f., 1 v.

Gama (A. L. Vel. Mareco) — Epitome panegyrico da vida de Lourenço Luiz Galvão. Lisboa, 1760, 8.º, 1 v.

Gama (Ph. Jos.) — Antonius, seu — De vita Antonii a [Regibus — presbyteri Congregationis S. Phellippi Nery. Olisip., 1796, 8.º, 1 v.

Gama (Ph. Jos.) — Mars lusitanus. Olisip. Oc., 1736, 16.º, 1 v.

Garcia (M. Emygdio) — Estudos criticos historicos — O Marquez de Pombal. Coimbra, 1869, 8.º, 1 v.

Galvão (Francisco, e P. da Costa Perestrello) — Obras ineditas. Lisboa, 1781, 8.º, 2 v.

Galvão (A.) — Tratado dos descobrimentos antigos e modernos até 1550. Lisboa, 1731, f., 1 v.

Galvão (Duarte) — Chronica de D. Affonso Henriques. Lisboa Occid., 1727, 4.º

Gaio (A. da Silva) — Mario. Lisboa, 1868, 4.º, 1 v.

Garrido (Luiz) — Ensaios historicos e criticos. Coimbra, 1871, 8.º, 1 v.

Gasco (A. Coelho) — Conquista, antiguidades e nobreza de Coimbra — (Ob. ined. de Antonio d'Abreu). Lisboa, 1805, 16.º, 1 v.

Gazeta homoeopathica portuense (1.ª e 2.ª ser.) Porto, 1855, f.º, 1 v.

Gazeta de Lisboa, 1780 a 1792.

Gazeta de Lisboa Occidental.

Gazeta medica de Lisboa, 1854, etc.

Gazeta dos Tribunaes, e Gazeta da Relação de Lisboa, de 1841, etc., f.º, 2.º v.

Gazeta Universal, 1821-1822, f.º, 4 v.

Regia epistolarum principis Gemma, sive, D. D. Maria Anna Victoria ser. Lusitanorum Principi in matrimonio cælo auspice tradita. Olisip. Oc., 1729, 4.º, 1 v.

Geraldes (Casado) — Tratado completo de Cosmographia. Paris, 1825, 4.º, 4 v.

Geraldes (Casado) — Compendio de Geographia historica antiga e moderna — Chronologia. Paris, 1826, 4.º, 1 v.

Gomes (Al. Caet.) — Lorena perseguida e exaltada. Lisboa, 1749, f.º, 1 v.

Gomes (Bern. Ant.) — Uma explicação ao Marechal Duque de Saldanha. Lisboa, 1859, 8.º, 1 f.º

Gomes (B. Ant.) — O marechal Duque de Saldanha e os medicos — Breves considerações ácerca da — *Memoria sobre o estado da medicina em 1858*. Lisboa, 1859, 8.º, 1 f.º

Gomes (B. Ant.) — O esgoto, limpeza e abastecimento das aguas em Lisboa — o que foram, o que são e o que devem ser. Lisboa, 1871, 8.º, 1 v.

Gomes (B. Ant.) — Relatorio sobre os trabalhos da Conferencia sanitaria internacional, reunida em Constantinopla em 1866. Lisboa, 1867, f.º, 1 v.

Gomes da Cruz (Joseph) — Discurso apologetico. Lisboa Occid., 1735, 4.º, 1 v.

Gomes de Moura (J. Vic.) — In faustissima acclamatione Joannis VI — Carmina. Conimbricæ, 1819, 8.º, 1 v.

Gomes (Francisco Luis) Le Marquis du Pombal — Esquisse de sa vie. Lisbonne, 1869, 8.º, 1 v.

Goes (Damião) — Chronica do Principe D. João. Coimbra, 1790, 8.º, 1 v.

Goes (Damião) — Chronica do Principe D. João. Lisboa, 1567.

Goes (Damião) — Chronica do Principe D. João. Lisboa, 1777.

Goes (Damião) — Chronica do Principe D. João. Lisboa, 1724.

Goes (Damião) — Opuscula quæ in Hesperia illustrata continentur. Conimbricæ, 1781, 8.º, 1 v.

Goes (Damião) — Chronica de D. Manuel. Lisboa, 1566, 4.º, 2 v.

Goes (Damião) — Chronica de D. Manuel. Lisboa, 1619, 4.º, 1 v.

Goes (Damião) — Chronica de D. Manuel. Coimbra, 1796, 4.º, 2 v.

Goes (Dominicus) — Commentarius rerum Gestarum in India citra Gangem a Lusitanis, 1538. Lovanii, 1538, 4.º, 1 v.

Goes (Franc. Trigueiros) — Ecco juridico contra as vozes das reflexões que formaram os PP. da Congregação do Oratorio d'esta Cidade de Lisboa Occid., oppostas á Allegação do Direito que se deu á luz a favor do Prior e Beneficiados de S. Nicolao do Padroado da Rainha, etc. Lisboa Oc., 1731, f.º, 1 v.

Godinho (P. Manoel) — Vida de fr. Antonio das Chagas. Lisboa, 1687, 4.º, 1 v.

Godinho (P. Manoel) — Relação do novo caminho que fez por terra e mar, vindo da India para Portugal em 1663. Lisboa, 1665, 8.º, 1 v.

Gouvea (Fr. Ant.) — Jornada do Arcebispo de Goa D. Aleixo

de Menezes quando foi ás Serras de Malabar. Coimbra, 1606, f.º, 1 v.

Gouvea (Francisco Velasco de) — Perfidia de Alemanha y de Castella en la prison, entrega etc. del Infante D. Duarte. Lisboa, 1652, f.º, 1 v.

Goveanus (Franc. Velasco) — Joannes II, ser. Portugaliæ rex, etc. Olisip., 1645, f.º, 1 v.

Gouvea (F. Vel.) — Justa aclamação de D. João IV. Lisboa, 1644, f.º, 1 v.

Graça (M. Coelho) — Breve noticia das entradas que por mar e terra fizeram nesta costa SS. Magestades, etc., Lisboa Oc., 1728, 4.º, 1 v.

Graça (fr. Francisco Ferreira) — Estatutos litterarios dos religiosos carmelitas calçados da Provincia de Portugal. Lisboa, 1776, f.º, 1 v.

Guerreiro (Fern.) — Relação annual das cousas que fizeram os PP. da Companhia de Jesus na India, Brazil, Angola, etc. Lisboa, 1605, 8.º, 1 v.

Guerreiro (J. Tav. Vellez) — Jornada que Antonio Coelho, governador de Macau, fez de Goa até li em 1718. Lisboa Oc., 1732, 8.º, 1 v.

Guerreiro (Barth.) — Gloriosa coroa de esforçados religiosos da Comp. de Jesus, mortos nas conquistas de Portugal. Lisboa, 1642, f.º, 1 v.

Guerreiro (Barth.) — Jornada dos Vassalos da coroa de Portugal para recuperar a cidade de S. Salvador na Bahia. Lisboa, 1625, 4.º, 1 v.

Gusmão (F. A. Rodrigues) — Uma pagina da nossa historia litteraria, 1828-1834. Portalegre, 1875, 8.º, 1 v.

Gusmão (Alex.) — Relação da entrada publica de D. Luiz da Camara, embaixador em França, em 1715. Paris, 1715, 4.º, 1 v.

Harding (V. E.) — Romanceiro portuguez — annotado — com uma introdução. Leipsig, 1877, 8.º, 2 v.

Harding (V. E.) Cancioneiro de Evora. Lisboa, 1875, 8.º, 1 v.

Henriques (Dr. Julio) — O Jardim Botanico em Coimbra. Coimbra, 1876, 8.º, 1 v.

Henriques (Francisco da Fonseca) — Medicina, lusitana, socorro delphico. Amsterdam, 1710, f.º, 1 v.

Henriques (Francisco da Fonseca) — Medicina lusitana, socorro delphico. Amsterdam, 1731, f.º, 1 v.

Henriques (F. da Fonseca) — Panegyricus primo Ullyssiponensis Patriarcha dictus. Ullyssip. Oc., 1717, 16.º, 1 v.

Herculano (A.) — Historia de Portugal. Lisboa, 1876, 8.º, 1 v. (o 1.º)

Herculano (A.) — Historia de Portugal. Lisboa, 1846, 8.º, 4 v.

Herculano (A.) — A reacção ultramontana em Portugal, ou a Concordata de 21 de Fevereiro. Lisboa, 1857, 8.º, 1 v.

Herculano (A.) — Poesias. Lisboa, 1851, 8.º, 1 v.

Herculano (A.) — Poesias. Lisboa, 1872, 8.º, 1 v.

Herculano (A.) — Lendas e narrativas. Lisboa, 1851, 8.º, 2 v.

Herculano (A.) — Opusculos — questões politicas. Lisboa, 1875, 12.º, 4 v.

Herculano (A.) — Historia da origem e estabelecimento da Inquisição em Portugal. Lisboa, 1854, 12.º, 3 v.

Herculano (A.) — O Monasticon. Lisboa, 1847, 8.º, 3 v.

Herculano (A.) — O Monasticon. Leipsig, 1867, 8.º, 2 v.

Historia da Ethiopia. Anvers, 1557, 12.º, 1 v.

Historia dos descobrimentos e conquistas dos Portuguezes no Novo Mundo, Lisboa, 1786, 8.º, 4 v.

Historia dos Cercos, que em tempo de Antonio Monis Barreto, Governador que foi dos Estados da India, os Achens e Jáos puzeram á fortaleza de Malaca, sendo Tristão Vaz da Veiga Capitão della — brevemente composta por *Jorge de Lemos* — Impresso com licença do supremo Conselho da Sancta e geral Inquisição — Em Lisboa em casa de Manoel de Lyra — Anno de 1585.

(Continuado do n.º 6, paginas 100)

SEGUNDA PARTE

Dos Cercos de Malaca sendo Capitão mor Tristão Vaz da Veiga

Da armada que a rainha de Japara mandou sobre Malaca

CAPITULO I

Não erao passados muitos mezes depois do assombramento mortal da armada do Achem evaescido e desfecto quando sobresaltou outro assas nosivo e pestilencial a este cansado e miseravel povo: por que a Rainha de Japâra, que tinha prometido a este imiguo ajudal-o na conquista de Malaca (como no intervallo de tempo que elle gastou de sofrego e cubiçoso em a guerrear, avendo que a podesse tomar sem sua ajuda, estivesse ordenando a gente que avia de mandar para ella) a mandou adrede e de industria, tanto que a teve ordenada e prestes, com quanto sabia de seu destroço e desbarato; porque avia que não poderia recolher-se tal que peor não ficasse a cidade; e polla mesma rasam que lhe seria mais facil desenvolver suas bandeiras no alto das muralhas della, tomal-a e defendel-a com seu poder ao proprio Achem; levada desta imaginação, que revelou e communicou aos seus ca-
N.º 7.

pitães, mandou navegar uma armada de muito perto de trezentas vellas em que entravão setenta ou oitenta juncos (que são náos á sua usança de tresentas, quatrocentas, e quinhetas toneladas) e outras embarcações que chamão *Calaluzes*, com quinze mil jáos de peleja, gente escolhida e de nação soberba de que era o general Queahidamão Regedor principal do seu Reino; e chegou a Malaca a cinco d'Outubro do anno de 74.

De como foy eleito Tristão Vas por capitão da fortaleza,
e do aviso que deste cerco mandou ao Governador da Índia
pedindo-lhe socorro.

CAPITULO II

Quis nestas angustias e afflicções tomar por instrumento do alivio dellas Tristam Vaz da Veiga, porque sendo partido, depois de desbaratar a armada do Achem, pera a Sunda, a cumprir com a obrigação de seu contracto acontesceu não achar lá commodidade para isso e voltar a tempo que podesse servir neste cerco; por que D. Francisco Anrique por doença, de que faleceu em Novembro do mesmo anno de setenta e quatro tinha cometido em sua vida o governo da fortaleza a Tristão Vaz, e nomeado em seu testamento por capitão della, por virtude de huma provisam do Viso-rey. Contendendo com tudo por seu fallecimento o Alcaide mór Pero Carvalho com elle por dizer pertencer-lhe a Capitania por razão do seu cargo: e o licenciado Martim Ferreira tambem por ser Veador da Fazenda se poz a questão em parecer do Bispo e de alguns religiosos e pessoas principaes diante do S. Sacramento, e depois de ventilada e discutida entre elles, saio elleito Tristão Vaz que começando a fazer seu officio, como via que o pedia a importancia do Cerco avisou logo delle por suas cartas polla via de Choromandel a Antonio Moniz Barreto que em Dezembro de 73 succedera na governança da India a D. Antonio de Noronha, por D. Sebastião o aver asi por seu serviço, tendo-o destinado por governador de Malaca e das mais partes do sul.

De como o governador escreveu ás fortalezas da India,
socorressem logo Malaca com mantimentos.

CAPITULO III

Sabida por elle a nova do Cerco no fim de fevereiro espalhou com muita brevidade cartas por terra a Nagapatão, e á povoação de S. Thomé e aos moradores mais ricos de Cochim para que mãdassem todos ou cada hum por si muitos mantimentos, carnes e manteigas a Malaca em quaesquer embarcações que achassem, enviando juntamente uma provisam geral para se não tomar lá nada, senão sobre preço feito a contentamento dos donos e ao feitor que pagase tudo tendo dinheiro, e não no tendo que lhes passasse certidões da receyta, para serem pagos em Goa, prometendo-lhes a fóra a paga mercês em nome d'Elréy, do que lhe requeressem e nelle coubessem. O mesmo mandou ás fortalezas do Norte. Fizeram todos muito bẽ isto e em abundancia.

Da persuasão do Governador á Cidade de Goa sobre o empréstimo que lhe pedia assegurando-lhe o pagamento com o filho que lhe deu em penhor.

CAPITULO IV

Espalhadas estas cartas para o socorro de mantimentos, se foi o Governador á Camara de Goa, e estando todo povo ahí congregado, lhe representou com os encarecimentos que lhe ministrara sua venturoza e heroica experiencia dos dous memorandos cercos de Dio, e do de Mazagão (nos quaes e em outros muitos trances tinha feito em soldado, Capitão e Capitão mór proezas estranhas) o aperto em que Malaca estava, a instancia com que clamara por socorro de gente, e armada, e o pouco cabedal que tinha para lho negociar e mandar por tanto lhe pedia quisesse emprestar vinte mil pardaos, alegando-lhe com os cidadaos seus

antepassados, que emprestaram ao Governador D. João de Castro outra tanta cõtia, e lembrando-lhe mais quanto lhe el-rey agradecería este serviço tão proprio de vassallos reaes.

Pareceo a todos dever-se fazer o emprestimo, e por que os vio o Governador algum tanto suspensos antes da cõcessam como duvidosos da paga delle, lhes disse que a não te temessem porque lha avia de fazer muito boa, quebrada nas rendas, que lhe apon-tassem, e que para segurança disso lhes dava daquella hora Duarte Moniz, seu filho em penhor para o desempenhar á custa de sua fazenda se por algum inconveniente o assim não cum-prisse. Fizeram deste emprestimo papeis em publica forma entre a cidade e o governador, em quãto Antonio Moniz (pera se não passar com o nome de dignidade e obrigação do pagamento ao que lhe nella succedesse se o elle não fizesse) e mostrarão os ci-dadãos esta desconfiança, e consentirão nos arrefens do menino, polla resignação que delle fez o pay (o qual podia ser de sette ou oito annos) por quam mal os Governadores e Visoreys pagão o que tomão e pedem emprestado: não devendo de ser assi tão pelo que á consciencia d'el-Rey toca (pois disso nasce o ficarem muitas viuvvas defraudadas de seus dotes e as orfãs de seus pa-trimõnios, a risco de serem violentadas e defloradas por neces-sidade) como tanto por não perecer seu serviço á mingoa offe-recendo-se accidentes de cercos e outras pressas tão urgentes como os destes Achens e Jáos, e mais imiguos que molestão esses estados, pera o que muitas vezes falta dinheiro (que é o nervo de Guerra) por mancar o rendimento das alfandegas com a varia-dade dos tempos, e suas revoluções, e nunca lhe faltaria naquelles vassallos seus se se tivesse andado de se lhes pagar o que em-prestassem, como se devia ter, pois pende sempre o perigo nas fortalezas com quem os imiguos cofinão por prevalecer nelles o odio que tem aos Portuguezes, que lhas defendam.

Da armada que o Governador fez para socorro de Malaca
e de como mandou por capitão mór della
D. Pedro de Menezes.

CAPITULO V

Feitos os contractos começaram os moradores correr cõ o dinheiro (que dahi a pouco lhes foi pago sem falencia alguma nas rendas das terras de Salsete, que lhes o governador tinha consignado) com elle e com outros mais que houve sobre conhecimentos seus de homẽs afazendados e amigos, fez a armada, e elegero por Capitão mór della D. Pedro de Menezes; Por que alem de ter cursado a guerra da India muitos annos, se tinha achado na do Achem em companhia de Luis de Mello da Silva, seu tio.

Foi expedido da Barra de Goa aos desassete d'Abril (que era o tempo da monçam) em huma galeaça abastecida d'artelharria, e munições, tres galés ligeiras, oito galeotas grandes e novas com quinhentos soldados pagos a dous quarteis.

Partido D. Pedro de Menezes, partio logo n'uma náo D. Miguel de Castro, provido de Capitania dessa fortaleza, por ser falecido (como fica dito) D. Francisco Anriques; e levou cem soldados da melhor soldadesca que na India avia. Partio juntamente com elle Francisco de Mello em outra náo, com outros tantos soldados e gente passageira, porque ia fazer a viagem do Japão, e devia forçado tomar Malaca. Meteo o governador em ambas estas naus muitas munições, trigo e arroz.

Do damno que fizeram os Jáos aa cidade na sua desembarcacam,
e do cerco que poseram.

CAPITULO VI

A gente da banda de Malaca quando os Jáos chegavão estava toda recolhida na fortaleza: e a da de Ilher por recolher: desta desembarcarão fora de toda a povoaçam e tão supitamente, que

a entraram té á porta da fortaleza e junto o Baluarte Santiago, sem acharem resistencia.

Matarão nesse furioso incursão e impeto terrível, alguma gente de terra, homêz e molheres, e d. Antonio de Castro, que acudio ao rumor acelerado e desarmado cõ dez soldados. (Este fidalgo tinha o governador mandado o anno atraz em huma galé, e huma caravella, com munições) A manhã já clara, se desembarcou o Campo, e foi-se o General chegando com elle pera a fortaleza e depois de alojado, assentou seus arrayaes ao contorno della, em lugares mais apropriados para seu intento fazendo suas estancias e tranqueiras.

De huma tranqueira que os cercados tomaram aos Jáos com sete berços que nella acharão e declara-se sua natureza, e a ordem que teve o Capitão Tristão Vaz na defensão da fortaleza.

CAPITULO VII

Huma que estava a trinta passos do Baluarte S. Domingos; quebravão os de dentro as avessadas polla tomar. Folgou Tristão Vaz muito de os ver tão cheios de coragem: porque avia que poderião estar sem ella com a repentina desembarcaçam de tanta e tão arremessada gente, de natureza intrepida e por bruta (porque para chegar com uma adaga matar quem deseja, se abalança, deixando-se atravessar de hum dardo, ou pique, porque corre té ao conto, de sorte que ou no meio d'elle, ou no cabo, faltando-lhe os espiritos vitaes acabe) proveo logo os baluartes de Capitães, soldados e gastadores, e mandou pôr em ordem a artelharia, cometendo a guarda da polvora a pessoa de confiança assi por quam perigosa ella hé, como tambem por pouca, e as casas todas serem cobertas de palma secca; e espalhou muitos Jáos, que na terra avia casados e com filhos, pollos baluartes entre os soldados, longe d'onde tinham suas habitações de hum bairro no baluarte de outro que mais remoto lhe ficava, e os d'outro n'outro dividindo os parentes, e amigos, e separando os com lhes dar a entender que esse era o estilo da guerra; porque

juntos não imaginassem alguma traiçã e Conspirassem para dar entrada aos inimigos, cujos parentes erã muitos delles, e muitos dos quaes antes de se vir a este rompimento, hiam á mesma cidade feyrar com suas fazendas, e se conversavam nella com muy estreita amisade. Isto feito escolheu certa copia de soldados para acudir com ella onde fosse necessario e por cevar os mais pollo alvoroço que nelles via mandou a João Pereyra e ao licenciado Martin Pereyra, dar nesta tranqueyra com cento e cincoenta soldados, fiando a dianteira de Diogo Lopez que tinha por sobre nome *o soldado*.

Sayram e tomaram-na matando setenta jaos e ferindo muitos outros e fazendo fugir os mais.

Vieram-se á fortaleza com esta victoria, desmanchada e queimada a tranqueira e com sete terços que nella tomaram.

A razão porque os jaos meteram seus navios no Rio
e de como o Capitã os manda queymar.

CAPITULO VIII

Considerando os Jaus que a sua salvação estava nas suas embarcações pollos almazens que ahi trazião, e porque nellas aviam de tornar, se lhes a fortuna fosse adversa, meteram-os no rio dos Malayos, pouco mais de meia legua da fortaleza: Visto seu fundamento: em que nenhum resguardo tiveram, mandou Tristam Vaz buscal-os ao rio por João Pereyra com uma galé e quatro fustas e alguns bateis e manchuas: chegando queimou trinta e tantos juncos e outros navios. Estavão todos bem providos de mantimentos; tomarão-se alguns que foi boa ajuda para os cercados. Não pôde entrar o rio mais a pôr fogo aos outros que ficarão: por que d'aguas quebradas e mortas, hê mao de navegar, por ser muito aparcellado e a barra baixa, e elles foram mettidos dentro com aguas vivas.

Dos Castellos de páo que os Jaos fiseram para com elles queimarem hum baluarte, os quaes lhe o Capitão mandou queimar.

CAPITULO IX

Por esta destruição cerrarão os Jáos a barra; e a fecharam com grades de madeira; e atravessarão o rio com huma estacada, e ao longo d'elle fizeram huma tranqueyra para se defender, fabricando sobre navios alguns castellos de páo para se chegarem ao baluarte de S. Thiago e o queimarem. Mandou Tristão Vaz João Pereira la com bateis apavesados, e alguns balões e manchuas (porque deste rio se provia a Cidade de muitas cousas e refrescos que elle em si tem) foi, tomou a tranqueira, desfez as estacadas, e queymou os Castellos.

Defronte do Baluarte da Madre de Deus, tinhão outra tranqueyra: sayo Fernão Peres d'Andrade a ella, e Bernardim da Sylva, com alguns soldados: foi logo tomada e abrasada.

De como o Capitão mandou dar por mar n'outra tranqueira dos Jáos, e nelle se declara o porque os Portugueses as ganhavão tão facilmente.

CAPITULO X

Como os Jáos entendião o muito que lhes importava ser senhores do rio, porque impedião com isso não se aproveitarem os da fortaleza d'elle, e elles que lograrião tudo o que dava, empregarão todas as suas forças em o fortificar: para o que n'huma noute o crusaram com outras estacadas muito grandes e com tranqueyras, e gente assentando nella artilheria miuda pera sua defesa.

Tornou Tristam Vaz a mandar João Pereyra nos bateis e manchuas, e remetendo as tranqueyras se retirou com morte de dous homens e alguns feridos: e hum delles era Manuel Ferreyra que hia por Capitão num dos bateis, a que se derão tres perigosas frechadas. Insistindo com tudo Tristão Vaz em se tomar,

mandou a Fernão Peres d'Andrade se metesse no rio em huma naveta artilhada com arrombadas por amor da sua artilheria e levou consigo os bateis bem consertados, e outras embarcações; metendo-se houve ao abalroar huma crua e aprofhada briga, que durou espaço. Todavia foi ganhada a tranqueyra e morta muyta gente ficando o rio por nosso.

Custou cada huma destas sahidas trez a quatro soldados; e não custar mais sendo os Jaos com que hião pelear tão esforçados como o atraz affirmo foi por querer Deos guardar aos seus e tambem porque alem de não terem muita noticia da arte militar, os atalhava Tristão Vaz antecipando-os com a armada, com que mandava dar nellas, primeiro que se pusesse de todo por obra qualquer que fantaziavão e maquinavão para poder depois de seguros os alojamentos, arvorar escadas e tomar a fortaleza a escala vista; porque tinhamo naquelle tempo os muros muito baixos e em muitos lugares não havia senão paus, que cingião de hum baluarte ao outro. E os jaos não usão artilheria grossa para com ella bater: por que tudo cuidão que podem render a puro braço sem artificio nenhum. Mas frustou-se-lhes o pensamento, e mentio-lhes a esperança, que os moveo a este cerco cõ a experiencia, não em cabeças alheis senão nas suas.

Da causa porque os Jaos pedirão pazes, e das condições,
que pera a accitação dellas lhes o Capitão pôs,
as quaes recusaram.

CAPITULO XI

Mandou o Capitão Tristão Vaz a Joao Pereira se deixasse estar com a armada de remo, e com a naveta na boca do rio pera lhes não poder entrar soccorro de mantimentos; dos quaes elles tendo falta, e vendo a porta fechada aos que de fora esperavão, e o pouco nojo que podião já fazer á fortalez.^a, conjecturando-o pelo intentado, mandou o Dato (que é como Bispo entre elles) pedir pazes com muitos cumprimentos e perdões do Cerco: dado que mais propriamente se puderam os seus chamar os cercados, se na

fortaleza ouvera mais sãos que doentes pera se maltratarem; porque a armada os tinha encerrados, e como presos em seus arrayaes e embrenhado nos mattos, por estarem escaldados das sahidas.

Mandou-lhes o Capitão por resposta, que lhas faria comtanto que lhe dessem os captivos, as armas e o galeão com a artilheria, que tomarão n'um dos seus portos do reino de Japara e que não navegarião nunca de Malaca pero o Achem, sem cartaz do Capitão, e que se avião de sair dentro em tres dias, navegando direitos pera Java, pollo Estreito do Sabão, não tomando terra nenhuma aquem delle; e que pera firmeza de o asi averem de cumprir avião de dar arrefens logo, porque presumia Tristão Vaz, que com pretexto de paz, se querião ir reformar a alguma parte, para tornarem com os Achens.

Pareceram aos jáos muito duras e pesadas as condições: não nas quiserão por isso aceitar deliberando-se em esperar antes pelos Achens, sofrendo fomes, que irem-se afrontados com leys tão escabrosas e intoleraveis: só os captivos disserão que darião: não lhes mandou Tristão Vaz dar disso resposta.

(Continúa).

**D. Antonio Ardizzone Spinola,
Napolitano por nascimento
e Portuguez por amor:**

APONTAMENTOS BIBLIOGRAPHICOS

I

No DICIONARIO BIBLIOGRAPHICO do nosso *Innocencio Francisco da Silva*, mencionam-se os escriptos d'este illustrado theatino, chegados então ao conhecimento do nosso bibliographo indefesso.

Menciona-se o CORDEL TRÍPLICADO D'AMOR, obra pouco vulgar, aindaque um pouco mais do que devia esperar-se, por ter sido mandada supprimir—prohibindo se a sua leitura—por *Edital da Meza Censoria* de 6 de Março do 1775.

Menciona-se a DIVINDADE PÁRTICIPADA DA VIRGEM MÃE DE DEUS, obra muito rara.

Menciona-se a FIGURA DO PECCADOR, obra rara, aindaque não tanto como a DIVINDADE, ao menos entre nós na provincia do Minho.

Mencionam-se em fim, no SUPPLEMENTO AO DICIONARIO, as SAUDADES DA INDIA na *solemnidade do apostolo S. Thomé*, publicadas com os dois primeiros nomes *D. Antonio Ardizzone*.

II

Apesar de não primarem na linguagem estes *sermões*, escriptos conforme o gôsto da epocha, são no entanto colleccionados pelos amadores bibliologicos.

As SAUDADES DA INDIA são expécimen de 1652; o *Cordel triplicado*, de 1680; a DIVINDADE DA VIRGEM, de 1682; e a FIGURA DO PECCADOR, de 1684.

São ainda escriptos attinentes a uma epocha memoravel da

nossa historia patria, como rememoradores da acclamação autonómica de 1640, desmoronadora da oppressão ferrenha dos Philippes da Hispanha contra nós.

Era alem d'isso o auctor um *religioso de grandes lettras, e de grandes noticias, como o testemunham as suas obras.*— Disse-o assim a verdade pela voz *Fr. Agostinho de Sancta Maria*, no SANCTUARIO MARIANO, no Tom. IV. pag. 376:— aquilatação litteraria, que deve addir-se no «artigo respectivo» no DICIONARIO BIBLIOGRAPHICO.

III

No mesmo logar do SANCTUARIO MARIANO, acha-se um excerpto d'uma CARTA de *D. Antonio Ardizzone* ao *Padre Manuel Fernandes*, filho illustre da Companhia de Jesus, e auctor da ALMA INSTRUIDA *na doutrina e vida christan.*

Transcreve-se nas pp. 376 e 377; e deve addir-se — como indicação catolographica — no artigo do DICIONARIO BIBLIOGRAPHICO, respectivo a este varão memoravel da religião Theatina: — Ordem que tomára o nome de Theate em Napoles, em memoria do seu illustrado arcebispo *D. João Pedro Caraffa*, um dos seus venerandos fundadores, ao depois elevado ao pontificado com o nome de *Paulo IV.*

Foi no anno de 1524, que tivera logar a instituição d'estes *Clerigos Regulares da Divina Providencia*, a que na Italia em geral se dera em regra o nome de *Cruciferos*, em virtude da cruz roixa da loba e da capa, trazida por elles no lado esquerdo.

IV

Allude-se n'este excerpto d'esta CARTA, aos desenhos iconologicos principaes de *Nossa Senhora Prenhada*, de que fôra sempre de muita devoção a Imagem da Sé de Coimbra, «exposta ao culto á ilharga da capella do Sanctissimo Sacramento».

Nas linhas antecedentes a este excerpto curioso, chama *Fr. Agostinho de Sancta Maria*, ao nosso theatino illustre, *D. Antonio Ordisono.*

É de crêr no entanto, que só por lapso de prelo se trocasse o nome a este varão insigne, que fôra o *fundador* entre nós dos conventos da Divina Providencia, erigidos em Lisboa e em Goa, na ultima metade do seculo XVII.

Basta a comprovar-nos isto o rosto do CORDEL TRIPLICADO, alem dos rostos parciaes de cada uma das *tres partes* d'esta obra.

Não foi só e unicamente fundador — como se vê no DICIONARIO BIBLIOGRAPHICO — da Casa Theatina de Lisboa, edificada em 1653, cinco annos depois da introducção d'esta Ordem na capital, em 1648, pelo mesmo varão apostolico *D. Antonio Ardizzone*.

V

Na ALMA INSTRUIDA, Tom. I. Cap. v. Doc. 5. Pag. 674, acha-se igualmente a cópia do excerpto alludido: — o que deve addir-se ainda, como indicação catolographica, no artigo respectivo do DICIONARIO BIBLIOGRAPHICO.

Abi-deve addir-se igualmente, como testemunho encomiastico de *D. Antonio Ardizzone*, a aquilatação litteraria do *Padre Manuel Fernandes*, em que lhe chama no mesmo logar — como *Fr. Francisco de Sancta Maria* ao depois — RELIGIOSO DE BOAS NOTICIAS.

VI

Alem das SAUDADES DA INDIA, do CORDEL TRIPLICADO, da DIVINDADE DA VIRGEM, e da FIGURA DO PECCADOR, possuiu tambem ainda outra obra do mesmo auctor, «das mais raras nas livrarias dos amadores», e de que não ha menção no DICIONARIO BIBLIOGRAPHICO.

Tem por titulo esta obra: — «SERMÃO DA SAGRADA COMMUNHÃO, que, na metropolitana e primacial sé de Goa, prégou o Padre *D. Antonio Ardizzone*, na solemnidade de *Corpus Christi*, aos 14 (sic) de Junho de 1645.» — Lisboa, por Antonio Alvares, 1648, 4.º — com VIII pp. inn., 126 pp. n., e II pp. inn.; e com subscripção *typographica* na p. 126.

Nas duas ultimas pp., comprehendem-se as *Licenças*, compre-

hende-se no verso do rosto a respectiva *conferencia licencial*, com a permissão competente de *pode correr*.

Depois do rosto, segue-se a *dedicatoria* a *D. Fr. Francisco dos Martyres*, arcebispo metropolitano de Goa, e primaz da India.

Antes do *texto*, e em seguimento á *dedicatoria*, segue-se uma *Epistola ad Sacros Praesbyteros, Sanctorum Episcoporum Coadjutores in solitudine animarum*.

É de *Fr. Luiz de S. João Evangelista*, e extrahida sua obra *DE ADMINISTRATIONE SACRAMENTORUM*.

VII

No rosto d'este SERMÃO, está errado o dia da festividade de *Corpus Christi*.

No anno de 1645, não foi no dia 14, mas no dia 15, que a Igreja celebrára esta festividade, como é facil de vêr de quaesquer TABUAS CHRONOLOGICAS respectivas.

No CORDEL TRIPLICADO, emendou-se devidamente esta data, ao reproduzir-se o mesmo SERMÃO, com as *licenças* desde a p. 300 a p. 416: — sendo para notar, que nas duas impressões ha algumas diferenças accidentaes, começando logo pelo *exordio*.

N'esta reproducção de 1680, não se reproduzia a *dedicatoria*, nem igualmente a *Epistola*.

VIII

As SAUDADES DA INDIA, 2.^a publicação de *D. Antonio* sem data, acham-se reproduzidas tambem no CORDEL TRIPLICADO, desde p. 583 a p. 626.

Precede-as um retrato de *D. João IV*, na idade infantil, gravado em cobre em Lisboa por *Thomaz Desdley*, de que não apparece o nome na *Lista dos Artistas Portuguezes*, devida á penna do nunca olvidavel *D. Fr. Francisco de S. Luiz*.

Era inglez de origem este gravador, do que ha mais estampas na mesma obra.

O que não se reproduziu então, em 1680, foi a *CERTIDÃO de*

D. Francisco dos Martyres, arcebispo de Goa, primaz da India, e do conselho de S. M., que se acha inserta nas 4 pp. anteriores ao texto das mesmas SAUDADES.

N'esta CERTIDÃO, expendem-se os serviços valiosos de *D. Antonio Ardizzone* na India, não só na cathechese dos povos, senão ainda tambem nos festejos publicos em Goa, na aclamação do nosso rei *D. João IV*, nos SERMÕES que prégára então na mesma cidade: — circumstancias estas, que devem addir-se tambem opportunamente no DICIONARIO BIBLIOGRAPHICO.

IX

São curiosos estes alludidos SERMÕES DA ACCLAMAÇÃO, formando o *Livro Primeiro* do CORDEL TRIPLICADO em numero de 4: — o 1.º, *Felicidade de Portugal debaixo do dominio de seus reis naturaes*; — o 2.º, *Firmeza e perpetuidade do imperio portuguez, amparado do ceo com prodigios e milagres*; — o 3.º, *Liberdade de Portugal, redimido por seu suspirado redemptor portuguez, rei e senhor*; — e o 4.º, *Declaração mysteriosa da arvore real de Jesus Christo, debuxo e pintura da 16.ª geração do sancto rei D. Affonso Henriques, e epilogo de louvores d'el-rei D. João IV de Portugal*.

No DICIONARIO BIBLIOGRAPHICO, onde são menciondos cuidadosamente os SERMÕES DA ACCLAMAÇÃO, não podem deixar de addir-se no respectivo logar estas indicações especiaes, como analogos documentos curiosos da epocha.

X

Não foi só escriptor de prosa *D. Antonio Ardizzone*. — Foi tambem escriptor em verso: — o que deve addir-se ainda opportunamente, no DICIONARIO BIBLIOGRAPHICO.

Alem d'um epigramma em latim, endereçado ao principe regente *D. Pedro*, no CORDEL TRIPLICADO; endereça-lhe ainda ahí o theatino illustre *dois sonetos*, em portuguez.

Eis-aqui a quadra 1.^a do 1.^o:

- «Este, Senhor, d' affecto triplicado
- «CORDEL, em que o amor melhor se explica,
- «D'um vassallo outro affecto vos dedica,
- «Só porque em vós se vê bem retratado.

Eis-aqui a quadra 1.^a do 2.^o:

- «Principe excelso, a cuja heroica fama
- «Celebra o mundo a dita de gosar-vos,
- «Julgando-se incapaz a tributar-vos
- «Obsequios, com que humilde vos acclama.

XI

No *Prologo* do CORDEL TRIPLICADO, assim como nos escriptos seguintes antes do *texto*, ha noticias curiosas á cêrca da Religião Theatina em geral, e dos serviços em especial que o nosso paiz lhe deve, levados a cabo com perseverança nos nossos Estados da India.

Por este lado, é esta obra um *annexo natural* da collecção dos nossos *escriptos monasticos*: — escriptos muito mais nuerosos, do que muitos dos nossos amadores de livros têm para si.

De p. XXXII a p. XXXIV, reproduz-se do SERMÃO DA COMMUNHÃO a EPISTOLA de *Fr. Luiz de S. João Evangelista*.

Braga.

PERRIRA-CALDAS.

ARCHIVO BIBLIOGRAPHICO

SUMARIO

183
183
183

NUMERO 8

COIMBRA
IMPRESA DA UNIVERSIDADE
1878

SUMMARIO

	Pag.
SUMARIO DA DESTRUISSÃO DA FORTZ. ^a DE CUNHALLE NA INDIA — por André furtado de m ^{ca} , capittaõ mor daquela ympreza	133
BREUISSIMA, E SUMARIA RELAÇAM DA VIDA DE MARTIM AF- FONSO DE SOUSA, ETC.....	139

COIMBRA

IMPRESSA DE JOAQUIM DE ALMEIDA

1871

Conditions de vente

Port 21 numéros	1800
Port 12	900
Auxiliaires	100

Les livres sont vendus au prix de la couverture
No 1200 des livres de la collection de 7 ans
On ne vend pas les livres de la collection de 7 ans
etampés au verso de la page de garde, on en vend de la collection de
cette série, la Bibliothèque de la Ville de Paris - Quinta
des Libraires - Couleurs
L'histoire des livres de la Bibliothèque de la Ville de Paris

Condições da assignatura

Por 24 numeros.....	1\$800
Por 12 »	900
Avulso	100

Assigna-se em Coimbra nas principaes livrarias.

No Porto nas dos srs. Chardron e Viuva Moré.

O pagamento das assignaturas póde ser feito em dinheiro, em estampilhas do correio portuguez, ou em vales do correio, dirigidas ao sr. D. Duarte d'Alarcão V. Sarmiento Osorio—Quinta das Lagrimas—Coimbra.

Publica-se nos dias 1 e 15 de cada mez.

Sumario da destruição da fortz.^a de Cunhalle na India
por André furtado de m^{ca} capitão mor daquella ympreza

(Continuado do n.º 6, paginas 108)

Aos 19 do ditto mez foi avisado o Capitão mor como o Samori era abalado e avia de passar a banda dos arioles coussa que nem elle nem seus antepassados fiseram somente por ver o capitão mor e se despedir delle e juntam.^o ver as tramq.^{as} e a ordem com que o Capittão mór tinha cerquado o imiguo, o qual por ver tudo se metteu em huma manchua e veio pelo rio abaixo ate omde o Capittão mór estava á borda delle esperando-o em huma tenda bem armada na qual se recolherão e loguo pelo Capitão mór foi ao Samorim ditto que pois S. A. se hia lhe nomeasse pessoa com que avia de corer e que diante delle lhe dissesse o modo com que se avia de aver com elle por q̃. depois não se offerecesse embaraço, e por que nao parasse que elle nomeava alguma loguo em presença de todos chamou o mangatache e trincharaledo seus Regedores e a seu sobrinho Mialle e os entregou pela mão ao Capitão mór e lhes disse como o aviaõ de assistir naquella empreza, e faser tudo o que plo Capittão mór lhes fosse mandado pedindo-lhes logo mais encarecidamente não desse no imiguo ate elle não vir da sua festa, que pois tantos trabalhos lhe tinha custado não queria outra satisfação mais que achar-se presente no dia do combate — elle lhe respondeu q̃. naquella empresa não podia sair da ordem que o Conde Viso Rei lhe tinha dado, mas q̃. no que elle podesse trabalharia por satisfazer o gosto que S. A. disso mostrava e por o Samorim o obrigar a lhe conseder isto que lhe pedia chamou logo os arioles pubricamente a q̃. fez huma practica e lhes persuadio q̃. em tudo fossem leaes aos portugueses e am.^{os} seus por q̃. quem o não fosse emtendesse que delle aviaõ de ter o castigo taõ rigoroso como quem ia contra sua coroa e serviço, o que os arioles responderaõ que as suas terras eraõ do Capittão mor e dos portugueses e que elles lhe

N.º 8.

tinhaõ dado Refens bastantes e que inteirameete cumpririaõ a palavra e fe q̃. lhe tinhaõ dado. O Samori se despedio do Capitaõ mór e se foi para a sua festa e elle ficou continuando com a guerra.

A mesma noute tendo aprestado o que lhe era necessario e mergulhadores foi despedir a barra e tirou todos os mastros e cadeas que a impediaõ, e mandou a Pero Roiz saisse e emtrasse por ella com sua manchua para que a todos fosse notorio como a barra estava desempedida.

Aos 26 do ditto mez foi avisado o Capittão mór por Garcia de mello capitao de Cochim per cartas que lhe mandou mostrar dos padres da Comp.^a que residem nas terras de Naique nas quaes diziaõ como o ditto naique recebera com grandes festas o embaixador do Cunhale e que tudo lhe deferia pelas grandes promessas que lhe fazia e que lhe tinha já concedido que pudesse fazer uma fortaleza em Ramanacor sitio e lugar donde com effeito se conseguira ficar este imiguo fazia muito maior dano a este estado que do sitio donde estava, e com este aviso veio a diser e conformar-se o que diziaõ os espias do Capittão mor e por aver o que naquella ponta do sul tinha os navios prestes no estreito para acolher se resumio em dar n'estas tranqueiras que nella tinha feitas p.^a este mesmo effeito e para della ofenderem e fustigarem os que a socorressem com mantimentos e monições como fazia o que o ditto Capittão mor não poude impedir nem evitar por mais guarda e deligencia que nisso fez.

A 29 do ditto mez mandou a don fernando de noronha com 500 soldados e André Rois com 300 o qual tirou da tranqueira d'onde estava para este efeito e a presidiou com a gente da sua galle e por capitão francisco ferras capitão velho e antigo cheio de esforço e experiencia. os capitães que mandou acompanhassem a don fernando são os seguintes Don Xpvão de noronha seu irmaõ que era capittão de huma gallé don Antonio Manuel Lepe de Andrade que parae feito tirou da instancia de Antonio de Brito fagassa, Don Alvaro d'Athaide, dom. de Castro, Antonio Botelho, Fernaõ Trancoso, don Luis Lobo, Joaõ de Serxas aos quaes todos mandou que o acompanhassem dando-lhe por Regim.^o e ordem que cometesse a tranqueira que estava feita pegado com a barra e

que ella ganhada se fortificasse muito bem com os petreixos necessarios a sua defensaõ que para isso lhe deu dando ordem aos capitães que sómente em o levar d'elles se occupassem.

A andré rois mandou que o acompanhassem os capitães seguintes don felipe de souza que para este efeito mandou vir da barra de Mahin donde o tinha diogo ortis, g.^o mendes de macedo fr.^o de macedo pero de mendanha, pero tavares don luis de menezes, don lopo d'almeida, gonçalo de macedo dando por ordem e régimento a andré rois, que naquella paragem onde os negros passavam o estreito com a agua pelo giolho se puzesse com esta gente e fizesse logo hu vallo na areia dando-lhe para isso enxadas e pás de ferro e sestos necessarios que d'alli senão bulisse por mais que recressesse a gente até não estar entrenxeirado e fortificado na outra tranqueira, e mandou a melchior rodriguez, e a pero de gois e a alguns soldados de Cochim particulares e a Abraham da guerra Xpvão daglha e a Simaõ de menezes que tinha com uma instancia da banda de Samorim que naquella mesma ora em parte cometesse a tranqueira ao meio de mar por aquella banda de Samorim mandando a todos estes capitães que estivessem prestes e a ponto tanto que fosse o quarto da madorra rendido e elle fizesse signal com a trombeta todos á uma arremettesem mandando a pero luiz que os navios e mais embarcações com que vijiam o rio a cima da fortalleza fosse cometendo neste mesmo tempo a tranqueira com muitas bombardadas, e assim mandou aos navios que vijiam o rio d'esta banda debaixo que acompanhassem Luiz pentiado o qual mandou que pozesse a proa acima do baluarte branco aonde estavam as galeotas e mandou a don francisco de Souza que da istancia não sahisse nem cessasse a artilharia e o mesmo mandou a Antonio de Brito Fogassa e a francisco Ferraz capitão das outras istancias e passado o quarto da madorra que por um relógio que tinha pegado com sigo se rendeu logo mandou tocar uma trombeta bastarda á qual se fizeram os signaes que elle tinha ordenado se fizessem que era assender-se em cada instancia uma chama de fogo, e este era o signal que tinha dado a pero rodriguez, a melchior rodriguez, luiz pentiado, para elles naquelle tempo fazerem

o que lhes tinha mandado por quanto não podiam ouvir o signal da trombeta: feitos os signaes cada qual pertendeu executar com esforço e animo o que lhe era mandado sendo parte estes cometimentos que mandou fazer por esta ordem para o imigo se perturbar e divertir de tal feizaõ que toda a gente desembarcou na praia sem haver quem lhe impedisse desamparando a tranqueira o mouro que por capitão de ella estava de modo que sem resistencia foram os nossos senhores d'ella. Vendo o imigo que o cometimento das outras partes não era mais que divertir e como toda a sua esperanza estava n'esta tranqueira e ponta acudiu a ella com tanto inpeto mandando sempre d'ordinario capitães e gente de secorro de modo que se baralharaõ com os nossos a espada e a lança que durou a briga todo este espaço até manhã clara, Melchior Rois pelejou valerosamente na tranqueira com a sua gente e Pero de Gois com alguns soldados de companhia romperam pelos imigos fazendo n'elles grande estrago: a Pero de Gois deram uma espingardada de que morreu e outros soldados d'esta companhia foram muito feridos.

Não trato já do animo e esforço com que André Rois e os capitães que o acompanharam e os mais que foram com don fernando se portaram porque fizeram mais do que se esperava nem se emaginava matando tantos mouros que já rompendo a manhã vendo os muitos que tinham perdido as vidas perderam os menos as esperanças e desepararam a ponta taõ segura, o capitão-mór neste tempo não estava em paragem taõ segura que não chovessem as espingardadas e bombardadas, as quaes elle não sentia tanto como os ais e gemidos dos feridos que consulando-os e animando-os e apertando-lhe as feridas os mandava á sua gallé a se curárem provendo mais os que pelejavam de munições mandando-lhe a ordem do que aviam de fazer de modo que esteve em paragem d'onde via tudo e animava a todos dando ordem ao que cumpria.

Nesta brigua morreu de huma espingardada João de Seixas, Capitão e muyto grande Cavalleiro cheo dentendimento e de experiencia e grande zeloso do serv.º de S. M. em fim, q. aos taes esta lhe é a mais serta satisfação: sahio ferido de huma

espingardada d. Lopo d'almeida, fran.^o de macedo de huma frechada G.^{co} de macedo de hua espingardada. Morrerão na brigua dez soldados, e se ferirão settenta dos quaes morrerão vinte mandando o Capittão loguo em navios lig.^{os} os feridos a Cananor a se curarem com muito din.^o e os mimos necessarios.

Desembarcou o Capittão em terra e levou consigo a artelharia q̄. avia ficar na estancia reparando-a das coussas neces.^{as} provendo-a das munições, e a q̄. poz nome — N.^a S.^a da Victoria, deixou nella p.^r Capittão mór d. fern.^o Noronha com os Capitães seguintes: d. x.^{ão} seu irmão, d. Ant.^o Manuel, d. Alvaro d'Athaide, lopo d'Andrade, d. Ant.^o de Castro, Antonio botelho, fernão trancoso, pero Tavares, d. Luis de m.^{es}, a d. fern.^o deu a ordem e vigilancia q̄. avia de ter na guarda daquella tranq.^a e vigia della pla perigosa paragem em q̄. estava e tão importante, e se embarcou esta mesma noute tendo dado ordem a André rois, P.^o de Mendanha, d. f.^o de Soussa, diogo ortiz q̄. proveo de Cap.^{ão} do navio por sua morte, e a fernão Brandão q̄. tambem proveo por morte de pero de Goes p.^a de madrugada darem na tranq.^a e goritas q̄. estavão do mar até o estreito, e a Belchior roiz q̄. comettesse pela outra banda; teve de noute hua espia q̄. lhe sertificou terem os imiguos de medo desamparado tudo; mandou loguo a André Rois e aos mais navios que tinha por poppa de sua manchua que não desembarcassem, e mandou a Belchior Roiz que com a gente que tinha e com a da terra viesse pôr foguo a tranq.^a, o que fes mandando-lhe que em hua gorita que estava pegado com o paço deixasse ficar a gente que tinha.

Foi avisado o Capitão mór a 31 á noite que o imigo queria dar na gorita donde estava Belchior Roiz, mandou ao outro dia pela manhã a André Roiz e aos mais Capitães nomeados lhe fivessem ali hua tranq.^a em que se ficassem aquelles dois dias, o que fiseram aquelles fidalgos com o zello e esforço com que sempre se empregarão em tudo o que pelo Cap.^{ão} mór lhês foi mandado.

A tres de Fev.^o mandou o Capittão mór a belchior roiz com sem portuguezes e aos christãos de S. Thomé e a gente dos piri-ches pasarem a outra banda e podendo queimasse as tranq.^{as}, e

amdré Rois que com esta gente ficasse em hum corpo no paço para o socorrer sendo necessario, dando-lhe ordem que se viesse recrescendo muita gente tocasse hua trombeta a recolher a Belchior Roiz a quem deu ordem que ouvida se recolhesse, e porque o ditto Belchior roiz por causa da maré não poude ir ante manhã como lhe mandava o Capitão mór foi dia claro por onde lhe recresceu a gente com tanta furia e impeto que visto por André Roiz tocou a trombeta a recolher porem os nossos chegarão a pôr fogo a tranq.^a apezar dos imiguos matando-lhe m.^{os} mouros e ferindo elles dez ou doze nossos, e por que André Roiz, já não tinha lugar em que em seu corpo os pelouros e ferros dos imiguos não tivessem executado seu furor lhe deram esta manhã hua espingardada na boca a qual lhe levou de ambos os lados de cima e de baixo sem passar avante e cusbindo botou os dentes e o pelouro.

(Continúa).

BREUISSIMA, E SUMARIA RELLAÇAM

Que fez de sua Vida e obras o grande Martim Affonso de sousa señor de Prado, e de Alcoentre, capitão donatario da Ilha de Tamaraça no Brasyl, que servio de capitão mor do mar da India e depois foi Governador della, á Serenissima senora Raynha dona Catherina mulher de El Rey dom João o terceiro, estando ella no governo destes Reynos, áqual Rellaçam seachou escripta de sua propria mão E letra muyto tempo depois de Elle morto, E he tam breve para o muyto, que de sua grandeza se conta, que não faz maes, que tocar à mínima parte de seus feitos heroicos, Em que semais engrándesceo, pois so disse o thema de seu progresso, de que authores de nome, poderão (ampliando) Escrever largos E copiosos Volumes, de sua tam sabida E divulgada historia, de que na India E nestes Reynos ha muy claras noticias.

(Continuado do n.º 6, paginas 105)

E acudi laa, E derãme os Portugueses lugar de muy boa Vontade, E fuy ó prim.º que por ella entrey, E tomamos a fortaleza E a mayor parte morreo pellejando muy Valentemente, E a outra capitauamos E tomey muyta artilharia, E muytas espingardas, E çento E çinquenta Cauallos.

Atormentou isto tanto Cambaya, E assy a guerra ç. lhe fuy fazendo pella costa que começarão logo á fallar em pases, E em darem Baçaym como derão no cabo do Veráo E porque de El-Rey de Cambaya se fiaua pouco assy por ser gram senhor, como mudauei muyto, me deixou Nuno da Cunha inuernando em Chaul na frontaria de Cambaya, onde estiuve áquelle Inuerno dando de comer a quinhentos homens, E no meo delle começarão os Mogerres á fazer guerra a ElRei de Cambaya, E elle me escreueo

que fosse laa, que elle me daria fortaleza em Dyo, cousa que tam deseijada Era E sobre que se tanto tinha gastado, Eu opus Em parecer desses fidalgos, E capitaens que estauão comigo, os quaes todos forão contra isso assy porque ó tempo Era aInda muy Verde, E muy perigoso para nauegar, como polla pouca confiança E segurança, que tinhão de ElRey de Cambaya.

Por cima de tudo isto, Eu me determiney a Ir, e lhes disse que não queria que por my se perdesse huma occasião tamanha, como se offerecia, que Eu não hauia de mandar á ninguem que fosse comigo, que Eu Iria có os meus criados, E que em my se auenturaua muy pouco, E em se perder huma cousa de tanto serviço de Sua Alteza se perdia muyto quiserão então Ir todos comigo E não quis leuar maes que çem homens, E deixei os Capitaens, E a outra gente fazendo prestes a armada para o que fosse necessario.

E parti com dez catures que são nauios muyto pequenos por não auenturar a armada grossa, E Chegamos á Dyo quasi perdidos de todo, E muyto arreccosos de nos não fazerẽ muyta boa hospedagé, o que foi ó contrario, porque tiue gasalhado com todas as honras, E prazeres, E abastansas do mundo, E logo me ElRei entregou ó lugar por sua mão aonde hauia de fazer a fortaleza, E me metteo de posse della, E porem com condiçáo que Eu fosse có elle pella terra dentro ajudallo na sua guerra, que Era mayor perigo que todos estoutros, mas Eu por chegar ao Cabo de hu seruiço tamanho de ElRey nosso senhor lhe concedi, E mandei recado a Nuno da Cunha, o qual Veyo có a sua armada dahy a hum mes, E começamos á faser logo á fortaleza, que naquelle Veráo ficou para se poder recolher a gente E defender nella.

Neste tempo quis ElRey de Cambaya Ir defender húmas çidades suas, que os Mogores lhe vinhão tomar, E disse que lhe cumprissem hum dos Capitulos do Conçerto, que Era que Eu hauia de Ir com elle ajudar-lhe áfazer a guerra E pedia que fossé mil

homens comigo, não pareço bem a Nuno da Cunha nem Era razão, que se auenturasse tanta gente porque hya muy auenturada, começasse ElRey a aggrauar que lhe quebrarão as capitulaçoens E a querellas tambem quebrar E aleuantarse, E eu ô amansey, E applaquei com dizer que lhe não quebraua nenhúa cousa. E do que Eu ficara có elle, porque Eu não ficara senão de Ir com elle, E não fallara em gente, que Eu Iria có elle ao cabo do Mundo E o seruiria tam Uerdadeiramente como a ElRey. E com isto se satisfes E se tornou a apaziguar â terra. E assentar a cousa que estaua toda Reuolta. E Nuno da Cunha se me lançou aos pees disendome que Eu fasia ô mayor seruiço a Sua Alteza, que nunqua homẽ fesera á seu Rey porque nunqua cudarão, que me Eu ousasse a auenturar a hum tamanho perigo.

Fuy có elle có alguís fidalgos meus parêtes E alguns meus criados que por todos eramos quarenta de Cavallo, andei có elle todo ô tempo, que elle laa andou, passamos os mores trabalhos, E os mores perigos que nunqua homem passou, porque elles não tinham guardas no seu arrayal, nem Vigia de noite, nem sabião nunqua aonde os Inimigos estauáo, que nos aconteseço entrarem doze mil de Cauallo por húa porta, E nos sairmos por outra, que nunqua o soubemos senão quando entrauíó, E por este descudo que elles tinham, nos era necessario termos as armas sempre Vestidas de dia e de noite E nunqua as tirauamos, porem tinha delle muyto bom gasalhado, E muyto bom tractaméto em extremo, E elle trasia muyto boa gente E muy grandes senhores consigo, E tudo isto Era gouernado por my, E se elles querião algúa cousa d'elle, Vinhamse amy, E duas Vezes lhe saluei todo ó seu exercito, do que elle Era muyto em conhescimento.

E hum dia me mandou diser, que o costume dos Reys de Cambaya Era quando os homens como Eu Vinhão as suas terras, dar lhe hum banquete, E dar lhe o Comer, E as Caldeiras Em que se fasia E os pratos, Em que se seruia E que isto tudo Era de ouro, E porque elle não estaua entáo em tempo para fazer

estas cousas por andar no Campo, me mandaua Vinte mil par-
daos ¹ para pratos e caldeiras.

Este he ó Dyo, que me amy tam charo custou, E que tantas
Vezes auenturei á Vida por o hauer para ElRey nosso senór, E
este mesmo he o por que tem feitas tantas merçes a homens nesta
terra, porque defenderão sua Vida E sua honra, E estes seruiços
de çerquos, onde quer que se tracta guerra E os mereçimentos
delles são Julgados por quem o não entende, E a cousa que
menos se pagua, porque muita differença Vay de seruiços for-
çados á Voluntarios.

Acabadas estas guerras Vim com Nuno da Cunha inuernar a
Goa, E no Cabo do Inuerno Veyo noua como ô Camorim, que,
he Rey de Calicut queria entrar nas terras de ElRey de Coçhim
que he cousa muy prejudicial ao seruiço de ElRey nosso senór,
E a sua carregada pimenta, E fuy logo defenderlhe o passo, E o
fis Ir do lugar, onde estaua, E querer passar por outra parte, E
indo Eu Ver o passo por onde elle determinaua de passar para
faser huns repairos, E por húa artilheria para defensão do passo
hyão comigo outenta portugueses, E dous mil homens dos da
terra com hú senór delles, E estando nos muyto sem cuidado
disso, da sobre nos ElRey de Calicut com Vinte mil homens, E
porque parecia cousa muy desigual peleijar tam pouca gente com
tanta, forão todos em parecer que nos deuiamos de recolher, ou
acolher, E esse mesmo fóra ô meu se me a my pareçera que
Era aquelle o partido maes seguro, mas porque corriamos ainda
mor risco em nos acolher, ao menos era morrermos maes deshon-
radamente, E assy ó dei a entender aos homens que comigo esta-
uão, E determinamos de peleijar, porque Era o partido ó maes
honroso E encomendamonos a Deos, E mandei tocar as trom-

¹ Moeda da India, que vale 300 réis pouco mais ou menos. Vid. Moraes,
Dicc. da Lingua Portugueza.

bettas leuando o senór da terra pella mão çorando por lhe parecer que se hya sacrificar, E tanto que aballamos p.^a elles, que Vinhão Ja para nos, E que as nossas espingardas começarão á laborar, elles se teueráo, E tornaráo um pouco atras, que foi ò mayor praser, que nunca Vi, me detiue tambem, E elles entáo Viraráo, E se foráo o que parece, que foi Cousa milagrosa, E assy o foi porque elles disião, que não quiseráo pelejar com tanta gente, que lhes pareceo que eramos trinta mil homens.

E porque El Rey de Repelim Era o que otrazia E o queria metter por suas terras, E era muy contrario de ElRey de Cochim, E de todos os desta parcialidade, me pareceo bem Ir dar sobre elle E o destruir, E para Isto se ajuntou El Rey de Cochim, E todos os Reys seus amigos porque Era elle muyto poderoso, E tinha muyta gente, E muyta ajuda de El Rey de Calecut E fomos todos pella térra dentro duas leguas E porque desembarcamos tarde, foi necessario dormir no caminho, aonde começou á Vir á noua, que muyta a gente que estaua contra nos. Começou á entrar ò medo nos Reys que ally hiáo, E aquella noite fugiráo todos, assy que pella manhã Eu me açhey só com a gente Portuguesa, que Era hú bom golpe de muy boa gente, E determinei de dar no lugar, porque me pareceo Vergonha tornar para tras, E dei nelle que he húa cidade muy grande, E estaua muy chea de gente, E muy bem aperçebida, E foi tomada, E saqueada E queimada E feito grande destorço em toda a terra, Isto fez que nunca maes ElRey de Calecut intentou de passar, né nenhum dos señores de Malauar ó ousar de ajudar E nestas cousas todas Era Eu capitão E soldado.

Passado o Verão, Eu Vim inuernar a Cochim có toda â armada, onde estiué aquelle Inuerno fazendome prestes para no Verão seguinte tornar a fazer a guerra â El Rey de Calicut, E neste tempo determinarão os Turquos de Vir a India E se cartearáo com El Rey de Calicut, E mandou fazer á armada prestes, E fezeranse áquelle Inuerno çem nauios de Remo fustas muy grandes, E muy fermosas, como galeotas muy çeas de arti-

lharia, E de muy boa gente de guerra, como estes mouros malauares são que não fazem nenhuma Vantage os Turquos.

E tanto que o Verão entrou, começarão a sahir estas armadas, çinquenta nauios de hú golpe, que era a flor de toda esta armada, E os outros espalhados, E forão fasendo muyto nojo nos nauios Portugueses, E nas naos, que Vinháo para qua, E lhe mataráo dous capitaens, sem Eu a Isso poder Valer porque os nauios que trazia Erão muy Velhos, E muy carregados, E os seus muy leues E muy esquipados, que se sayáo de my cada uez, que querião, e Vime tam desesperado, que me foi neçessario deixar a ármada E Irme a Coçhim E faser prestes Vinte E dous nauios de Remo, Em que me metti com a melhor gente da armada E fuy em busca destes çinquenta nauios Laa ao cabo de Comorim Leuando elles a Viagem de Ceiláo para o Irem tomar E destruir, E alcanseyos antes que attrauessassem, E peleiiei có elle desde ante manhã áte as dez horas do dia, E foi húa muito renhida cousa porque me feriráo a mayor parte da gente que leuaua, E me mataráo muyta, E eu fui de húa espingarda tam mal tractado, que ainda agora cada lúa estou aleijado della, mas Deos por sua misericordia, me quis dar a Victoria desta batalha, E lhe matei muyta gente, E a outra se lançou ao mar, E se acolheo a térra por estarem pegados com ella, E lhe tomei os nauios E toda a artilheria, que foráo trezentas pessas de artilheria, e duas mil espingardas, E muitos Portugueses, que trasiáo presos a banco E muitos Cales, E ornamentos de Igreijas, que elles tinháo Roubadas, tudo isto mandei para Coçhim entregar nos almazens de Vossa Alteza, E eu fuy á Ceiláo, onde a gente delle vinháo beijar os pees aos Portugueses, hauendo, que os Remiráo, E o Rey me deu Vinte mil crusados, que trouxe, E entreguei a fernáo Roiz de Castello branco para comprar pimenta no Inuerno, que Era entáo Veedor da fasenda, E tanto que cheguei á Coçhim soube como andaua outra armada pella Costa de trinta Velas fazendo muyto nojo.

Fisme logo prestes para Ir em busca dellas, E porque trazia

á mayor parte da gente ferida, não tiue esquipação para mais que para quatorze Vellas, E có ellas me fuy em busca delles, E encontreyos defronte de Cananor em amanhescendo, E elles se Vieráo direitos amy, E começamos á peleijar com toda á gente do lugar posta nos muros, que Vem sobre o mar para Verem á batalha, a qual durou áte a Vespóra, com meferirem á mayor parte de toda á gente, E me mataráo dezouto homens, E era ô mar tam Vermelho deorredor dos nauios assy sangue dos nossos, como dos seus, que Era cousa muyto medonha de Ver, E por derradeiro approuue a Deos denos dar á Victoria, E matamos á mayor de toda á gente delles, E aoutra que ficou Viua mandei toda enforçar na praya de Cananor por muytas crueldades que elles tinháo feito a Portugueses que tomaráo.

Fiquei andando despois pella Costa até que de todo a acabei de alimpar E tomei aInda outras dez fustas de maneira que foráo aquelle anno oitenta E quatro, que Era á armada que estaua para se ajunctar com os Turquos, á qual se se ajuntara, fora o negocio da India acabado de todo.

Estes nauios Eráo todos cheos de artilheria E de muy Valente gente, E de muytos artificijos de fogo, E se Andre doria isto fezera, teuera ainda muy diferentes honras, E maes das que tem, ainda que as tem muyto grandes, porque nunca elle fes cousa como esta, que assi sabem la acreditar os homens, E honrar a térra porque dar lustre E favor as Victorias dos Vassallos, honra he do Rey, E do Reyno.

¹ No Veráo que Veyo, Vieráo os Rumes E se tornaráo com fazer pouco maes de nada E tornados me Vim Eu para este Reyno, onde ElRey nosso señr, que sancta gloria aja me fez muyto

¹ Á margem encontra-se escripto com lettra quasi apagada e inintelligivel a seguinte nota = an. 1538 =, cujo autor é o mesmo d'aquellas que temos já mencionado.

gasalhado, E muyto fauor E nenhuma merçe, E isto foi na Era de trinta E nove.

Na Era de quarenta e hum, me mandou Sua Alteza a India por Governador sem lhe Eu nunca nisso fallar como Vossa Alteza deue ser bem lembrado, antes requiria cousa muito diferente, porem por fazer o que Sua Alteza mandaua fuy, E achei a terra tam perdida, E desbarattada, que verdadeiramente, á não conhesci, porque os fidalgos estauáo todos espalhados por essas fortalezas, E muytas fustas aleuantadas, que faziáo muyto nojo pella terra, E a gente da India tam pobre, que andauão de noite dando brados pella Rua, pedindo esmolla pello amor de Deos.

Tudo isto foi logo remediado, porque para a necessidade dos soldados, ordenei logo fidalgos, que lhe dessem mesas, E comecei á entender na fazenda de Sua Alteza E appertar com os feitores, de maneira que houue dinheiro, com que comecei á fazer pagamentos a esta gente pobre, E mandei lançar pregáo, que todo o homẽ, que maes andasse pedindo esmolla, fosse açoutado publicamente.

E como se a gente Vio farta E paga não houue mais Roubos, nem furtos, como de antes hauia, mas ficou tudo em sossego E elles muito contentes; os fidalgos se Vieráo logo todos para my, E mandei apregoar em todos os lugares, E fortalezas da India, que todo o homẽ aleuantado se Viesse logo para my dentro de certo tempo, porque os hauia por perdoados, E o que ô não fizesse não esperasse de my nenhuma misericordia, E a mos parte d'elles se Vieráo entregar com nauios, E artilharia, e os que não Vieráo mandei armar sobre elles, E tiue tal maneira, que os houue todos as mãos, e fiz nelles grandes Justiças, com que a terra ficou tam sossegada, como nunca antes esteue, nem depois.

E pello credito que Eu na terra tinha no tempo que nella andara, me mendaráo logo todos os Reys seus embaixadores á

fazer pazes comigo, E eu as fiz, E todo o tempo que na India estiue, Elles esteveráo tam sossegados, E obedientes, como se foráo Vassallos de El Rey nosso senór.

Isto feito comecei a ententer nas Rendas, E fazenda de Sua Alteza E a polla em ordem, E arrecadação, porque não se hauia nunca hú Real della, E nos primeiros arrendamentos que logo fiz, acresçentei duzentos mil pardaos de Renda cada annó E assy com isto, como com Vir a boa arrecadação tudo ò que as Rendas rendião, pude desindiuidar Sua Alteza de dozentos mil pardaos, qve deuia, quando á India çeguei, de que corriáo Interesses, E em tres annos, que governei acresçentei çento E setenta mil pardaos destas Rendas da India que puz na carga da pimenta dáquelles annos por me de qua mandaré tam pouco dinheiro, que sem isto não podera mandar tantas, E tam boas cargas, como mandei em todo ó meu tempo, porque ò primeiro annó por ter muytas naos para carregar, mandei cinquenta E dous mil quintaes de pimenta, E drogas, E os outros annos seguintes pella mesma maneira todas as naos muyto bem carregadas.

E de tal maneira me prouia em todo o meu tempo de toda a pimenta, E drogas que me foi neçessaria, que não houue qua quebras, assy que á soma que fez as cargas, que qua mandei juntamente com ó dinheiro que mandei e trouxe chegou a muito perto de çinco contos de ouro, o que Vossa Alteza bem pode saber da casa da India por que por certidáo della se fez esta conta Por muyto menos queisto fezeráo Mallagasca Bispo de Palencia com Vinte mil cruzados de Renda.

Todo ó tempo que na India estiue paguei soldo, E mantimento á toda á gente em geral a quarteis com bandeira posta, sem nunca em todo ó meu tempo homé ficar por pagar, E ordenei à matricula de feição, que se não podesse pagar, nenhúa outra gente, senáo â que andaua em seruiço de Sua Alteza que podião ser áte çinco mil homens, E antes disto se pagauáo maes de

dez mil E o que senisto encurtou de despeza, foi grande parte para me sempre sobeijar dinheiro porque importaua muyto, E este dinheiro ficaua todo pellos officiaes de El Rey.

Puz em ordem á Justiça, porque per Remissão dos governadores passados hauia tanto numero de feitos por despachar, que foi muy grande trabalho hauellos de Esgottar, As cadeas da India Eráo tam çheas de gente pello muyto pouco despacho que havia como as daqui.

Ordenei fazer per minha pessoa audiencia cada mez, E ally todos os que não estauão por casos á que era necessario dillaçõens Eráo Verbalmente despachados de maneira que nunca na Cadea hauia de dez doze presos acima Soendo ordinariamente de hauer húa grande multidão.

Nos hospitaes gastaua ElRey nosso S.^{or} muyto dinheiro, de que os doentes hauião muy pequena parte, E os seus officiaes quasi toda, E por tirar este inconueniente ajústeyos com a Misericordia, que foi hum grande seruiço de nosso seõnor, E de sua Alteza, por quanto melhor curados foráo os doentes dahy por diante, E porque isto não arrefeçesse, hya todas as Sestas feiras ouuir missa ao hospital onde estaua E tomaua larga informação de como a casa Era seruida.

(Continúa).

Obras concernentes á Historia de Portugal, existentes nas Bibliotheca da Universidade — Nota extrahida dos Catalogos da mesma Bibliotheca, de junho de 1877.

(Continuado do n.º 6, paginas 116)

Historia de Portugal composta por uma sociedade de Litteratos, etc. — trad. em portuguez por A. S. M. e S. Lisboa, 1802, 8.º, 4 v.

Historia da fundação do Convento do Louriçal de religiosos Capuchos, etc. Lisboa, 1750, 4.º, 1 v.

Homem (fr. Manoel) — Memoria da disposição das armas castelhanas que invadiram Portugal em 1580. Lisboa, 1763, 4.º, 1 v.

Homem (P. Manoel) — Ressurreição de Portugal e morte fatal de Castella. Nantes, 1637, 1 v.

Horta (Jos. Maria de Ponte) — Relatorio sobre a Exposição universal de Paris, 1856. Lisboa, 1857.

Hurtado (fr. Barth. Joseph.) — El portuguez exemplar. — Vida de fr. Juan de S. Boaventura. Sevilla, 4.º 1 v.

Incarnatione (Thom. ab) — Historia Ecclesiae lusitanæ. Colimbricæ, 1759, 4.º, 4 v.

Introdução aos Mercurios historicos de Portugal, na qual se dá noticia da origem, progressos e estado das presentes guerras da Europa, e de outros sucessos memoraveis do anno de 1758. Lisboa, 1759, 18.º, 1 v.

Introdução de principes sobre a politica dos jezuitas. Lisboa, 1760, 16.º, 1 v.

Introdução pastoral do Ex.º Bispo de Beja, etc. Lisboa, 1784, 16.º, 1 v.

Index Codicum Bibliotheca Alcobaticæ. Olissipone, 1775, f.º, 1 v.

Indice chronologico dos Pergaminhos e Foraes existentes no Archivo da Camara municipal de Coimbra. Coimbra, 1875, f.º, 1 v.

Indices e summarios dos livros e documentos mais antigos e importantes da Camara Manicipal de Coimbra, (2.ª p.).

Indice remissivo de legislação novissima de Portugal comprehendendo os annos de 1833 a 1869 compilado por F. de Lancastre. Lisboa, 1869, 4.º, 1 v.

Informações para a Estatistica industrial, publicadas pela Repartição dos pezos e medidas. Districto de Leiria e Funchal. Lisboa, 1863, 8.º, 1 v.

Informação de direitos sobre a duvida que ha entre a jurisdicção real de S. M. e a religião de Malta no caso e demanda que correo entre o Dr. João de Frias Salazar e Sebastião Pacheco Corte Real, commendador de Pontevel.

Ignacia (sor. Margarida) — Apologia do P. Antonio Vieira. Lisboa, 1727, 4.º, 1 v.

O Instituto — jornal scientifico e literario. Coimbra, 1853, etc., f.º e 4.º, 27 v.

Inquerito acerca das Repartições da Marinha por uma Commissão da Camara dos Deputados. Lisboa, 1856, f.º, 2 v.

L'India orientale suggestata al Vangelo. Roma, 1653, 4.º, 1 v.

A Imprensa nacional e seus productos, por um empregado d'este Estabelecimento. Lisboa, 1862, f.º, 1 v.

Jesus (fr. Raphael) — Castrioto lusitano (p. 1.ª). Lisboa, 1679, f.º, 1 v.

Jornal de Coimbra. Lisboa, 1812-1819.

» da Sociedade litteraria patriotica (1.º trimestre). Lisboa, 1822, 4.º, 1 v.

Jornal da Sociedade agricola do Porto. Porto, 1856, 8.º, 4 v.

» das Sciencias medicas de Lisboa (2.ª serie). Lisboa, 1847 a 1864, 8.º, 24 v.

S. José (Jeronimo) — Historia chronologica da Ordem da SS. Trindade. Lisboa, 1789, f.º, 2 v.

S. José (fr. Caetano) — Vida do B. fr. Simão de Roxas da ordem da SS. Trindade. Lisboa, 1772, 8.º, 1 v.

Jus succedendi in Lusitanix regnum D. Catharinæ regi Emmanuelis ex Eduardo filio nepotis. Parisiis, 1641, f.º, 1 v.

Lacerda (D. Bernarda Ferreira) — Soledades de Bussaco. Lisboa, 1634, 8.º, 1 v.

Lacerda (D. Fernando Corrêa) — Panegyrico ao Ex.^{mo} Sr. D. Antonio Luiz de Menezes, Marquez de Marialva. Lisboa, 1674, 4.º, 1 v.

Leal (Antonio Henriques) — Apontamentos para a historia dos Jesuitas no Brazil. Maranhão, 1874, 8.º, 3 v.

Leal (Antonio Henriques) — Pantheon maranhense. Lisboa, 1874, etc., 8.º, 3 v.

Leão (Manoel) — Triumpho lusitano, etc. nos desposorios de El-rey D. Pedro 2.º com Maria Sophia de Baviera. Bruxellas, 1688, 4.º, 1 v.

Leys e Provisões que El-rey D. Sebastião fez depois que começou a governar.

Licções elementares de geographia e chronologia com um Atlas, etc. Coimbra, 1830, 4.º, 1 v.

Ligne (Principe de) — Panegyrico a El-rey D. Pedro 2.º Lisboa, 1685, f.º, 1 v.

Lima (Francisco Bernardo) — Gazetta litteraria, Obra periodica. Porto, 1761, 4.º, 2 v.

Lima (J.) — Noções elementares de chorographia portugueza. Coimbra, 1875, 8.º, 1 v.

Lima (D. Luis Caetano) — Geographia historica de todos os Estados soberanos da Europa. Lisboa, 1734, f.º, 2 v.

Lima (Dr. M. Pires de) — Discursos em 1876. Lisboa, 1874, 8.º, 1 v.

Lima Bezerra (M. Gomes) — Os Estrangeiros no Lima. Coimbra, 1791, 4.º, 2 v.

Lisboa (fr. Marcos) — Chronica dos frades menores. Lisboa, 1614, 4.º, 3 v.

Lista dos Cavalleiros, Freires, Capellães Conventuaes, ser-ventes d'armas do V. Priorado de Portugal. Lisboa, 1800, 8.º, 1 v.

Livro velho das linhagens de Portugal no seculo 13.º 1737, f.º, 1 v.

Lobo (Francisco Rodrigues) — La jornada de Filipe 3.º al reino de Portugal. Lisboa, 1623, 4.º, 1 v.

Lopes (Fernão) — Chronica del-Rey D. João 2.º, Lisboa, 1644, f.º, 1 v.

Lopes (João Baptista da Silva) — Relaçam da derrota naval, façanhas, etc. dos Crusados que partiram do Escalda para a Terra Santa em 1189. Lisboa, 1844, 4.º, 1 v.

Lopes (V. J. Silveira) — Compendio de Chorographia portugueza. Lisboa, 1851, 16.º, 1 v.

Lucena (Francisco) — Historia da vida de S. Francisco Xavier. Lisboa, 1600, 4.º, 1 v.

Ludovicus (Emmanuel) — Theodoricus lusitanus.

S. Luiz (Fr. Francisco, Cardeal Saraiva) — Obras completas (em publicação).

Lusitania vindicata.

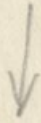
Lusitano (Candido) — Vida do Infante D. Henrique. Lisboa. 1758, f.º p., 1 v.

Lusitano (Salanio) — Discursos politicos y militares en la vida de D. Nuno Alvares Pereira. Zaragoza, 1678, 4.º, 1 v.

Lyra (Antonio Veloso) — Espelho de Lusitanos em o Christal do Psalmo 43. Lisboa, 1753, 4.º, 1 v.

Macedo (Antonio de Sousa) — Flores d'Espanha, excelencias de Portugal. Coimbra, 1737, f.º, 1 v.

Joam



Macedo (Antonio de Sousa) — Flores d'Esanha. Lisboa, 1631, 4.º, 1 v.

» » » — Eva e Are. Lisboa, 1700, f.º, 1 v.

» » » — Armonia politica. 1651, 4.º, 1 v.

» » » — Mercurio portuguez historico. Lisboa, 1663, 4.º, 1 v.

Macedo (Antonio de Sousa) — Ulyssipo (poema). Lisboa, 1640, 8.º 1 v.

Macedo (Antonio de Sousa) — Caramuel convencido en su livro intitulado — *Philippus prudens*. Londres, 1642, 4.º, 1 v.

Macedo (Antonio de Sousa) — Genealogia regum Lusitanæ. Londini, 1643, 8.º, 1 v.

Macedo (Antonio de Sousa) — Decisiones Sup. Sen. Justitiæ lusitani. Conimbricæ, 1734, f.º, 1 v.

Macedo (Duarte Ribeiro) — Obras. Lisboa, 1767, 4.º, 1 v.

» (fr. Francisco) — Carmina Selecta. Ulyssip., 1683, 8.º 1 v.

Macedo (fr. Francisco) — Vita Teresiæ reginæ Legionis, et Sancix. Romæ, 1662, 18.º, 1 v.

Macedo (fr. Franciscus a S. Augustino) — Obras. Parisiis, 1648, 4.º, 1 v.

Macedo (fr. Francisco de S. Augustin) — Propugnaculum lusitano-gallicum contra calumnias hispano-belgicas. Parisiis, f.º, 1 v.

Macedo (Francisco Millis) — Allegaçam de Direito sobre a suçessam da Casa d'Aveiro, a favor de D. Pedro de Lancastre, Conde de Villa-nova. Lisboa Oc., 1719, f.º, 1 v.

Macedo (Joaquim Ant.) — A guie to Lisbon and its environs. Lisbon, 1824, 8.º, 1 v.

Macedo (Joaquim Manuel) — Noções de Chorographia do Brazil. Rio de Janeiro, 1873, 8.º, 2 v.

- Macedo (J. Agostinho) — O Oriente. Lisboa, 1814, 8.º, 2 v.
- Madeira (P. Andr.) — Judicium magistrorum Soc. Jesu. Sem front. 16.º, 1 v.
- Manso (Visconde de Paiva Manso) — Historia ecclesiastica ultramarina. Lisboa, 1872, 8.º, 1 v.
- Manuel (D. Francisco) — Epanaphoras de varia historia portugueza. Lisboa, 1676, 4.º, 1 v.
- Manuel. Eco politico — responde em Portugal á voz de Castella. Lisboa, 1645, 4.º, 1 v.
- Manuel. Aula politica, curso militar. Lisboa Oc., 1720, 4.º, 1 v.
- Manuel (D. Francisco) — A Fenix renascida. Lisboa, 1746, 12.º, 5 v.
- Mappas geraes do Commercio de Portugal, 1865, 1866 e 1867. Lisboa, f.º, 2 v.
- Mappa Chronologico de Portugal. Lisboa, 1815, 8.º, 1 v.
- S. Maria (fr. Agostinho) — Historia da admiravel vida de M. Brigida de S. Antonio. Lisboa, 1701, 4.º, 1 v.
- S. Maria (fr. Agostinho) — Historia da fundação do Real Convento de S. Monica de Goa. Lisboa, 1699, 4.º, 1 v.
- S. Maria (fr. Agostinho) — Rosas do Japão e da Cochinchina, etc. Lisboa Occ., 1724, 4.º, 1 v.
- S. Maria (fr. Agostinho) — Historia tripartita, etc. Lisboa Oc., 1724, 4.º, 1 v.
- S. Maria (fr. Agostinho) — Adeodato contemplativo, etc. Lisboa, 1713, 4.º, 1 v.
- S. Maria (fr. Francisco) — Anno historico, etc. Lisboa, 1714, f.º, 3 v.
- S. Maria (fr. Francisco) — O ceo aberto na terra — historia das congregações seculares de S. Jorge em Alga de Veneza e de S. João evangelista em Portugal. Lisboa, 1697, f.º, 1 v.
- S. Maria (F. Francisco de) — Justa defensão em três satisfa-

ções apologeticas a outras tantas invectivas do P. Manoel dos Santos contra a Chronica da Congregação evangelista do mesmo author. Lisboa, 1711, 8.º, 1 v.

Maria (fr. José de Jesus) — Academia singular e universal, historica, moral, etc. Lisboa Oc., 1737, f.º, 1 v.

Maria Santissima (fr. Manoel) — Historia do R. Convento e Seminario do Varatojo. Porto, 1800, 8.º, 2 v.

S. Maria (fr. Nicolao) — Chronica da Ordem dos Conegos Regrantes de S. Agostinho. Lisboa, 1668, f.º, 1 v.

Marques Pereira (Nuno) — Compendio narrativo do Peregrino na America. Lisboa, 1731, 4.º, 1 v.

Marte portuguez contra emulaciones castellanas. Lisboa, 1642, 4.º, 1 v.

S. Martinho, Bracarense — Vida e opusculos — impr. por ordem de D. fr. Caetano Brandão. Lisboa, 1803, f.º, 1 v.

Mascarenhas (Bras Garcia) — Viriato tragico. Coimbra, 1699, 4.º, 1 v.

Mascarenhas (João Carvalho) — Memoravel relação da perda da náu *Conceição*, que os turcos queimarão á vista da Barra de Lisboa. Lisboa, 1627, 4.º, 1 v.

Mattos (P. Francisco) — Vida chronologica de S. Ignacio de Loyola. Lisboa Oc., 1718, f.º, 1 v.

Mealhada (fr. Manuel) — Promptuario historico, etc. Coimbra, 1750, 4.º, 3 v.

Meireles (D. Emmanuel) — Relation des conquetes faites dans les Indes par le Marquis de Castello Melhor, conde de Assumar. Paris, 1649, 8.º, 1 v.

Mello (Francisco Eleuth. Faria) — Memoria sobre a vida de D. Fr. Alexandre Lobo. Lisboa, 1844, 8.º, 1 v.

Mello e Castro (Julio) — Historia panegyrica da vida de Dinis de Mello e Castro. Lisboa, 1752, 8.º, 7 v.

Mello Freire (Pasch. Jos.) — Historia Juris civilis lusitani. Olisip., 1788, 4.º, 1 v.

Mello Freire (P. J.) — Historia Juris civilis lusitani. Conimbricæ, 1853, 8.º, 1 v.

» » Historia Juris civilis lusitani. Conimbricæ, 1842, 8.º, 1 v.

» » Projecto de um novo regimento para o S.º Officio, f.º, 1 v.

Memoires du Marquis du Pombal. Lisbonne, 1784, 8.º, 2 v.

Memorial do Geral da Ordem de Christo a D. João 4.º Lisboa, 1648, f.º, 1 v.

Memorias historicas. Lisboa, 1794, 8.º, 2 v.

» geneologicas dos Tenentes generacs Leites. Lisboa, 1838, 4.º, 2 v.

Memorias para a historia da Inquisição de Portugal. Lisboa, 1815, 4.º, 1 v.

Memorias historicas da Universidade de Coimbra mandadas redigir por occasião do Centenario, 1872.

Memorias para a vida da B. Mafalda, rainha de Castella. Coimbra, 1814, 8.º, 1 v.

Memorie storiche del Portugallo. Torino, 1682, 8.º, 1 v.

Mendes Pinto (Fernão) — Peregrinações. Lisboa, 1673, f.º, 1 v.

» » » — en español, trad. por F. Herrera Maldonado. Madrid, 1664., f.º, 1 v.

Mendes de Vasconcellos (Luiz) — Do sitio de Lisboa, etc. Lisboa, 1786.

Mendes da Silva (Rodrigo) — Catalogo real genealogico de España. Madrid, 1656, 4.º, 1 v.

Mendo (R. P. Antonio) — Bullæ cruciatæ elucidatio. Lugd, 1669, f.º, 1 v.

Mendonça (Hieron.) — Jornada de Africa. Lisboa, 1607, 4.º, 1 v.

» » (Lourenço) — Suplicacion a S. M. Cath. em deffesa de los portuguezes. Madrid, 1630, 4.º, 1 v.

ARCHIVO BIBLIOGRAPHICO

1873

NUMERO 9

COIMBRA

IMPRESA DA UNIVERSIDADE

1873

SUMMARIO

	Pag.
HISTORIA DOS CERCOS DE MALACA — por Jorge de Lemos. .	157
BREUISSIMA, E SUMARIA RELAÇAM DA VIDA DE MARTIM AF- FONSO DE SOUSA, ETC.	168

THE HISTORY OF THE

REIGN OF

CHARLES THE FIRST

BY

JOHN BURNET

OF

ST. ANDREW'S COLLEGE

EDINBURGH

PRINTED BY

JOHN BURNET

Condições da assignatura

Por 24 numeros.....	1\$800
Por 12 » 	900
Avulso	100

Assigna-se em Coimbra nas principaes livrarias.

No Porto nas dos srs. Chardron e Viuva Moré.

O pagamento das assignaturas póde ser feito em dinheiro, em estampilhas do correio portuguez, ou em vales do correio, dirigidas ao sr. D. Duarte d'Alarcão V. Sarmento Osorio—Quinta das Lagrimas—Coimbra.

Publica-se nos dias 1 e 15 de cada mez.

Historia dos Cercos, que em tempo de Antonio Moniz Barreto, Governador que foi dos Estados da India, os Achens e Jaos puzeram á fortaleza de Malaca, sendo Tristão Vaz da Veiga Capitão della — brevemente composta por Jorge de Lemos — Impresso com licença do supremo Conselho da Sancta e geral Inquisição — Em Lisboa em casa de Manoel de Lyra — Anno de 1585.

(Continuado do n.º 7, paginas 126)

SEGUNDA PARTE

Dos Cercos de Malaca sendo Capitão mor Tristão Vaz da Veiga

De como os Jaos tornarão falar nas parco, persuadindo o Capitão a lhas conceder com a certeza da vinda do Achem em seu favor.

CAPITULO XII

Dahi a cinco ou seis dias tornou o Dato repetir sua profia per cartas, affirmando que tinha os Jaos domesticos, e brandos pera delles fazer o que quisesse: o que não poderia ser depois dos Achens chegados. De cuja partida tinha muita certeza per huma carta sua, que lhe ahi fora dada polla via do Raialle Rey de Jor, e Bintão, que tambem favoreceo secretamente os Achens nesta guerra, que fez a cidade de Malaca: o que he causa da sua armada poder andar muito tempo nesse Arcepelago porq̃, pollo não ter no passado, não gastava nelle mais que dez, doze, quinze dias: e agora polla amizade que tem com este Rey pode gastar os que quizer: Mandou o Dato a carta á fortaleza, para N.º 9.

persuasam de sua verdade: foy vista, e conhecido o sello do Achem. O qual lhe dava nella desculpas de naõ esperar polla armada da Raynha, pera yr com a sua (como estava concertado entrambos) cercar Malaca: porque cudara por hum certo respeito, que sô a pudesse tomar, e ficar assi escusando a despeza â Raynha, e o trabalho aos seus, e que não era ja ahi conforme o termo limitado: porque pelejando com a armada dos Portuguezes, tivera huma tormenta, que o forçara volverse ao seu porto, com perder algumas galês, e levar outras abertas: pollo que lhe fora necessario refazellas, e apparelhar outras, que estavam no seu Arcenal acabadas de novô: mas que sem falta seria com elle na Lua que esperava (que he o mesmo que dizer a tantos de tal mes, ou porque he costume dos Mouros dessas partes naõ emprender nada, senaõ depois da appareçam da Lua nova, regulando seus lauspicios, e agouros de boa ou ma fortuna, pollos sinaes que vem fusilar nella, ou em seu Emispherio, e Orisonte) e não mentio o Achem ao Dato, em lhe escrever precisamente que perdera galês: porque se sabia polla via dos renegados, que lhe comera o mar alguãs, e com outras dera â costa na noite immediata, e subsequente ao dia da batalha, em que lhe nossa armada queymou quatro e desbaratou outras, que todavia encobrio na carta por não diminuir de sua reputação.

CAPITULO XII

De como o Capitaõ deu lugar a se lhe falar nas pazes,
para se poder prover de mantimentos,
e por lhe constar da vinda do Achem.

CAPITULO XIII

Pareceo ao Capitaõ Tristam Vaz boa a ocaziã das pazes em que lhe o Dato segundava, ou falsa ou verdadeiramente, pera se poder prover, durante o trato dellas, dos mantimentos que a Raynha mandara aos seus em seys juncos (que vindo de mandar o rio, viraraõ pera Jor, trinta e quatro legoas de Malaca, por

averem vista da armada de Joaõ Pereyra) porque sabia por espias, q̃. mandando-o nella la os tomaria sem muita difficuldade, e nenhum risco de ser sobresalteado do Achem, polla conta, q̃. o mesmo Capitaõ fazia a que se continha na sua carta, a cerca de quando se avia dabalar, e desferir as vellas, por tanto admittindo ao Dato a falar nas pazes, mandou a Joaõ Pereyra hum regimento cerrado, com huma carta de fora em q̃. o avisava que sem estrondo nenhum, e com muito segredo, se fosse ao Rio de Muar (porque se o povo o vira ausente desfalecera, e affracava) e la o abrisse, e fisses o que lhe nelle mandava.

o Dizialhe o Capitaõ no Regimento, q̃. tinha sabido dos seys juncos, que estavam em Ior sem muita gente de guarda esperando por resposta do recado q̃. mandaram ao seu General (pollo qual lhe faziaõ saber, que avia dias que estavam ahi com o provimento pera o exercito, e que por causa da armada que viram indo buscar ao Rio, se retrahiraõ a esse porto áe Jor, pera que tanto que tivessem nova do Rio estar desempedido partirem á toda a furia) e que os cometesse logo em chegando, porque não avia de achar quem lhos defendesse muito, encomendandolhe, que de maneyra pelejasse, que os não queymasse senaõ depois de canjar, e baldear os mantimentos todos ao mayor polla muita fome e carestia que avia na cidade: posto que fosse também sua tenção por nella os Jaos com lhos mandar tomar Foi Joaõ Pereyrá na galê, e quatro fustas, e fez tudo como lhe era encomendado, e mandado. Tanto que voltou com o junco carregado de mantimentos, assistio o Capitaõ em pessoa á desembarcaçam delles, sem consentir a nhenhum soldado levar um arratel darroz, dandolhes lugar pera tirar drogas, que também tomaraõ: e todo o mandou meter debaxo duma chave que consigo trazia do Almazem del Rey, para se destribuir per sua lista, polla gente de guerra necessitada, sem se lhe poder furtar. Com estes mantimentos, e recato que nelles avia, se alentarão os moradores, e vigiavaõ, e trabalhavaõ com mais fervor. Todavia mãdou o Capitaõ a Joaõ Pereira desoccupasse o mar, porque corriaõ os recados das pazes: e por ver se era fingido o requerimento dellas afim de se suspender o damno que os Jaos padeciaõ: e se se

queriaõ Ir logo sem as concludyr, tirado o sobrosso da nossa armada: porque desejava o Capitaõ muito, que fossem elles antes da vinda do Achem.

Da fugida dos Jaos, e da perda de seus navios, que lhe a armada da Fortaleza tomou, alem dos outros que no discurso do cerco lhes foraõ tomados, e da gente que perderão.

CAPITULO XVIII

Tantõ que os Jaos virão o mar desembaraçado, e o calor, e diligencia com que o Capitaõ provia ã tudo polla nova que ti veraõ dos mantimentos, que mandara tomar a Jor dos seus proprios juncos, e o estrago da sua gente, e como presistia ainda nas condições, alevantaraõ o campo de noyte, e antes damanhecér se sairã: mandou o Capitaõ a Joãõ pereyra, que os seguissè e desse na reçaã da sua armada: deu e derrubou alguns juncos, e outros navios, em que matou muita gente.

Desta torpe e afrontosa fugida, se pode inferir, que se a cidade naõ estivera taõ doentia, e se naõ tivesse por taõ certa e averigoadã a vinda do Achem, que bastara a guerra que Tristão Vaz mandava fazer aos Jaos com a armada de remo pera dos quinze mil que foraõ cercar Malaca, linam escapar nenhun: porque passavaõ de seis para sete mil os que morreraõ a ferro e fogo, e doença: e chegaraõ com menos ainda ao seu Reino: porque como eraõ poucas as embarcaçoens, e menos os mantimentos, e os mais delles se embarcassem anovellados huns sobre os outros, e fossem combalidos jã, e inficionados da contagiã do ar corrupto do lugar paullado, e brejoso, em que estiveram foraõ ali jãndo póllo mar corpos mortos, e meios vivos por incuraveis, e prejudiciaes á saude dos saõs.

Do lastimoso estado em os Jaos deyxaraaó Malac

CAPITULO XV

Foy Deos emfim servido, passados tres meses que o cerco durou, de desopressar esta fortaleza, dandolhe muitas victorias, estando ella em si taõ pouco defensavel, e menos pera não esperar nenhuma. Porque o Cerco foy supito, a cidade estava mui falta de mantimentos, e de presidios de soldados, com poucas moniçõens, e mal amurada, e quasi vendida por Huns Quelins natu-raes, e Gentios, e mais gente morta de doença, que de feridas de imigos: e a que ficava taõ debilitada de tudo q. era huma magoa e lástima vella: e pera se naõ restaurar taó prestes, lhe não deyxaraõ os Jaos fora consa que naõ arrasassem, e dessolassem, devastando e arrancando todas as arvores de fructo, que duma e outra parte do rio estavaõ plantadas pera dahi a muitos annos se não poder aproveytar de nada.

CAPITULO XVI

E ultimo desta segunda parte o qual comprehende quatorze dos louvores dos capitães que neste cerco se acharaõ.

Joaõ Pereyra nestas escaramuças que teve com os Jaos queymou e tomou corenta e tantos juncos, e muitas outras embarcações pequenas, e matou muitos delles. Foram seus bons successos muita parte pera a cidade não afocinhar, e se prostrar com o peso e trabalho do cerco. Mataraõno os Achens na galè, depois que tornarão, pollo modo que a diante contarey: e antes que o matassem estando elle nella muito acossado, e apertado, lhe acudio hum balão, pera que se salvasse. Não no quis fazer, dizendo com hum coração indomito, que a avia defender tê o derradeyro suspiro. Mas como os imigos carregassem rijo sobre elle foy morto, deixando a muitos materia duma honrada enveja, e aos parentes hum exemplar argumento pera com a imitação lhe eter-

nizarê o nome que elle consagrou, com a morte correspondente à vida, em que tanto se tinha singularizado.

Fernão Perez Dandrade, gastou, e servio neste cerco, como sempre: e não me espraio mais em seus louvores, do que o fiz onde tratei de suas cousas, por me ellas mesmas escusarem a publicação delles, por muito sabidos de todos: e o de muitos, por pouco que lhe cada hum dê sempre será mais que o muito dum sô: principalm.^{te} de palavras, de que a avareza tem larga, e deyxada a jurisdição á prodigalidade.

O Alcayde môr Pero Carvalho se achou em algumas saídas com seis ou sete pessoas a q̄. dava de comer, e pelejou nellas como bô soldado: no seu terço do muro em que estava, cõtestou com sua obrigaçã, trabalhando, e vigiando.

O Licenciado Martim Ferreyra teve huma estancia: nella deu mesa em quanto o Cerco durou a trinta soldados à custa de sua fazenda: e pelejou como esforçado soldado, sendo per profissam Letorado.

De Diogo Lopes o soldado, que posso dizer que este sobre-nome, que mereceo polla espada, não diga melhor, e com mais energia, e vehemencia, pera os que o ouvirem, e souberem que foy a respondencia tal antes e depois poderosa voz do povo lho dar folgarem de lhe guardar o seu lugar em qualquer que se tratar de cavallaria, e esforço. E pera se persuadirem que não deixou nunca de servir bem, e de se extremar no serviço se lēbrem que no primeyro assalto que se fez nas tranqueyras dos Jaos, fiou Tristaõ vaz delle a dianteyra.

Francisco de Brito mancebo fidalgo nesse tempo, como chegou à India se foy logo servir ao mar do Sul levado da fama do Achem, avendo que a mereceria nelle mais de pressa que em outras partes: e como nessa conjunçam se offereceo o Cerco dos Jaos, servio nelle em tudo o que lhe foy mandado pollo capitaõ, dando de comer a alguns soldados do seu dinheiro.

Gaspar do Amaral Capitaõ do Baluarte Sam Domingos, servio muito bem neste cerco, e deu mesa a trinta soldados, sem da fazenda delRey querer cousa alguma. Isto mesmo fez outras vezes que ouve trabalhos nesta fortaleza, ajudando aos Capitães

nelles com a pessoa, com o entendimento, e com a fazenda, com zello de bom vassallo.

Gaspar Homem capitão do Baluarte da Madre de Deos, pelejou, e vigiou todo o tempo que o Cerco durou, e despenceo com alguns homẽs, que sustentava á sua custa, pera com elles defender melhor o baluarte, e ajudar os mais cõpanheyros, que pera aguarda delle lhe foraõ dados.

Nuno Rodriguez Capitam do Baluarte das onse mil Virgens, deu tambem mesa a outros trinta soldados, á custa de sua fazenda. Com elles servio com muito cuidado, e muito prestes em tudo, como q.^m sabia ja a que sabia vencer imigos da fê: porque tinha pelejado com os Achens em cõpanhia do mesmo Capitam Tristaõ Vaz (comquem militava neste cerco contra os Jaos) levando um nauio cõ despeza sua, e sem fazer nenhuma á fazenda delRey.

Do Baluarte Sanctiago era capitão Antonio Fernandes de Ilher. Tinha nelle trinta soldados, que sustentava com o sen, a fora muita gente da terra, e escravos seus. Servio sempre bem, e gastou cõ não ser muito rico.

Dom Anrique tio delRey de Tidore, que serve de Bandâra (que é o mesmo que Regedor da gente da terra) ajudou, e pelejou no Cerco, como bom Christaõ, e muito bom cavaleyro.

Diogo Soares, que servia Douvidor, foy alejado duma mão, numa das tranqueyras q̃. se tomarão, servio e despenceo e mostrou muito animo nas saydas, pelejando cõ os imigos.

Thomas Castanho da Gamma, q̃. tambem foi Ouvidor, sustentou cinco soldados á sua custa: vigiou e servio cõ elles onde e como pareceo ao Capitão.

Outras muitas pessoas se abalisaraõ na defensam desta fortaleza gastando m.^{to} de suas fazendas, servindo com muito spirito, e perseverando no importuno trabalho das vigias, sem serem compellidos nem forçados a ellas, como o governador da India foy avizado. E por me não saberem dizer os nomes ao tempo q̃. me estive informando das cousas nella acontecidas, não ficando por mim preguntar por elles, os naõ nomeis. Mas nem por isso se lhes poderã negar nunca o louvor todas as vezes que constar

que residiraõ neste cerco: porque me affirmou Tristão Vaz da Veyga que os vio, e os experimentou de perto, que não ouve nenhun que não provasse a maõ com muito animo, e inda aquelles de que nenhuma opinião nem concepto avia: scintillando em todos hum não sey que, de escondida ardideza, polla esperança que em Deos tinhaõ.

Do Baluarte Sanctiago era capitão Antonio Fernandes de Ilher. Tinha nelle trinta soldados, que sustentava com o seu a forte muita gente da terra, e escravos seus. Servio sempre bem, e gastou com não ser muito rico.

Dom Anrique de del Rey de Tímore, que serve de Bandára (que é o mesmo que Regedor da gente da terra) ajudou, e peo- jou no Cerco, como dom Christão, e muito bom cavalleiro.

Diego Soares, que servia David, foy alçado duma mão, e outra das tranqueiras se tomava, servio e despendo e mor- tou muito animo nas esyhas, pejsando com os inimigos.

Thomas Castanho da Gamma, foy tambem foy David, sustentou cinco soldados à sua custa: vigiou o servio com elles onde e como paroco no Capitão.

Outras muitas pessoas se espararam na defensão desta forteza gastando m. de suas fazendas, servindo com muito espírito, e perseverança no importante trabalho das vigias, sem serem compelidos nem forçados a ellas, como o governador da India foy avisado. E por me não saberem dizer os nomes ao tempo que me estava informando das cousas nella acontecidas, não ficando por mim preguntar por elles, os não nomeia. Mas nem por isso se lhes podem negar nunca e foyver todas as vezes que constar

FIM DA SEGUNDA PARTE.

TERCEIRA PARTE

Cercos de Malaca, sendo Capitão
Tristaó Vaz da Veyga.

Doutra vinda do Achem com huma poderosa armada sobre Malaca.

CAPITULO I

O Achem que estava á mira, esperando recado por suas espias do successo dos Jaos, com o mesmo prosuposto, q̃. a Rainha, teve quando os mandou, sabendo de seu destroço, tanto q̃. se certificou que eraõ idos, e muito mal hospèdados, partio com cento e treze vellas pera Malaca, em q̃. hiaõ alguãs Naos, e galeotas, e quarenta galês, com muyta e mui grossa artilharia (que muito poucos dias depois se experimentou) e ao derradeyro dia de Janeiro de setenta e cinco, appareceo com esta armada defronte da fortaleza, despregadas as bandeiras que nella trazia.

Da vigia, e ordem que o Capitão teve nas cousas necessarias pera o cerco que esperava do Achem, e dos tres navios que armou pera a guarda do porto.

CAPITULO II

Como o Capitão Tristaó Vaz sabia que avia este Imigo de vir e esperava por elle, se desvellava sempre em ter muita vigia nos muros e muitas mais na polovra, e mätimentos, e porque os tinha mandado buscar a Pegû e a Bengala, e era tempo ja de chegarem as Naos que os traziaõ, assentou comparecer dos que o costumavaõ dar aos Capitães em similhantes materias, ter no mar Joaõ Pereyra na galê Bernaldim da Sylva na caravella, e Fernaõ de Palhares numa Nao que pera isto so comprou: e meteo em todas cento e vinte soldados, pera com o favor dartilharia dum dos baluartes, que mais sobranceyro lhes ficava, e doutra



que mandou trasplantar na sanchristia da casa de Nossa Senhora do monte, se poder segurar por alguma via o mar por onde lhe aviaõ de entrar esses mantim.^{tos}, e onde aviaõ de yr pescar, pera se poderem sustentar: porque carnes naõ nas tintas a Cidade, legumes e verdura naõ nas deixaraõ os Jaos.

Boas pareciaõ estas traças, dado q̃. presumia o Capitaõ que lhes ameaçava de ma maneira o perigo: mas por ser maior tomar o Achem os provimentos, se intentou o menor, â disposiçam dos Ceos se quererem apiedar dos que nelle estavaõ, pois naõ era pequeno, nem possivel fazerse al, que coaremno, por q̃. naõ pe-
recesse todo o povo.

De como o Achem, cometteo com toda a armada os tres Navios,
e os meteu no fundo.

CAPITULO III

O Primeiro de Fevereyro fez o Achem mostras de sua guerreira armada, com muito garbo, e uffania: e feitas as fainas, que bastavaõ pera acompanhar, e rebotar os spiritos aos Portugueses, logo ao outro dia remeteo toda â galê, caravella, e â nao, que estavaõ entre a Ilha donde as naos sorgem, e a terra: disparando ao modo de chuva granizada huma inflammada tempestade de horrendissimas bombardas, foi repassada e arrombada a galê com hum grande pilouro: e querendo com tudo Joaõ Pereyra renovar a batalha, nem âs cutiladas pode ter alguns soldados que o dessemparavaõ, por se verem toldados duma mui negra e espessa nuvem do fumo da artilharia e atroados do espantozo tom della, e por cayrem mortos setenta e cinco companheiros da galê, da caravela, e da nao, aos Capitães das quaes acõteceo o mesmo que a Joaõ Pereyra com os soldados. Acabaraõ todos tres neste crudelissimo commettimento dos Achens, pelejando cada Hum na praça do seu navio, que trabalhavaõ polla defender valerosissimamente. Escaparaõ cinco a nado: e captivarão-se corenta, e os navios foraõ metidos no fundo pollos Achens: porque quando quizeraõ salhar a artilharia delles, e tiralla para a recolherem

nas suas galês, lho não consintio a do baluarte, e a da sanchristia, que os varejava muito rijo. E segundo isto parece que se os soldados desses mal afortunados navios, se não acovardaraõ tanto, quando não puderaõ escapar de perdidos: toda via que o não foram tão to a salvo dos inimigos, porque nenhuma lesam, nem detrimento receberam.

Do pavor que causou nos cercados esta perda dos Navios, gente e do razão porque se tinha dado licença aos outros que no porto estavaõ pera se irem pera a India.

CAPITULO III

Foy este monstruoso desbarato muito para se sentir, tanto polla ousadia, e brios que elles ficaraõ ganhando: como medo os da fortaleza, por se verem accurrallados, e metidos entre paredes muito fracas de seiscentas braças dambito, e roda, não avendo mais que cento e cincoenta homens, contando velhos e doentes, pera os vigiar, e guardar: porque os mais dos soldados acabado o cerco dos Jaos, se foraõ escondidos em alguns navios que dahi partiraõ pera a India, por cima de todas as intelligencias; e cautellas, que Tristão Vaz teve pera deixarem dir: porque como não vacillava na vinda deste imigo, via que avia de aver mister muytos mais dos comque se achava pera ella, pera não permittir yrse nenhum: e mais sabendo que o socorro que mandara pedir ao governador, lhe não podia chegar senaõ em Junho cõforme a mōsaõ.

(Continúa).

BREVISSIMA, E SUMARIA RELLAÇAM

Que fez de sua Vida e obras o grande Martim Affonso de souza senhor de Prado, e de Alcoentre, capitão donatario da Ilha de Tamaraça no Brasyll, que servio de capitão mor do mar da India e depois foi Governador della, á Serenissima senora Raynha dona Catherina mulher de El Rey dom João o terceiro, estando ella no gouerno destes Reynos, áqual Rellaçam seachou escripta de sua propria mão. E letra muyto tempo depois de Elle morto, E he tam breve para o muyto, que de sua grandeza se conta; que não faz maes, que tocar à minima parte de seus feitos heroicos, Em que semais engrándesceo, pois so disse o thema de seu progresso, de que authores de nome, poderáo (ampliando) Escrever largos E copiosos Volumes, de sua tam sabida E divulgada historia, de que na India E nestes Reynos ha muy claras noticias.

(Continuado do n.º 8, paginas 148)

Nos Almazens houue continuamente muy grande abastança de todas as cousas necessarias assy para a armada como para a guerra, E fiz muytos galeoens, E outrós nauios de nouo, E outrós corregi de man.ª que sempre Em meu tempo tiue a armada prestes com marinheiros, E mantimentos dentro nella, E artilharia, E moniçoens para poder pelleijar com a dos Turquos por que por muytos auisos, E intelligencias que tinha, sempre me parecia que me podião mentir, E nunqua me descudaua.

E porque neste tempo se me fez huma descortezia, em Batala, que he hum lugar de mouros muy soberbos pellas muytas que aly tem feitas a Portugueses sem hauer disso castigo, fuy sobre elle, E o tomei E saquey, e matey muyta gente na defensão delles, E per derradeiro lhe mandei pôr fogo; Isto sosse-

gou de tal maneira á terra, que nunca maes homé de aly ousou levantar cabeça, né de outra nenhúa parte por meudamente todos os seruiços que fiz a Vossa Alteza amy em sua fazenda como na guerra seria ò processo muy largo E por isso Vou encurtando.

Neste tempo succedeo haver guerras antre o Idalcão, E o acedeção seu Vassalo E nesta conjungáo não quis Eu perder occasiáo que se me offereça, E houue para Sua Alteza as terras firmes de Góa que rendé çinquenta mil pardaos, E tambem, me mandou o Idalcão trinta mil pardaos, que mandei entregar aos officiaes de Sua Alteza. neste meo houue muytas cousas neste negocio, que seria longa cousa de contar.

De ahy a poucos dias morreo o Acedeção, o qual tinha mandado o seu thesouro a Cananor por hum creado seu que se chama Ajaacamecadim, o qual tanto que seu senhor faleçeo por que Era muyto conhecido de my de muytos annos atras, E també porque me parece que te não átreueo com tanto dinheiro, E me disse que elle me queria dar quinhentos mil pardaos com tal condiçáo; que lhe hauia primeiro de Jurar que delles não desse cousa algúa à El Rey de maneira, que elle mos deu, E eu fiz delles seruiço à Sua Alteza com ò mor gosto, E contentamento, que podia ser, per me parecer que acodia com elles áparte de suas necessidades.

Depois disto soube que tinha este mouro muyto mais dinheiro, E determiney de hauer maes delle, E por quanto elle tinha este dinheiro em terra de El Rey de Cananor E estava penhorado ao defender E amparar E assy outros senhores do Malauar, não se pode isto fazer senáo com máo armada. E para isto fiz prestes nauios, E gente sem pessoa alguma saber para onde, E leuando o consigo meo preso sem o elle saber né entender, dei em suas casas que Era huá legua pella terra dentro, onde jaa açhei El Rey com muyta gente armada, E porque me Vio Ir muyto maes poderoso, do que elle cuidaua, não ousou de me cómetter, mas antes fez que me Vinha Ver E per pallauras me presuadia que

náo tomasse per força nada Em sua terra, E sem embargo disto lhe tomei todavia dozentos E çinquenta mil pardaos, que també dei á El Rey nosso senór.

E Parece que tanto dinheiro deu a El Rey podendo muyto bem encubrir a mor parte delle, que tractaua pouco de seu Interesse, senáo de seruir a Sua Alt.^a pondo os olhos na Esperança dos galardoeés que por tamanho seruiço cuidaua de hauer.

Sendó o Acadecam Viuo, me mandou dizer se hauia mister dinheiro, que mo emprestaua, E me emprestou trinta mil pardaos, de que lhe dei hú conhescimento meu, E que lhe hoje em dia deuo, os quaes se me algú herdeiro seu Vier pedir mos fara a Rellação pagar.

A cabo dos tres annos foi dom João de Castro por Governador, ao qual Eu entreguey a India muito paçiffica, E a gente de El Rey nosso senór, E suas armadas muy acreditadas, de que Era temida, E lhe entreguei çento E Vinte mil pardaos que Eráo ja corridos das Rendas, que elle logo arrecadou E maes todo ò Cabedal, que leuaua, porque a Carga, que trouxe fiz có ó dinheiro que trazia Em que se gastaráo çem mil pardaos, E elle ainda quisera maes dinheiro, náo lhe lembrando as neçessidades, que qua hauia, E as poucas, que lhe Eu lá deixaua E esta foi a causa por onde ficou muyto mal comigo, E lembraualhe mal (como lhe Eu a elle escreui) de hú capitulo que Eu tinha Em húa, que me escreueo El Rey nosso senór, Em que me escreuia que dom João de Castro lhe dissera, que por culpa dos seus governadores, hya dinheiro de qua p.^a a Carga das naos, porque náo Era neçessario, que com as Rendas da India se podia supprir, E elle náo lhe lembrando isto, queria ó que leuou de qua, E mais o que Eu trazia para qua.

E como Eu parti da India se Vio bem como ò Credito de huã só pessoa pode maes que todo hú exercito, por que logo se le-

uantou todo, E não houue maes daré por nada senão tudo foráo guerras, gástos, E trabalhos, como à da India tem bem sentido. De todos estes seruiços, que aqui digo não tenho outro nenhú galardáo, senão o seruirense de my, que Eu houue sempre per muy gran merçe, E a soldada que por isto me deráo gastalla no mesmo cargo, E húa Comenda que ha trinta E dous annos que me deráo, tirandome outenta mil r.^s de tença, assy que ha trinta E dous annos que tenho o habito, E siruo a ordem pellejando muytas Vezes. E allem de muytas Victórias contra os Inimigos da fée, sém nunqua me darem outra comenda, né ser melhorado desta, hauendo muytos, que tem duas, E tres Comendas, que tem muyto diferentes seruiços dos meus assy que Eu não tenho outra alguá merçe até agora de quarenta E hú annos de seruiços.

Quando agora Vim da India esta derradeira Vez, me mandou Sua Alteza dizer pello Secretario que me faria merçe de húa destas aldeas de Santarém, E que á faria Villa, E me mandaria disso fazer aluara, E eu lhe beijeí por jssó a máo, E lhe disse que não Era necessário que bastaua sua pallaura. E despois disse que me pagaua meus seruiços có me fazer merçe dos trinta mil pardaos, que o Acadecáo me emprestara. E que lhe estou de uendo hoje em dia, para mos fazerem pagar por Justiça qualquer corregedor, diante quem me citar.

Hora Eu não sei que auçáo Sua Alt.^a tinha a este dinheiro, né nunqua Vi maes noua maneira de pagar, porque pagar com o alheo, parece que não deue ser muyta Justiça hora tambem Sua Alteza hauia que tendo Eu o que tinha, que elle mo dera: asaz me deu Em se querer sempre seruir de my, o que Eu tenho deumo Deos, porque mandarme El Rey a India, isto pode elle fazer E isto me daa, mas ó successo das cousas que laa háo de succeder, isto daa Deos, porque Esta preheminiçia guardou p.^a sy.

E aynda haueria Eu por muyto mor peccado querer hú Rey

attribuirse assy o que Deos faz, que não pagar quarenta E hú annos de seruiços, porque se isto esteuesse na mão do Rey, todos os que mandasse à India ò seruirião laa muyto bem, E lhe mandarião de laa m.^{to} dinheiro por que pois isto Vinha assy bem a Sua Alt.^{za} faria elle que fosse assy, mas comò estaa na mão de Deos, fallo quando, E como quer E busca quem lhe apraz para Instrumento disto.

Assy que beijarei as mãos de Vossa Alteza querer mandar Ver esta lembrança, diante dos do seu Conselho, E dos da cõsciencia. E desencarregar à alma de El Rey nosso S.^{or} ou tambem desenganarme, porque naturalmente os homens são enganados consigo E terey Eu maes paga da que Eu mereço.

FIM.

SUMMARIO

	Pag.
HISTORIA DOS CERCOS DE MALACA — por Jorge de Lemos..	173
SUMARIO DA DESTRUISSÃO DA FORTZ. ^a DE CUNHALLE NA INDIA — por André furtado de m ^{ca} , capittaõ mor daquella ympreza	183

1870

1871

1872

1873

1874

1875

1876

1877

1878

1879

1880

Condições da assignatura

Por 24 numeros	1\$800
Por 12 »	900
Avulso	100

Assigna-se em Coimbra nas principaes livrarias.

No Porto nas dos srs. Chardron e Viuva Moré.

O pagamento das assignaturas pôde ser feito em dinheiro, em estampilhas do correio portuguez, ou em vales do correio, dirigidas ao sr. D. Duarte d'Alarcão V. Sarmiento Osorio—Quinta das Lagrimas—Coimbra.

Publica-se nos dias 1 e 15 de cada mez.

Historia dos Cercos, que em tempo de Antonio Moniz Barreto, Governador que foi dos Estados da India, os Achens e Jáos puzeram á fortaleza de Malaca, sendo Tristão Vaz da Veiga Capitão della — brevemente composta por Jorge de Lemos — Impresso com licença do supremo Conselho da Sancta e geral Inquisição — Em Lisboa em casa de Manoel de Lyra — Anno de 1585.

(Continuado do n.º 9, paginas 167)

TERCEIRA PARTE

Cercos de Malaca, sendo Capitão Tristão Vaz da Veiga.

E posto que os navios se não foraõ, nem por isso se pudera Tristão Vaz isentar, nem forrarse das mesmas faltas: antes se lhe amontoariaõ, e accresceriaõ ellas mais, porque estavaõ elles cheos de fazendas dos povos da India: que pera o Achem os não tomar, lhe avia de ser m.^{to} forçado meterlhe guarnições, que não tinha: descarregaremse era insoffrivel, porque estavaõ represados de muitos dias: e perdas accumuladas em mercadores, que vivem de sua, e alhea grangearia, não se compadescem: e totalmente desesperarão das proprias vidas, se tendo as fazendas em terra, ficarão as naos no mar anhotas á cortezia do Achem. Quantomais que ainda que assi fora, e não ouvera, fazerse este recurso, e reflexaõ a huma cousa e a outra, não podiaõ deixar de correr todos grandissimo risco: porque os marinheyros eraõ os mais delles Mouros, e inuteis pera a guerra, e ouveraõse de comer huns aos outros, quando se não lançassem com os Achens, confiados em serem tambem professores de sua ceita. E se té entaõ o não fizeraõ, ardendo a guerra dos Jaos, foy porque se sustentavaõ có essa esperança da partida, fim, e lemite de seus trabalhos. E antes de se lançarem, aviaõ os mercadores de passar a mesma necessidade: e depois de lançados a passariaõ todos ge-
N.º 10.

ralm.^{to}, e em todo o caso acabaraõ. Porque como o Achem sou-
besse della taõ particularm.^{to}, quanto por essa misera canalha
lhe avia de ser representada nos gestos, e nos meneos, aindaque
naõ fallasse, por immudescer, como atonita de sua perdicam, se
determinara estar sobre a fortaleza, sem se debater muito polla
tomar, rompendolhe os muros, nem escalando-a, porque ella mesma
se lhe entregaria morto o Capitaõ, e agente toda a pura fome.

Assi que por estas razoens, em que a cidade estava mui pre-
sente, licenceou o Capitaõ aos mercadores irõse nas suas naos:
nas quaes avisou per suas cartas ao Governador deste terceyro
cerco: inda q̃. sabia bem que lhe naõ podiaõ ser dadas senaõ em
mayo, em que a monsam faz termo. Porque fazendo mais deli-
gencia, em lhe mandar outras primeiro por hum balaõ muito li-
geyro que expedio com hum Homem Portugues, com dinheyro
pera em Quedã comprar huma embarcaõ maior, e atravessar
nella a Costa de Charamandel, as naõ teve o Governador senaõ
no mesmo mes, com quanto o naõ retardou a compra, e sua ne-
goceaçãõ: porque encontrou no Caminho antes de chegar a Quedã
hum Galeaõ de Massulapatam, em q̃. se embarcou por yr mais
depressa a Goa.

Da causa porque Tristaõ Vaz avisou o Governador deste terceyro cerco,
sabendo que naõ podia o recado chegar a tempo.

CAPITULO V

Mandou Tristaõ Vaz este recado, com entender que naõ podia
ser lá a tempo porque se o soccorro que tinha mandado pedir
(quando os Jaos foraõ sobre Malaca) naõ estivesse ja em via,
por a India o naõ poder mandar ou por arribar com algum nau-
fragio, sendo mandado, se resolvesse o Governador, e se prepa-
rasse pera em pessoa yr conquistar Malaca de novo, pois ficava
com a candeia na maõ, com a armada perdida, o Imigo domi-
nando o mar, e os cercados em cama pollo hospital e por suas
cazas, sem mais remedio, que o que Deos por sua misericordia
lhe quisesse dar.

De algumas sahidas que o Capitaõ mandou fazer aos Achens que desembarcavaõ em terra por encubrir a falta dos soldados que foraõ mortos nos tres navios.

CAPITULO VI

Posto que visse o Capitaõ naõ estar a fortaleza pera se defender, assi pollo desastrado caso da galê, caravella, e da nao: como por essa pouca gente que avia andar toda easpada, esmayada, e amortecida com os males taõ encapellados, e sobreseguidos, que huns a outros se alcançavaõ, sem a deixarem respirar neim tomar folego: fazia todavia tudo o que convinha, tirando da fraqueza forças, com os olhos na providencia divina, porque os inimigos naõ barrutassem seu pernicioso estado. Peloq. mandava sair alguns soldados aos Achens que desembarcavaõ da banda de Malaca, instruindoos no que aviaõ de fazer, sem passarem duma certa demarcação: e permittia Deos que virassem elles todas as vezes, que lhe os nossos sahiaõ.

Do motivo que tomou o Achem pera alevantar o cerco,
e se yr pera Samatra.

CAPITULO VII

Nestes entretimentos de gosto seu, e enfadamento dos da Cidade, gastaram desasete dias, sem nunca serem convidados da artilharia della, senaõ quando cometeraõ os tres navios: porque tinha tres bombardeyros somente, e a mor parte da polvora gastada. Isto que por mera necessidade se fazia, obrigou ao Barbaro sospeytar que se lhe tramava dentro alguma cilada: e desta sospeita tomou motivo pera dar as vellas pera Samatra, contentandose da victoria que tivera da galê, naõ, e caravella, ayendoa por tamanha, como Tristaõ Vaz a perda dellas, e dos soldados, que o penetrou mais, e o jarretou, por degenerarem do valor, com que tinhaõ contratado em todos os recontros, adversado e

reprimido os inimigos: sem embargo de se não deixar de entender, que foy merce de Deos pera os nossos dar essa victoria aos Achens.

Reposta a huma tacita objesção que no precedente Capitulo se contem, e declaração do perigoso estado em que Malaca ficou.

CAPITULO VIII

Porque depois desses inimigos idos a oyto dias chegaraõ as Naos de Pegú, e Bengala com mil moyos darroz, cõ que se a Cidade remediou, e cobrou alento: e nos primeiros dias d'abril entraraõ duas naos da China cõ o grosso das fazendas de todos os mercadores da India: estas e essoutras ouveraõ de cair na gorja ao Achem, se se detivera: e a fortaleza estivera por sua, e os templos do Senhor profanados a nenhum custo seu, cuja lembrança compungia, cauterizava, internecia, e desentranhava com incomportavel dor os peitos Christãos daquelle povo, principalmente do Ecclesiastico, que (pera se essa sentença revogar, se no summo cõssistorio fosse dada) estava numas perpetuas preces, acompanhadas de muytos suspiros, e lagrimas suas, e do tenro coraçam das molheres, e mininos, que exhallados, e mirrados as frequentavaõ sempre com saluços appressados, e brandos gemidos: naõ se esquecendo por isso de às suas horas recorrerem os doentes com o ministerio devido.

Porque como as vigias e fomes foraõ muitas, e continuadas por longo espaço, enfermaraõ todos, e os mais de comerem animaes immundos, por se naõ poder yr pescar ao mar: e o campo estar ermo, deserto, e crestado dos Jaos, e o arroz, mantimento commum e peculiar de todos os povos dessas partes do Sul (porque em nenhuma se dá trigo, senaõ na China) ser taõ pouco o que nestes cercos ouve, q. valeraõ hum cruzado duas gantas delle (que hê medida de que se em Malaca usa de sete o alqueyre) valendo de ordinario na paz setenta ê cem gátas darroz: e quando as novidades escapavaõ illesas, e salvas das injurias do tempo, se achavaõ por esse preço cento e vinte, e cento e corenta. Mas

taõ dilapidada, esvaida, e faminta estava a Cidade delle, que nem com a enchente que nella entrou de Pegu, de Bengalla, e da India, pode arribar â sua geral valia, de setenta gantas por cruzado: porque a alteraçam que ouve foi com apressado vagar, oje seys, â manhã oyto, outro dia doze, quinze, vinte, tê trinta, sem passar desta contia muitos meses. De modo que destas faltas, e outras infelicidades mui intimas, e intestinas, a que o incauto, e pobre vulgo quasi sempre está mais sugeita que os outros homẽs, se originaraõ tantas mortes, que duns e doutros morriaõ cada dia sesenta, e setenta: e algumas vezes aconteceõ estar o Sacramento pera yr dar o pasto celeste às almas (q̃. estavam em vesporas de desempararem os atribulados e lamentaveis corpos) e andar â câpainha duas e tres vezes pollas ruas, sem accudirem homens pera levar o paleo, sendo a devoçãõ tanta desta pōposa, e âgelica solemnidade nessas partes todas, q̃. em qualquer se resolve logo a mayor e a melhor parte e a mais faustosa, pera a cõpanhar este divinissimo Cordeyro, preço de nossa redemção. E soubese em quinze de Março, que naõ avia vinte sãos que pudessem subir aos muros.

Por onde se pode afirmar que foy merce de Deos satisfazere os Achens com essa pequena victoria, inda que pera o como a Cidade estava lastimada, e chagada, foy a mayor que podia ser.

CAPITULO IX

Que trata do tempo que estes tres cercos duraraõ, e da chegada do soccorro da India, e do Capitaõ que succedeo Tristaõ Vaz da Veiga cujos louvores se tocaõ taõ somente por se cuitar outro extremo.

Destes tam cõpridos trabalhos participou Tristam Vaz mais, por carregarem todos sobre elle como Capitaõ: pelo que em nove meses q̃. o foi tê Junho, em que a armada da India chegou com D. Miguel de Castro (que o desobrigou da menagem que tinha dado da fortaleza, que tê aquella hora sustentara, e a defendera dos imigos, a seu pesar delles) adoeceo tres ou quatro vezes: mas não de modo, que o necessitasse ao avorrecimento da cama, inda

que lha pedia a debilidade do corpo: porque entendia que se buscara o mimo della, sem ter conta com o spiritu que o violentava a se mostrar muito robusto, prompto, e alegre aos soldados que o ajudavaõ defender a fortaleza, pasmaraõ, e esmoreceram: porque alimentava quasi todos com o seu, em que gastou polla obrigaçaõ de Capitaõ, e de Christaõ, vinte mil cruzados: como se pode crer que gastaria em tanto tempo, quanto estes alternados cercos dos Achens e Jaos duraraõ: dado que dum ao outro, antes, e depois se intervallassem alguns meses, pois em todos despendeo, e na armada em que tinha pelejado com os Achens: porq̃. da fazenda delRey, se naõ gastaraõ nella mais que trezentos cruzados.

E posto que os casados que acompanharaõ nos navios de remo, fizeraõ a despeza delles â sua custa, todavia Tristaõ Vaz contentou os soldados (indaque naõ per paga geeral de estipendio, e soldo) e no discurso dos cercos ajudou tâbem a Joaõ Pereyra, Bernaldim da Sylva, e a Fernaõ Perez Dandrade, por fidalgos pobres, e a Nao que os Achens queimarão, e meteraõ no fundo era sua. Assi que com a pessoa, e fazenda servio a seu Deos, e ao seu Rey muito inteiramente. Os louvores destes serviços demlhos os que por esta breve relaçaõ souberem delles: porque eu (que a fiz pollas informações das cartas do Bispo da mesma cidade de Malaca, dos Vereadores, e outras pessoas principaes, e de credito) naõ me atrevo a tanto, nem ellas me capacitaraõ de sorte, que cudasse a poderia fazer boa se lhos quisesse dar com o meu rudo, e mal pollido estillo.

- Das razões que ha pera se procurar a destruyção do Achem.

CAPITULO X

Das vezes que o Achem foi cercar esta fortaleza de Malaca, se pode claramente colligir o excessivo desejo que nelle mora de lançar os Portugueses fora della, pera cõ mais facilidade senho-rear o mar do Sul, e trazer os Reys delle â sua obediencia. Pello que em nenhuma outra cousa cuda de contino tanto, senaõ

nos modos que tera a melhor poder tomar. Esta vontade taõ conhecida, e sabida de todos, mostrou cõ effeito nesses cercos, e noutras, que em outros tempos lhe pos (dado que saisse delles sempre escalavrado com as victorias, q̃. Deos milagrosam.^{te} quis dar a esses vassallos que ElRey nosso senhor la tem) e com mandar todos os annos pollo estreyto do mar Roxo riquissimos presentes ao Turco, douro, pedraria, drogas, e outras especies aromaticas, pera o obrigar a lhe mandar artilharia de metal, como lhe tem mandado quartaõs, basiliscos, leões, salvagens, esperas, fundidores, officiaes de galês, Patrões, comitres, e inginheiros, pera fortificar e sitiar fortalezas.

Tambem se sabe que lhe mandou pedir armada de galês, e Turcos, enviandolhe juntamente a despesa pera ella, cõ a orçar duplicada, e ao Galarim pollo assaborar e appititar mais a deferir ao Requerimento: e se naõ deferio a elle, foy por lhe a Christandade qua no mar Mediterraneo e o Sofio, eo Abexim do preste pollo certaõ naõ darem lugar pera isso: e poderse ter por sem duvida, que tendoo lhe naõ deixaraa de mandar, naõ tanto por sua amizade, e resultancias interessadas de dinheiro, e mais serviços, q̃. lhe o Achem costumava fazer: como por meter o pee por esta via em Samatra (e Soloimaõ a mãdou em tempo do governador Nuno da Cunha a ElRey de Cambaia pera cercar a fortaleza de Dio: mas com proposito de lha naõ mandar entregar se o seu general a ganhasse aos Portuguezes) e sendo este Achem ha muito poucos annos, muito pouco em gente, e menos em armada, estã ora com este comercio do Turco e suas riquezas taõ bravoso, taõ obstinado, e taõ possante, que se faz temer de todos os Reys comarcãos, e os constrange puxar por sua amizade, estando, escandalizados, e aggravados delle: e repudiar a nossa, tendoa per pacto.

E que naõ ouvera mais rezaõ que esta, pera se procurar sua ruyna, parece que he ella taõ efficaç, e vehemente, q̃. devera bastar pera se lhe ordenar com muito cuidado: porque todas as vezes que quer por no mar sessenta, sententa, e oytenta galês, alem doutras muytas embarcações, o faz sem difficuldade. E se o naõ atalharem, porã duzentas e trazentas, primeyro que se esta

era de seyscentos acabe, polla muyta madeyra que tem, e vasallos que aprenderam esta facultade, e sufficiencia dos Turcos. Quantimais, que ha cem mil rozoens outras, pera se intentar com conveniente poder sua total destruyçam: porque tem a Ilha muito ouro, (que do Rio de Campar, de que ainda naõ he senhor de todo, lhe vay, porque Malaca so hia aver delle cada anno cento e cincoenta mil cruzados em pô, e pastas) tem muita Cãfora, muito beyjoim de boninas, canella, gengibre milhoer que o do Malavar, Sandalo, seda como a persiana, e enxofre, e he em si muito sadia, e abastada de gados mansos e bravios.

Nesta paragem, dizem os Mouros, que estâ a Ilha do ouro, de que o Achem recolhe todos os annos huma grandissima quantidade no pêgo do seu thesouro, affora tres, ou quatro milhões douro, que lhe vaõ de Mecca, em retorno de trinta, e quorenta mil quintaes de pimenta, e outras drogas, e fazendas, que pera la faz navegar nas suas naos.

Dos thesouros que ha em Samatra, especiarias que produz
pera se sollicitar e por por obra sua conquista.

CAPITULO XI

He tamanha cousa Samatra, e ha nella tantas riquezas, que ousou affirmar (segundo a opiniaõ de muitos velhos entendidos, com que vi practicar os Visorreis da India) que se pode bem paragonar com Inglaterra, de que as escripturas tanto falam. E se sua Magestade for senhor desta taõ rendosa Ilha, annexarâ, e accrescentarâ às rendas della, os tributos, e pareas, que os Reys todos do Sul haõ de pagar (pollos naõ ultrajarem, nem afrontarem nossas armadas, ou por se valerem do favor dellas em suas contendencias, e controversias particulares duns contra os outros) e rogar com a paga em ouro, prata, estanho, chumbo, salitre, enxofres, e breu: porque destas cousas, e de Rubis, e Diamantes, e especiaria, ha infinidade em seus Reynos.

Na cidade Metropolitana do Achem ha certeza de ser innumeravel o dinheyro amoedado, que os Reys passados enthesou-

raraõ. O qual imagino que está depositado polla providencia divina, pera sua Magestade o mandar tomar, pera com elle destruyr os Heresiarcas, e seus secazes: refazer, e reformar os Reynos patrimoniaes, e hereditariõs: sostentar em paz os ganhados, recobrar os perdidos dos outros Reys, e Principes Christaõs, desbaratar, exterminar, e desterrar o Turco, dos que tem usurpado, e tyrannizado, conquistar a casa sancta de Heirusalem, e Affrica, pera o nome de Christo se manifestar pollo seu venturoso braço, e de seus magnanimos Capitães, e fortissimos soldados: porque thesouro tem Samatra pera se facilitarem todas estas conquistas, mediante o favor de Deos, e a invencivel estrella de sua Magestade.

CAPITULO XII

E derradeyro deste livro, da facilidade da conquista do Reyno do Achem, por ser morto elle e seu filho.

E como passadas as occasiões, se passam tambem os casos, devese deyxar passar esta, que parece a quis esse mesmo senhor dar ha quatro, ou cinco annos, e conservalla pera se lograr da morte do Achem, e seus filhos, que se mataraõ huns aos outros (por cada hum querer ser Rey absoluto de tudo, de que o era o pay, deyxandoos elle em sua vida feytos Tethrarcas de certos districtos de cidades, e villas da fralda do mar, com subordinaçãõ ao mais velho, que nomeava por Rey por seu falecimento: que pollo sertoõ naõ tem os Achens nada, por quam odiosos saõ aos naturaes) e naõ aver agora Rey: e tal estava o Reyno, que sospeitando alguns capitães q. avia entre os mais poderosos pensamentos de rebeliam, e alevantamento, trabalharam pollo aquietar, e chamaraõ o Regulo de Pêra, para governar o Reino: o q. he mal obedecido: e por essa rezaõ está a conquista mais disposta pera se fazer com tres mil soldados, como se entendeo em tempo delRey Dom Sebastiaõ, que eraõ necessarios pera ella. E fazendose, alem de se conseguirem tantas utilidades, quantas brevemente expressei epilogaõdo, e resumindo este tractado, com fim e remate delle, assegurarsehaõ esses estados do Sul

(donde se derivaõ, e manaõ todas as com que os dô Norte se ennobrecem) e principalmente a permanencia dessa florescente Chistandade, da China, e Japam, que por ventura, ou sem ventura a naõ poderã aver ou ao menos nam serãa possivel ampliarse, e augmentarse, que he o thesourõ que sua Magestade como catholico Monarca do mundo, mais estima, e pretende que todos os outros, que nelle ha. Porque se o Achem tirar o caparaõ e abrir os olhos do entendimento, ira porse com sua armada na boca do estreyto de Cincapûra (perque vem e vaõ as naos da China, e Japaõ, dando com as pontas das vergas entre ambas as terras) como o poderã fazer com a amizade do Raiale Rei de Jor, que esta quatro, ou cinco legoas alem deste estreyto, e impedira commerciar-se com esses Reynos. E milagres com q̃. Deos emparou, e defendeo todo este tempo atras esta fortaleza de Malaca (porto importantissimo pera a navegaçaõ de todas as partes do Sul) naõ se devem sempre esperar, avendo meos humanos, porque os naõ venha negar o rigor de sua justiça, pollo muito que tem usado delles a clemencia de sua misericordia.

MS. da Col. da Bibl. da Universidade de Coimbra.

LAUS DEO

**Sumario da destruição da fortz.^a de Cunhale na India
por André furtado de m^{ca} capitão mor daquella ympeza**

(Continuado do n.º 8, paginas 138)

E loguo o Capitão mór avisou o Viso rey do succedido e do estado em q̄. estava pedindo lhe que o socorrece com munições e dinheiro para a fabrica da Guerra. O primeiro socorro que teve foi de Cochim de cinco navios mui bem apetrechados e negociados como delles fica ditto que vieraõ a tempo que em todas estas cousas e as já dittas o ajudarão. E assi a dita Cidade o socorreu sempre em todas as munições que por vezes o ditto Capitão mor lhe mandou pedir, e do mais com muita presteza.

Tudo isto fez o Capitão mor sem nenhum socorro nem favor do Visorey somente com a gente da sua armada que feito alardo della achou aver na ditto armada novecentos e oitenta e seis, e com agente da armada da Cidade de Cochim que erão cento e oitenta fez mil cento e sessenta e seis soldados entre os quaes aviaõ outocentas espingardas, e por entender a tenção do Conde ser que se não tomasse o Cunhale, a respeito do que o anno atraz avia sosedido a seu irmão por que no Regimento que lhe deu lhe mandava expressamente que não desembarcassem em terra nem fisessem cousa alguma sem seu especial mandado, tirando-lhe a Cláusura geral que todos os Regim.^{os} tem que dizem que — *«sobposto tudo o que por este Regimento vos mando e advirto por que as cousas da guerra de hua só hora para outra são muito differentes do que se imaginaõ e se perderão confio de vós que em tudo o que se offerecer nesta jornada de que vos encarreguo do serviço de S. M. façaes em tudo o que se offerecer inteiramente tudo per onde polla confiança que de vós tenho e experiênciã que tendes pelos muitos annos que há militaes neste Estado, deixo tudo em vós: —* e alem disso por suas cartas lhe escreveu sempre que não desembarcasse em terra repetindo lhe sempre o regimento que lhe tinha dado, o que visto pelo valerosos capitão, e a grande

afronta que este Estado tinha recebido na desventura do anno atrás e quaõ soberbos estavam os Reis infieis destas partes principalmente os mouros desta costa, e quaõ encólhidos e desarmados os soldados portuguezes estavaõ, naõ trato já deste Pirata por que logo se jurou *rei de toda a mourama, defensor da seita e lei de Mafoma*, e mandou logo embaixadores a todos os reis destas partes, e principalmente ao graõ Turco por via das naos de Mequa seneficando-lhes como tinha o nome portuguez extinguido *por que vindo sobre elle o Irmão do Viso rey da India com o poder della tudo junto o desbaratara e lhe matara toda gente, e tantos capitaes que os seus de camados de matarem portuguezes e banharem seus braços no seu sangue se recolheram pera a fortaleza e Cidade*; as quaes novas foraõ festejadas de todos os reys como homens que tem por fee e lei qual delles ha-de ser mor inimigo e perseguidor.

Todas estas cousas e outras dignas de consideração considerou este nosso Capitaõ André Furtado pelas quaes se deliberou e determinou sacrificar a vida e sem mil sacrificára se outras tantas tivera contado que este piratta naõ ficasse em pé porque em hum certo modo se pode diser que era absoluto senhor do mar da India, senaõ digao-o as Cidades deste Estado quantas fazendas este inimigo lhes consumio, as viuvvas quantos maridos perderaõ, os orfãos quantos paes; de modo que á vista de nossas armadas e dentro dellas tomava as embarcações que com sua sombra e com seu favor navegavaõ, sem lhe as nossas armadas poderem ser boas, e com effeito ninguem poz este Estado no ultimo em que elle esteve senaõ este inimigo.

Com este animo valeroso e zelo do serviço de Deos e do seu rey e bem comum, e contra o que o Conde Almirante lhe mandava foi fazendo a guerra a este inimigo pela ordem assimta sentada e pela que daqui em diante se enferirá.

Aos 12 de Fevereiro chegou de Goa D. P.º Coutt.º em hum navio seu, á sua custa, muito bem petrechado e negociado, e vendo-se com o Cap.^{am} mór se lhe offereceu logo que estava prestes para o servir em tudo aquillo em que o occupasse com a pessoa e fazenda porque nenhuma outra cousa desejava senão que

o occupasse em todas as cousas arriscosas daquella impreza com outras muitas palavras de fidalgo taõ onrado, das quaes o Capitão mór lhe deu os agradecimentos.

Aos 13 do dito mez chegou de S. Thomé de Choromandel Antonio de Sousa em huma Galeota com 40 soldados deixando sua casa por se achar nesta impreza a que tambem o ditto Capitão mór deu os agradecimentos do modo com que se empregava no serviço de S. M.; e o mandou logo para a Tranqueira de Antonio Pereira Coutinho.

Depois que o Conde vio que André Furtado Capitão mór lhe respondia ás suas cartas disendo-lhe nellas *que elle não aceitára aquella armada senão para effeito de apreender aquella fortaleza, na qual tinha já metido tanto cabedal e posto o inimigo em grande aperto, que até o consumir de todo avia de ir com aguerria por diante por mais que S. S. mandasse o contrario; se lhe não parecia bem extinguir elle hum taõ grande inimigo da feé e do serviço de S. M. que mandasse successor á armada ou o avisasse a quem a avia de entregar porque elle se avia por desobrigado della.* O que visto pelo Viso rey e as lembranças que o arcebispo lhe fez sobre este particular a este prelado se deve o extinguirse este inimigo porque elle foi sempre o que fez que André Furtado não largasse a armada (tendo-o elle feito por algumas vezes), fazendo ir da cidade os sócorros que foraõ mais por força que por vontade de quem tinha obrigação de os mandar, animando o Capitão mór por suas cartas, aprovando-lhe a ordem que levava na destruição de taõ grande inimigo, que se isto não fôra pode ser que desistira da Empresa visto ser emcontrado de quem tinha mui differente obrigação de ajudar, socorrer e favorecer.

Visto isto deu licença aos homens fidalgos que eram vindos do norte e outros homens particulares para que todos os que quisessem ir a impreza do Cunhale o pudesse fazer, o que visto por elles se negociaraõ e partiraõ com muita vontade e brevidade trabalhando cada um em ser o primeiro pelo muito que desejavaõ acharem-se nesta impreza pessoalmente.

« O primeiro navio que chegou de Goa foi o d'André Porestrello Dantas que chegou o primeiro de fevereiro, e aos quatro chegou André Pereira em outro navio de Damaõ muito bẽm negociado com muitos soldados, e aos sette chegou Antonio Pereira Coutinho e André Pereira Coutinho seu irmão, cada qual em seu navio cheo de soldados velhos.

« Aos dez de Fevereiro encarregou a Antonio Pereira Coutinho de Capitão mór da Tranqueira em que estava Belchior Roiz — por ser fidalgo cheo d'esforço e de experiencia, amado e querido dos soldados; os Capitães que lhe deu para o acompanharem saõ os seguintes: André P.^a Coutinho, seu Irmaõ, D. Felipe de Sousa, Aff.^o de V.^{os} Henriques, Luis de Seixas de Carvalho que prouve de Capitaõ do navio de D. Lopo de Almeida em quanto se curou de huma espingardada; assi mais tinha consiguio os cristãos de S. Thomé que vigiavaõ em hum valo a borda d'agoa do rio onde Antonio P.^a Coutinho poz hum falcaõ com qur varejava as tranqueiras do inimigo fazendo-lhe grande estrago de tal maneira que desempararam os inimigos a primeira guarita.

« A doze do d.^o mez de fev.^o chegou Ant.^o Colasso Lobo que vinha por Capitaõ mór de 19 navios, os nomes dos Capitães delles saõ os seg.^{os} — Gaspar de Mellõ Affonso, D. J.^o de Lima, salvador de Sampaio de Souza, Joaõ de Sáa, Sebastiaõ de Tavora, D. f.^o Tello, Gaspar de Mello de Miranda, Don. Jeronimo Velles, Gonçalo de Sousa Falcaõ, Joaõ Alvares Barr.^{to} em lugar de seu pai, André d'Abreu P.^a, Luis Roiz de Ruaõ, Gaspar de Mello Per.^a, Belchior Camello de Mello, fr.^o de Sousa, D. Ant.^o Anriques. Estes Capitaes todos o Capitaõ mór mandou se passassem a terra com suas tendas na ponta da ria da banda do arriole, o que logo fizerão.

« Aos 17 de fev.^o chegou huma náo d'Elrey que o Conde fretou á cidade na qual mandou ao Capitão mór a artilheria e munições seg.^{os} — Um Camello, dous terços d'aguia, huma aguia real, hum Camello de maior marca, que mandou pôr na Gareana grande, quatro pipas de polvora, duas d'espingarda, 200 lanças de foguo, 500 panelas de polvora, 1000 murrões, 200 pelouros de ferro de

toda a sorte, 150 de pedrã nos Camellos, Repairos destas peças, huma carreta de Campo para se levar a artilheria; foi o Capitaõ mór e desembarcou a artilheria.

A 18 de f.º defronte do baluarte Branco em huma ponta d'area que ficava mais perto delle mandou o Capitaõ mór fazer huma tranq.ª em que poz o Camello, os dous tercos d'aguia real e alguns faleões, a que poz o nome de Cruz, e nella poz por Capitam Antonio Colasso Lobo, com os melhores Condestabres da armada; e aos 19 de madrugada se começou a bateria com as quatro pipas de polvora, a qual durou até 7 de Março, nos quaes dias se tiraraõ 136 tiros, e por a polvora faltar mandou o Cap.º mór que fossem com a bateria muito de vagar, porem que naõ desse lugar ao inimigo, que naõ repairasse as ruinas, e acabadas as 4 pipas de polvora mandou mais que lhe vieraõ de Cochim com as quais se foi entretendo a bateria pela ordem já dita e pela maneira asima, mandando vigias com o dito Ant.º Colasso dous Capitães a cada quarto; os nomes delles saõ os seg.ºs — Gaspar Aff.º de Mello e D. Fr.º Tello no quarto de prima — D. Antonio Anriques, e Salvador de Sampaio no da modorra, Gaspar de mello e Belchior Camello no quarto dante a lua — André d'Abreu P.ª e Joaõ de Sá no quarto da Lua.

A bateria foi de effeito porque derribou logo a frontaria do baluarte de modo que facilmente se subia pela ruina como se fez o dia que se ganhou, e ainda com lhe mandar o Conde estes navios por Antonio Colasso lhe escreveu que naõ fizesse cousa nenhuma. nem cometesse o inimigo em nenhuma forma sem primeiro avisar em particular do estado das cousas para elle mandar o que lhe parecesse, como se isto fora na entrada de veraõ, ou Goa estivera daly a huma legoa, mas isto era fundado em sua pertenssaõ querer entreter este fidalguo e consumir-lhe o tempo pera que entrasse o inverno e ficasse sem fazer nada.

O Capitaõ mór estava nesse tempo co a armada desprovida porque nunca o proveram senaõ de mez a mez, e quando chegava o provimento tinhaõ os Capitães sustentado os soldados aquelle mez á sua custa em um certo modo, por naõ vir o provimento a tempo sempre estavaõ desprovidos os Capitães que tinhaõ vindo

do norte a sua costa estavaõ molestados e emfadados pela tar-
dança e as muitas despezas que faziaõ.

O Capitaõ mor tinha escripto a Goa ao Visorey o provesse
com os mantimentos ordinarios para a armada, dinheiro para
extraordinarios e fabricas de Guerra, monições porque estavaõ
sem nenhuma, e a isto mandou tres embarcações, e por entender
que de Goa lhe naõ aviaõ de ir mandou logo hum navio ligeiro
com hu criado seu de confiança e escreveu a Cidade de Cochim
o estado em que estava e que o provesse com polvora de bom-
barda, de que tinha necessidade mandando por este seu creado
dinheiro e credito para lho comprarem o que se achasse de venda,
porque neste tempo tinha já as barcassas preparadas e postas na
barra grande e ellegeo por capitaõ de hua dellas Luiz Frago
d'Almeida que com muitos soldados que adquirio assistio nella
conforme ao valor e esforço de que Deos o dotou: na outra mais
pequena elegeo por Capitaõ Pero Roiz Botelho, soldado naõ com
menos partes, as quaes naõ metia dentro do rio á falta de mo-
nições.

(Continúa).

Indice dos manuscriptos pertencentes á Bibliotheca da Universidade

N.º 1

Indice chronologico do livro de Provisões e capitulos de Cortes da Camara de Coimbra. (É um volume em 4.º album contendo varios apontamentos até ao dia 29 de janeiro de 1660).

N.ºs 2 a 8

— chronologico de Provisões, Cartas e outros documentos extrahidos dos livros de Pergaminhos, e de volantes ou soltos da Camara do Porto. (7 vol. em 4.º album, principia o Indice na era de 1158, e acaba no anno de 1784).

N.ºs 9 a 13

— chronologico de Doações, Vendas, Provisões e outros documentos extrahidos dos livros de diversos cartorios, a maior parte de *Pendurada*, e de varias collegiadas de Coimbra. (5 vol. comprehendendo desde a era 908 até 1722).

N.ºs 14 a 18

— chronologico de Doações, etc. extrahido a maior parte do *cartorio da Fazenda da Universidade*, e do *Mosteiro de S. Bento d'Ave Maria do Porto*. (5 vol. em 4.º alb.— comprehendendo desde 935 até 1780).

N.º 19

— chronologico de Doações, emprasamentos e outros documentos — extrahidos de diversos cartorios — sendo a maior parte do mosteiro de S. Bento d'Ave Maria e das Camaras de Varios Concelhos. (1 vol., 4.º alb.— comprehendendo os annos 1300 a 1460).

N.ºs 20 a 22

— chronologico de Cartas regias, Provisões e outros documentos extrahidos dos cartorios de diversas Camaras. (3 vol. em 4.º alb.— comprehendendo os annos de 1428 a 1706).

N.º 23 a 25

Indice chronologico de Doações e Provisões, Cartas, Regias, etc. extrahido de varios cartorios. (3 vol. em 4.º alb. — comprehendendo os annos de 949 a 1673).

N.º 26

É um pequenino livro de Orações em 12.º, encadernado em pergaminho escripto em letra do seculo XVIII.

N.º 27

Livro de conceitos e bons ditos, com o titulo de *Oraculo manual e Arte de prudencia*. (8.º encadernado, *sem data alguma*).

N.º 28

Breve recompilação do Tractado de S. Boaventura, que tracta das tres vias — purgativa, illuminativa, e unitiva. (1 vol. em 8.º, mal encadernado).

N.º 29

Noticia do recebimento que a cidade de Evora fez ao Duque de Bragança D. João, quando foi visitar o marquez de Ferreira, D. Francisco de Mello, por occasião do seu casamento em segundas nupcias com a marqueza D. Joanna, filha do marquez de Tavora, em 1635.

— Principio da Casa de Bragança e Vida de D. Nuno Alvares Pereira. Pelo que se póde colligir da dedicatoria e das assignaturas que traz parecem ser estes escriptos do P. Antonio Vieira.

N.º 30

Tractado politico, em tres discursos, composto por Sebastião da Rocha Pita, coronel do Regimento de Ordenanças da Bahia, e offerecido ao Marquez d'Angeja.

N.º 31

Regras mui proveitosas para a vida espirital. (Anonymo, 1 vol. em 8.º).

N.º 32

Exercícios religiosos para o decurso do anno — por um religioso da Ordem de S. João de Deos. (1 vol. em 8.º).

N.º 33

Epistolæ S. Francisci Xaverii, ex hispanico in latinum conversæ ab Horatio Turselino—typis mandatæ anno 1659. (1 vol. em 8.º).

N.º 34

Obsequio á sagrada familia Jesus, Maria, José, Joaquim, Anna; contém os Officios menores em latim, e junctamente alguns hymnos — para as festas dos Santos. (1 vol. em 8.º).

N.º 35

- 1.º—Emblemas em verso latino com os n.ºs 111, 112 e 113.
- 2.º—Commentarius Jac. Fabri ad decem libros Ethicorum Aristotelis.
- 3.º—Vocabulos que faltão á Prosodia.
- 4.º—Officium in festo Annuntiationis B. Mariæ.
- 5.º—Rhetorices de Hier. Henriques Homem.
- 6.º—Lembranças, maximas, proverbios, etc. em latim e alguns em portuguez. (1 vol.).

N.º 36

Philosophiæ lib. secundus, Metaphysica. (1 vol. em 8.º).

N.º 37

Quæstio tertia — de qualitatibus Corporum. (1 vol. em 8.º).

N.º 38

- 1.º—Varias Cartas (estragadas) do P. Antonio Vieira a D. Rodrigo de Menezes.
- 2.º—Carta de parabens, etc., do Duque de Bragança D. Theodosio a seu filho D. João IV, que se finge escripta do outro mundo.
- 3.º—Resumo da conspiração intentada contra D. João IV.

4.º— Observação dos males que Deos permittio para bem de Portugal, escripta pelo chantre da sé d'Evora, Manoel Severim de Faria.

N.º 39

Historia do dormente acordado, extrahida das Mil e uma noutes.

N.º 40

- 1.º— Arte poetica, ou descripção das differentes especies de poesia. (*Anonymo*).
- 2.º— Duas orações em latim, uma assignada por Rodrigo Rollão Couceiro Pimentel.
- 3.º— Fabula Cebetis Thebani.
- 4.º— Dialogi Luciani.
- 5.º— Descripção da funcção do Imperador d'Eiras (pequena povoação nos arredores de Coimbra), que se costuma fazer todos os annos no Mosteiro de Cellas no dia do *Espirito Santo*, em verso macarroneo pelo P. M. fr. José de Santa Rita Durão.
- 6.º— Cursus philosophicus — P. Emmanuelis Alvaris — anno 1771. (1 vol em 4.º brox.).

Traz no principio um elogio impresso do P. D. Luiz Caetano e Lima por João Antonio Bezerra de Lima. — Lisboa, 1759, 8.º

N.º 41

Juizo universal, y ponto singular de concepts occultos. Discursos contra Jesuitas. (1 vol. 4.º, enc.).

Traz no frontespicio um escudo d'armas de Portugal, ornamentado e feito á mão primorosamente, a letra de todo o manuscripto é de bonita fórma.

N.º 42

- 1.º— Memorias para a historia ecclesiastica de Portugal, por João Pedro Ribeiro.
- 2.º— Apontamentos para a historia da Igreja portugueza, por João Pedro Ribeiro.
- 3.º— Noticias tiradas da Alcobaca illustrada para a historia ecclesiastica de Portugal.

- 4.º— Dissertação sobre a influencia dos nossos principes na eleição dos Bispos do Reino e Conquistas.
- 5.º— Dissertação breve sobre a Primazia das Igrejas de Hespanha, etc. (1 vol. em 4.º brox.).

N.º 43

- 1.º— Carta que o Secretario d'Estado Diogo de Mendonça Corte Real escreveu ao Marquez de Tavora, o Coxo, por haver fugido da sua Villa do Mogadouro, quando os Castelhanos surpreenderão Miranda do Douro.
- 2.º— Discurso contra os Aulicos.
- 3.º— Apontamentos para a historia portugueza do reinado de D. João II.
- 4.º— Elogio de José Seabra da Silva, sendo despachado secretario e ministro d'Estado.
- 5.º— Oração á Rainha D. Maria I, no seu anniversario, por Luiz Antonio Innocencio de Moura e Lemos.
- 6.º— Elogio pelo nascimento de um filho de Pedro Guedes de Magalhães Osorio, por Antonio Rodrigues de Moura.
- 7.º— Cartas de S. Francisco Xavier a D. João V, escriptas do outro mundo.
- 8.º— Oração funebre de D. Domingos de Portugal, Prelado da S. Basilica patriarchal de Lisboa, e D. Prior de Guimaraens, pronunciada na igreja de S. Thiago da Praça de Marvão em 26 de novembro de 1773, por fr. Simão de S. Joaquim.
- 9.º— Oração funebre nas exequias de José Joaquim de Larre, celebrada pela Irmandade do S. Sacramento de S. Sebastião da Pedreira no 1.º de fevereiro de 1716.
- 10.º— Carta (jocosa) de certo pai em resposta á que lhe mandou o filho do Alemtejo.
- 11.º— Vida e morte da Madre Maria do Sacramento, chamada no seculo D. Maria Barbara de Portugal. (1 vol. em 4).

*N.º 44

- 1.º— Arte de navegar, pelo P. M. Christovão Bruno.

- 2.º— Nova Astronomia. (*Anonymo*).
 3.º— Arte de Memoria artificial. (1 vol. brox. em 8.º).

N.º 45

- 1.º— Tractatus de peccatis — De gratia, justificatione et merito
 — sub Francisco Schwavtz, 1749.
 2.º— Tractatus de sacramentis in genere dogmatico positivus —
 sub Theodorico Huffnagel, 1749. (1 vol. em 8.º enc.).

N.º 46

- 1.º— Theologia moralis — sub Alexand. Herdt, 1748.
 Casus resoluti: IX decisiones — sub Alex. Herdt, 1748,
 usque 1752. (1 vol. enc.).

N.º 47

- Annotationes in materiam Excommunicationis traditæ a Melchiore
 a Trinitate, anno 1593. (1 vol. em 4.º).

N.º 48

- Dissertação historico-juridica sobre a pretendida isenção por mais
 dois seculos e meio da Igreja de Nossa Senhora do Loreto de
 Lisboa da jurisdicção Ordinaria, etc. (1 vol. em 4.º brux.).

N.º 49

- Dias de palacio, desengano de Pertendientes y documentos para
 los Tribunales y Gobierno. (*Anonymo*). (1 vol. em 4.º).

N.º 50

- Livro de varias memorias de cousas que aconteceram assim neste
 reino como em outros, tirados de varios auctores. (1 vol. em
 8.º).

N.º 51

- Annotationes in universam Logicam. (1 vol. em 4.º).

N.º 52

- 1.º— Documentos que fez para observar El Rey D. Sebastião.
- 2.º— Tratado sobre a Provincia d'Entre Douro e Minho por mestre Antonio, solorgiam, da Villa de Guimaraes. (Sem data).
- 3.º— Relação do que se passou na doença e morte do sr. D. Duarte filhos dos Infantes D. Duarte e D. Izabel.
- 4.º— Tratado sobre o fallecimento do mesmo, por Jorge Coelho.
- 5.º— Memoria da jornada da Rainha D. Maria Victoria a Madrid.
- 6.º— Varias Cartas politicas, Alvarás, etc. (1 vol. em 4.º).

N.º 53

- 1.º— Regimento que el-Rei D. João IV deixou á Rainha D. Luiza a primeira vez que passou ao Alemtejo a 18 de julho de 1643.
- 2.º— Regimento no tocante á pessoa real feito por D. João IV.
- 3.º— Carta notavel que se escreveu a D. João IV.
- 4.º— Carta de D. João IV para o Principe D. Theodozio.
- 5.º— Instrucção de S. M. ao Reitor da Universidade de Evora sobre o tratamento do sr. D. José, seu irmão.
- 6.º— Regimento das fontes, aqueductos e fabrica da agua da Prata da Cidade de Evora, reformado por D. Felipe II no anno de 1600. (1 vol. em 4.º).

N.º 54

Notas ou apontamentos de algumas cousas mais notaveis do Brazil. (1 vol. em 4.º).

N.º 55

Apologia de P. Pedro Alvares Pereira contra o P. Francisco Gonçalves, dirigida a Ruy de Mello Sampaio, Governador de Moçambique e Sofala. (1 vol. em 4.º).

N.º 56

Varias lembranças e apontamentos sobre diversos assumptos. (1 vol. em 4.º).

N.º 57

- 1.º— Oratio pro dia natalicio ser. Infantis Catharinae a Lud Serrano Pimentel.
- 2.º— Oração proemial que o Conde da Torre offerece aos Sapientissimos mestres no 1.º dia em que outra vez se torna a incorporar o Congresso da Academia no Muzeu da Casa do sr. D. Antonio Alvares da Cunha, em 13 de Novembro de 1661.
- 3.º— Sermão do dia de Juizo que prégou o P. Antonio Vieira na Capella regia em 1650 (*é o 1.º dos Sermões do Advento*).
- 4.º— Oração a S. Antonio, que fez o Padre Duarte Botelho de Lacerda na egreja das Chagas, em 1662.
- 5.º— Sermão de S. Barbora, pelo mesmo.
- 6.º— Oração da Ascensão do Senhor, pelo mesmo, 1662.
- 7.º— Dous sermões de S. Bartholomeo.
- 8.º— Sermão do Bom Pastor.
- 9.º— » do Mandato.
- 10.º— » da 8.ª do Natal.
- 11.º— » Sermão de S. Clara, que em 12 d'Agosto de 1658 prégou em Villa Longa o P. Antonio da Silva.
- 12.º— Sermão da Cinza, que pregou na Capella Real em 1663 o P. Antonio de Sà.
- 13.º— Sermão da Vaidade das mulheres.
- 14.º— » da Sementeira, que prégou o P. Antonio Vieira na Capella Real, em 1655. (1 vol. em 4.º).

N.º 58

- 1.º— Sermão de S. Tereza, pelo P. Vieira.
- 2.º— » pelo bom successo das guerras do Brazil.
- 3.º— » de S. João Baptista.
- 4.º— » das lagrimas da Magdalena, pelo Dr. H. Ribeiro de Carvalho.
- 5.º— » do Auto da Fé, pelo Bispo d'Angra em 1671.
- 6.º— » da 2.ª dominga do Advento.

ARCHIVO BIBLIOGRAPHICO

NUMERO 11

COIMBRA
IMPRESA DA UNIVERSIDADE
1878

SUMMARIO

	Pag.
SUMARIO DA DESTRUISSÃO DA FORTZ. ^a DE CUNHALLE NA INDIA — por André furtado de m ^{ca} , capittaõ mor daquella ympreza	197
ANALYSE E ESTUDO BIBLIOGRAPHICO DA 1. ^a EDIÇÃO DO 1. ^o LIVRO DA <i>Conquista da India</i> — por Fernão Lopes de Castanheda	205

Ao favor de um homem sabedor e curioso, o Ex.^{mo} Sr. Ernesto do Canto, de S. Miguel devemos a Analyse do livro 1.^o da 1.^a edição da *Conquista da India* por Fernão Lopes de Castanheda. Analyse tanto mais interessante, quanto é novo este cotejo entre as duas edições d'aquelle primeiro livro da obra de Fernão Lopes, a proposito da primeira das quaes pouco diz o Diccionario Bibliographico de Innocencio, e de que o Diccionario da Academia nem ao menos resa quando falla de Fernam Lopes.

Agradecendo a offerta ao nosso distincto amigo pedimos-lhe nos não deixe por muito tempo em esquecimento.

Do Ex.^{mo} Pereira Caldas recebemos tambem e muito agradecemos a continuação do seu estudo sobre o *Damião portuguez* que será publicado no proximo numero.

Condições da assignatura

Por 24 numeros	1\$800
Por 12 »	900
Avulso	100

Assigna-se em Coimbra nas principaes livrarias.

No Porto nas dos srs. Chardron e Viuva Moré.

O pagamento das assignaturas póde ser feito em dinheiro, em estampilhas do correio portuguez, ou em vales do correio, dirigidas ao sr. D. Duarte d'Alarcão V. Sarmiento Osorio—Quinta das Lagrimas—Coimbra.

Sumario da destruição da fortz.^a de Cunhalle na India
por André furtado de m^{ca} capitão mor daquella ympeza

(Continuado do n.º 10, paginas 188)

Neste meio tempo que foraõ 24 de Fev.º chegou Diogo Gomes cõ o ultimo e derradeiro socorro por Capitaõ mór delle, Diogo Moniz Barreto em hua galé com sem soldados que nella trazia, velhos e emtretenidos, os Capitães que vinhaõ em sua companhia saõ os seguintes: Pero Frz. de Carvalho, Tristaõ d'Ataide, Ant.º Carv.º de Brito, Pero d'Asevedo, Francisco Paes, D. Bern.º de Noronha, D. Manoel de Lacerda, fidalgo taõ cheio d'esforço, partes e zelo do serviço de S. M. como hé notorio; Adeantaram-se nos seus navios sobposto que nesta conserva parti-raõ de Goa e chegaraõ á armada taõ cheos de soldados velhos, e taõ petrechados que foraõ do Capitaõ mór summamente festejados, nesta Companhia de Diogo Moniz Barreto porque esperava lhe viecem as munhões e lhe naõ vieraõ nenhuma mais que mil rassões no navio de Francisco Paes, chegando Diogo Moniz com aquelle socorro e fidalgos tão valerosos e os soldados velhos que avia na India, o foi o Capitaõ mór receber ao mar na sua manchua fasendo-lhe as honras que tal fidalgo e sua companhia mereciaõ, lhe deu um masso de Cartas do Visorey dizendo de palavra que naquelle maço vinha a resoluçaõ de como se avia de aver naquella impresa: o Capitaõ o despedio e os maes para as suas embarcações dando-lhe ordem do que aviaõ de fazer até lhe mandar outra cousa.

A detemsa do Capitaõ mór nunqua foi esperar resoluçaõ do Viso Rey pois quando de Goa partio veio resolute e resolvido em fazer o serviço de Deos e de S. M. e depois de chegar vendo o estado em que já o inimigo estava e as cousas delle se determinou de todo em dar nelle e o extinguir, mas como sua pertençaõ só fosse fazer o serviço de Deos taõ bem feito que depois de extinguido o inimigo naõ ficasse o Estado com as mesmas molestias

N.º 11.

e oppressões que dantes tinha, o que sempre asi fora senaõ conservara amisade e paz com o Samorim e dera no imiguo sem elle ser presente, este foi o fundamento do Capitaõ mór e o respeito por que foi dilatando a guerra era por esperar que o Samorim viesse da sua festa *damia mangua* onde fora, ajuntandosse a isto o entender elle e ver muito que cumpria ao serviço de Deos, conservação e credito do Estado aver vitoria deste inimigo porque como era ir desafrontar o Estado de tamanha afronta que lhe era feita, alem de se perder todo o Estado da India que tinha ali junto debaixo da sua proteissaõ a seguindo e effectuando ficava hua afronta irremediavel para que em quanto o mundo durasse, como a materia era de tanto peso pois nella consistia o se perder o Estado ou se reparar e restaurar nesta materia, considerava de dia e de noute sem aquietar: e por hu Capitaõ do dito imiguo, que no processo da Guerra captivara, por nome Chalete Cunhale foi metendo olas na cidade com tal artificio que baralhou e inimistou os capitães do imigo huns com outros e o mesmo Cunhale com elles que por muitas vezes ouve tomarem armas e d'alli por diante naõ se fiar o Cunhal tanto d'elles sendo parte este desabrimento do Cunhale para se effectuar a pertençaõ do Capitaõ mór que era á formiga com dadivas e peitas ir-lhe tirando os Capitães e Lascarins como fez custando-lhe isto muito dinheiro porque peitava os imigos irmãos e parentes dos que lá estavam que viviam nas terras dos Arrioles e do Samorim para que persuadissem aos parentes que se viessem e aos proprios pera que o fizessem.

E por esta ordem lhe tirou de dentro 10 Capitães e 300 mouros, e como teve este caminho aberto ficou-lhes por alguns dias a porta assim pelos ensitar mais com o prover se por si pretendiam seguro para se virem o que d'entro em 8 dias pertenderam com grande instancia a quem o Capitaõ foi deferindo por ordem dos Arrioles; para com esta obrigassão os obrigar mais por esta ordem lhe tirou de dentro todos os Capitães e soldados forasteiros ficando só o Cunhal com os naturaes.

Com as cartas que Diogo Monis trouxe vinha huma instrussão do Conde que visto estar em terra sem ordem sua e licença e

lhe Deus tinha dado victoria n'aquella ponta e ter tomado a tranqueira do imigo fosse conseguindo a guerra per diante mas que em nenhum caso e que assim lho mandava por ordem de S. M. se sahisse da ordem que por aquella instrucção lhe mandava a qual era a seguinte: «que desembarcasse da banda do Samorim com toda a gente junta e a artilheria grossa encarretada e mais que fosse necessaria para defenção de campo indo sempre com tranqueiras muito fortes e muito bem entrecheirado demandar a tranqueira de pao do imigo, e ganhada ella fosse demandar a tranqueira de pedra e ganhada cercasse os baluartes da barra por mar e por terra e os batesse até os ganhar sem assalto podendo ser e levando os nossos a salvamento defronte da fortaleza a naõ cometesse por assalto como atraz lhe dizia mas que se entrencheirasse muito bem e batesse rijamente e o avisasse particularmente de todas estas couzas e do que sobre estas achasse lhe parecesse.

E que lhe mandava a ordem do que avia de seguir.

Isto dizia instrucção em resolução sua.

Mas perguntando com que polvora e munições o Capitaõ mór avia de ir fazendo estas detenças, tendo-lhe o dito Conde serrado as portas ao sustentar desta impreza; que eram faltar-lhe com as munições, polvora e mais cousas necessarias, e ser cabo do veraõ aqui não há poder falar.

E porque o ditto comde almirante naõ deixava lugar ao Capitaõ mór para resumir-se no que visse que mais cumpria ao serv.º de Deos e de S. M. como fez no regimento, o que delle bem visto emtendeo declarasse o Viso rey de todo em sua pretensaõ, porque para elle guardar a ordem que pela instrucção lhe mandava, e por-se em terra pela banda do Samorim e levar a artilheria grossa era a distancia muito grande e era muito trabalhosa por ser area em outeiros e valos, que em hum mez todo mui difficulosamente se poderia levar, e para quatro pessas grossas que lhe tinha mandado enviou com ellas uma só carreta de campo, para bater a tranqueira de pedra e os baluartes e o cercar pela ordem da instrucção bem averia mister outro mez. Bater a fortaleza e depois de estar em estado de se escalar para

se mandar recado a Goa e se esperar resposta e tudo succeder muito bem naõ podia vir em hum mez, e o inverno dali a dous entrava, e todas estas cousas lhe mandava fazer estando a armada desprovida e sem nenhum modo de munissão.

O que visto pelo Capitaõ mór e o Viso Rey estar declarado no que pertendia chamou todos os Capitães a Conselho e em publico lhes mandou ler por hum religioso de S. Francisco a instrucção do Viso Rey, dizendo-lhes que elle estava prestes para a cumprir sob posto que como christaõ lhes diria o que entendia daquella materia, e pedia a suas mercês e lhe requeria da parte de deos e de S. M. que como vassalos leaes que eraõ votassem nesta materia desembaraçadamente e lhe desem seus pareceres por escripto porque a todo o tempo se soubésse que da sua parte naõ ficava nada por fazer.

O Capitaõ lhe propoz as rasões que avia muy urgentes para se naõ goardar aquella instrussão e ordem do Viso Rey dizendo-lhe que armada avia já 20 dias que estava desprovida como todos elles sabiaõ pois sustentavam os soldados a sua custa que só no particular de pagua dos marinheiros e seu provimento tinha elle provido com dinheiro de sua casa por naõ fugirem, e como aquelles fidalgos e capitães do norte avia tres mezes que sustentavaõ os navios a sua custa sem nenhum adjutorio da fazenda de S. M.º e que se lhes eraõ acabados os cabedaes que trouxeraõ de suas casas como todos lhe tinhaõ dito, e o dizia em publico por que elles estavaõ presentes, e que para se por com todo o campo da banda do Samorim e levar a artilharia grossa bem Viaõ a distancia que avia de terra e a difficuldade della, que de Goa lhe mandaraõ quatro pessas grossas com hua só carreta de Campo, e que visto tinhaõ o trabalho que elle teve em levar estas pessas grossas da praia á estancia de Ant.º Colasso Lobo com ser taõ perto e caminho taõ plaino que foi necessario pucharem com suas proprias mãos pelas bordas, e que o Conde lhe mandava batessse o baluarte e tranqueira de pedra e a fortaleza e que naõ tinha um graõ de polvora porque a que trouxeram de Goa ya acabada e despendida no decurso da Guerra por ordem do feitor que presente estava, e que as quatro pipas que lhe vieraõ na náõ quando

veio a artilharia tinha dado a Antonio Colasso que ali estava as quaes tinha gastado em bater o baluarte branco, e duas mais que lhe mandou a Cidade de Cochim, e que alem destes inconvenientes imda que lhe naõ faltaram nenhua destas cousas, e tudo lhe sobrára, que de veraõ naõ avia mais de dous mezes, Março e Abril, e que nestes naõ se podia concluir a tomada da tranqueira de pedra e baluarte da barra quanto mais dar-se fim a se bater e tomar a fortaleza e derrubar-se como estava pelo contrato de pazes, e compor as cousas do Samorim e arrioles o que tudo visto por elles assistentes concluirã e se resumiraõ que a instruçã do Viso Rey senaõ podia guardar pelos razões apontadas e que elle dito Capitaõ mór concluísse a impreza pela ordem que lhe parecesse, porque quando elle sem ordem do Conde tinha posto a impreza naquelle estado de crer era que ao mais daria fim com o resguardo que cumpria, por que da instrusaõ do dito Conde se entendia claramente e do ruim provimento que tinha mandado áquella armada que naõ queria que se effectuasse aquella impresa e que se elle dito Capitaõ mór se naõ remmisse em breve que todos se aviaõ de faser á vella para suas casas por lhe faltar a despeza como lhe tinhaõ dito ou os provesse da fazenda de S. M. que da sua bastava o que tinha despendido na impresa sem ordenado nem mercê alguma que o conde lhe desse como todos sabiaõ.

O Capitaõ mór os despedio com lhes diser que por escripto lhe dessem resolutamente seus pareceres, e que estivessem prestes e a ponto porque confiava em Deos que em breve tempo avia de desaparecer o Estado da India de tamanho imiguo e a elles da molestia em que estaõ: de oitenta e seis capitaes, e seis Religiosos que nesta Junta se achavaõ todos foraõ deste parecer só D. Fernando de Noronha e D. Christovaõ de Noronha primos do Conde foram de parecer que se guardasse a ordem do conde Viso rey.

Como o Capitaõ naõ esperava mais que pela vinda do Samorim para logo se determinar a dar no imiguo, e pelas munções que tinha mandado buscar a cidade de Cochim as quaes chegaraõ no 1.º de maio que foraõ tres pipas e meia de polvora de bom-

barda e munições, escadas, cestos. O Samorim chegou a tres de março e aos quatro se vio com o Capitaõ mór, onde se trataõ muito d'espaco e por extenso sobre o dar-se no imiguo, o Samorim pedio seguro ao Capitaõ mor e licença para sair do sitio do inimigo a gente de Cadamapa que era a segunda pessoa que o Cunhale tinha, e porque nisto interessava o Samorim lhe deu licença o Capitaõ mór e seguro para sairem estas mulheres e meninos, comtanto que aviaõ de sair os mouros que sustentava o Cadamapa que eraõ cento, e que esto avia de ser de dia e que avia de estar presente hum capitaõ seu e o padre Theophilo da Companhia que correo com estas cousas, em quanto o padre Roiz estava com o Samorim na sua festa, religioso cheio de tanta virtude e emtendimento do que o Capitaõ mór se ajudava, sendo este religioso a principal parte, mediante o favor divino para as cousas virem ao que vieram e porque confiava tanto da pessoa deste Religioso como da sua propria o mandou logo e a Belchior Roiz com o Samorim e com pessoas que conheciaõ muito bem o Canhale, seus parentes e Capitães para que vissem na volta daqueles naõ fosse o Cunhale ou alguns destes particulares dando-lhes por ordem que todas as mulheres vissem porque naõ saisessem alguns dos mouros no trajo dellas.

E feito isto se despedio do Samorim ficando muito contente e satisfeito do que o Capitaõ mór lhe concedera.

A 5 de Março á noute pedio dom P. Coutinho licença ao Capitaõ mor para entrar a barra no seu navio, e o ter dentro no rio prestes e a ponto para commetter as ocasiões quando se offerecesse o Capitaõ mór lhe deu licença, o que elle logo fez sendo servido de hua sonada de bombardadas e espingardadas a quem seguio logo d. Manoel de Lacerda no dia seguinte, na maré do meio dia entrou P. Fz. de Carvalho, Franc.º de Macedo e Gonçalo de Macedo, nesta mesma noute mandou entrar o Capitaõ mór todos os navios dos Capitães que estavaõ nas tranqueiras para nellas quando fosse preciso passarem a outra banda.

A 6 de Março pela manhã sedo saio esta armada do sitio pela ordem que o Capitaõ mór tinha dado diante do Padre Theophilo e Belchior Roiz e outros soldados que a ver isto se ajuntaraõ os

quaes fiserãõ intramente o que o Capitaõ mor lhes avia mandado o que se acabou ás duas horas depois do meio dia e vimdo-se recolher o P. Manoel Gaspar da Companhia de Jesus (que o Capitaõ mór trazia na sua galé religioso mui sobejo de virtudes e boas partes que por tal o trouxe comsigo, e com elle se confessava), e Belchior Paes dar conta ao Cap.ãõ mór do que tinha feito; começaraõ da tranqueira a servir d'algumas bombardadas, e como elle hé taõ grande Cavalleiro e mal sofrido cego de paixãõ deu *Santiago* e arremeteu pelas tranqueiras; o que visto pelo dito P. Manoel Gaspar e Belchior Roiz andar já baralhado com os mouros animou os outros soldados para que o seguissem e por melhor os insitar se foi com elles porem avisando loguo o Capitaõ mór do que se passava. Os soldados e capitaes quando viraõ a revolta e os nossos andarem já nas tranqueiras acudiram todos sem ordem nenhuma da qual ouve o Capitaõ que nasceria de alguma desordem mandou logo chegar a manchua a terra e desembarcou com hum corpo de gente, foi marchando para as tranqueiras e per dellas fez alto mandando a Antonio Pereira Coutinho que com serenidade fosse recolher aquella jente e lhe dissesse que elle estava ali, e que bastaria a desordem que tinhaõ feito, que depojs da gente junta em hum corpo se deixasse estar ate as tranqueiras se queimarem todas, e de todo tomando a sua trombeta se recolheram, o que este fidalgo fez com muita brevidade e taõ bem feito como fez todas as cousas do serviço de S. M. Visto pelo Capitaõ mór que a tranqueira estava queimada e arrasada tomou a trombeta e a tocou a recolher, ao signal do qual se recolheraõ e vindo aonde elle estava fez o mesmo embarcando-se na sua manchua mandou prender a Belchior Roiz, e sendo informado como socedera o passo, e quaõ valerosamente se elle ouvera nisto o mandou soltar e lhe fez mil onras publicas.

Isto feito se passou logo na sua manchua a outra banda do ariolle e foi correr todas as tranqueiras provendo-as de moniões repartindo os Capitaes co as pessoas que tinha escolhidas para apertar de si plas partes que lhe parecesse dando-lhes por ordem e avisando os que estivessem prestes e a prompto para a ora que

tivessem seu recado acompanhar as pessoas que lhes tinha dito e que dia e ora lhes não nomeava logo pelos inconvenientes que disso podiaõ resultar, mas que lhe affirmara que naquella semana em q. estavaõ avia de ser.

Este fidalgo em seu posto tinha dado ordem e trassado cometer esta cidade a tranq.^a e baluarte por tres partes as quaes elle tinha visto muito devagar e eraõ as mais faceis e accommodadas para seu desenho, e só aos Capitães a que determinou dar o cargo de accometer por estas partes descobrio o seu peito. Mandou a d. Francisco de Sousa e a Antonio P.^a Cout.^o com outros tantos ambos juntos com cada sua bandeira de Campo por que sendo caso que algum morresse ficasse o outro assistindo na mesma obrigação. E esta ordem tinha dado a ambos que juntos aviaõ de cometer a Tranq.^a entre a fortaleza e a tranq.^a de pedra e ganhada viessem ao campo desta ate abrirem a ponta que estava no meio della para entrar a gente do Samorim, e dali endireitaram ao Baluarte branco.

A D. Francisco de Noronha com 400 homens tinha determinado mandar que cometesse aquella tranq.^a que estava defronte da sua estancia pegada com o baluarte do *catemufra*, e ganhada viesse ao longo da tranq.^a de pedra demandar o baluarte branco: a Diogo Moniz que levava consigo mandaria diante com 400 homens para a proa entre as galleotas e o baluarte branco para ficar logo ganhada aquella guarita e força e depois vir demandar o baluarte branco: e o Capitaõ mór com a bandeira real pela proa ao pé do baluarte b.^o por entender que aquelle baluarte ganhado e alem delle entrincheirado e feito forte tudo o mais lhe ficava facil e dali determinava dar ordem a tudo o mais que fosse necessario e a socorrer os outros Capitaes sendo necessario.

(Continúa).

Analyse e estudo bibliographico da 4.^a edição do 1.^o livro da *Conquista da India* por Fernão Lopes de Castanheda

É factó conhecido a raridade da 1.^a edição de 1551 do 1.^o livro da *Conquista da India* por Fernão Lopes Castanheda, conhece-se, e desde poucos annos um exemplar na bibliotheca das Necessidades e outro exemplar que possui o sr. José do Couto, comprado por uma bagatella em Paris.

Temos fundamento plausivel para suppôr que esta raridade não é casual, mas sim filha de proposito firme de ageitar a historia ás conveniencias do momento.

Como diz Couto — Dec. 4 L.^o 5 Cap. 1 — D. João 3.^o mandou recolher o decimo livro da obra de Castanheda —, por requerimento de alguns fidalgos que se acharam offendidos pelas verdades que o dito author dizia. —

Quem supprimio assim um livro por dizer verdades, dá direito a suppôr-se que o factó se repetiria — por iguaes motivos.

Como explicar que publicando-se em 1551 o 1.^o Livro de Castanheda, logo em 1554 se reemprimissem o dito 1.^o livro pela 2.^a vez e os restantes oito pela 1.^a?

O factó de se desprezar a 1.^a edição do 1.^o livro revela já uma causa forte e poderosa —, sem todavia se perceber qual fôsse.

Note-se: 1.^o, que ambas as edições do 1.^o livro foram feitas em Coimbra por Johão Barreyra & Johão Alvares — *Empressores del Rey na Universidade de Coimbra* —;

2.^o, que Fernão Lopes da Castanheda trabalhou 20 annos — na sua historia;

3.^o, que gastou todo o seu haver no apperfeigoamento da obra a que se dedicou;

4.^o, que regressando a Portugal pobre de fazenda e de saude para poder viver, teve de acceitar o logar de Bedel do Collegio das Artes na Universidade de Coimbra, e guarda do respectivo Archivo —, logar em que morreo no anno de 1559 (Dicc.^o Bibl.^o)

Facilmente se conclue que estava em condições de não poder

subtrahir-se á influencia real, nem esquivar-se a fazer o que lhe mandassem.

A principal differença entre a 1.^a e 2.^a edição de Fernão Lopes de Castanheda é nos 1.^{os} capitulos. Na 1.^a a narrativa deixa a principal honra da descoberta a D. João 2.^o, na 2.^a parece que, á inspiração de D. Manoel foi devida a descoberta da India e que o acaso ali encaminhou Vasco da Gama.

Na 1.^a edição se vê, que a armada quando partio não ia ao acaso, o problema estava meio resolvido pelos trabalhos e estudos anteriores. Esta e outras differenças importantes, umas devidas a influencias superiores, outras talvez como tributo á verdade, merecem a attenção dos que se dedicarem ao estudo d'esta brilhante parte da nossa historia maritima.

Noticia da 1.^a edição da Historia do descobrimento e Conquista da India!... por Fernão Lopes da Castanheda.

Formato em 4.^o—Frontespicio uma portada com figuras allegoricas — tendo na parte superior, a meio,— a esphera armilar, — na parte inferior, no centro, as armas portuguezas,— no vão da gravura tem no recto:

Historia do
descobrimento & conqui-
sta da India pelos Por-
tuguezes

Feyta por Fernão Lopes
de Castanheda

E aprouada pelos Senhores deputa-
dos da Sancta Inquição

No verso do frontespicio diz =

Prologo da Historia do-
descobrimento — & Conquista da India pelos Portu-
gueses. Dérijido ao muyto alto & muyto poderoso
Rey, Dõ Joaõ ho terceiro — deste nome, nosso Senhor,

*Rey de Portugal, & dos Algarves, Daquẽ & Dalem Mar, em
Africa, Senhor de Guinẽ, & da Conquista, navegacãõ,
& Comercio de Ethiopia, Arabia, Persia,
& da India &c.*

Per Fernãõ Lopes de Castanheda

Segue o prologo que é differente do que vem na edição de 1833, e principia:

«Era para mim taõ estranho, muy alto e muyto poderoso
«principe Rey nosso Senhor, querer cometer um feito de
«tamanho peso, como foi escrever as milagrosas façanhas
«que fizeram os portuguezes no descubrimento e conquista
«da India, que estive mûitas vezes para o deixar &c.»

Continua nas duas paginas da folha seguinte, acabando nas ultimas 16 linhas com iguaes dizeres aos da edição de 1833.—

A primeira pagina diz

LIURO PRIMEIRO DA HISTO-

ria da India na qual se contê como foy descube-
ta por mandado do muyto famoso Rey dõ Ma-
nuel de gloriosa memoria. E a guerra q̃ fizeraõ os
capitães Portuguezes a Çamorim rey de Calecut
ate ho anno de mil & quinhentos & quatro

No verso desta principia a numeração com o algarismo —2—

Capit.º 2.º— «De como elrei dom Manuel ho primeiro deste
«nome mandou descobrir a India por Vasco da Gama..... por
«outros capitães e de como partiram de Lisboa» Principia o ca-
pitulo dizendo — «E como quer que elrei dom Manuel tinha
«mayor animo que ho grande Alexandre para cometer cousas
«que pareciaõ sobre naturaes, logo aos dois annos.....» Segue
como na edição de 1833 — algumas linhas —; depois apparecem
muitas variantes, entre as quaes nota esta: «Aparelhados estes
«navios, estando elrey em Mõte moor ho novo com sua primeira

«molher a raynha D. Isabel no anno de mil & ccccxcviij dea a «capitania moor deste descobrimêto da India a hũ Vasco da «Gama criado seu e que tâbẽ ho fora delrey dõ Joaõ, natural da «vila de Sinis.....» O fim do capitulo é identico em ambas as edições; a 1.^a, porém, leva vantagem á moderna em declarar a data da expedição.

Capitulo 3.^o da 1.^a edição diz: — «De como o Capitão moor.....» Na edição de 1833 diz: — «de como Vasco da Gama.....» Em todos os capitulos seguintes, a edição moderna substitue o nome proprio de Vasco da Gama — ao attributo de — Capitão mór — uzado sempre na 1.^a

Continuam os capitulos com os titulos mais extensos do que na edição de 1833, mas uniformes no assumpto; o texto é identico com leves differenças de orthographia, sendo notavel que na edição de 1551 em geral é a orthographia mais conforme com a moderna: assim no capitulo XIII linha 3.^a a 1.^a edição — traz «em tanta maneyra... &» e na de 1833 — «ẽ tâta maneyra.»

Do Capitulo XVIII da edição de 1551 fizeram-se o 18 e 19 da de 1554.

O Capitulo XIX começa por diferentes palavras — mas com o mesmo assumpto do Capitulo XX da edição de 1833, e pela maior parte identicas palavras em ambas —

Capitulo 20 identico—: no verso da pagina 65 está a numeração — 79 —, em ves de 66 —; na seguinte 78, em vês de 67; na immediata 68, está certa, e continúa exacta até ao verso da pag. 77, que tem 67, em vês de 78; a seguinte 69, em vez de 79; depois continúa certa.

Os Capitulos da 1.^a edição continuam a ter a differença de mais uma unidade na numeração até ao Capitulo 29, comparados com os equivalentes da edição de 1833.

No Capitulo XXVI, correspondente ao 27 de 1833, ha no fim redacção diversa, e tudo o que se acha a pag. 91 da edição moderna não está na 1.^a— É esta parte um resumo da primeira parte do Capitulo XXVII pag. 86 e parte de 87; nelle se omite a data e particularidades interessantes, dignas de se conservarem.

Capitulo 27 da 1.^a edição além do acima dicto, tem toda a

materia do Capitulo XXIX da edição moderna; e alguma coisa do Capitulo XXVIII moderno, tudo o que nesta se diz de profecias e das pedras achadas em Cintra — é novo.

D'aqui em diante ha differença de duas unidades a mais no numero dos capitulos da edição moderna.

Capitulo 28 da 1.^a, correspondente ao 30 da ultima, tem redacção diversa e identico assumpto, havendo, porém, na penultima linha divergencia. A 1.^a diz: — *que se apartou a não de Vasco d'Athayde,* — e na ultima — *a não de Luiz Pires.*»

Capitulo 29 tem o titulo «De como o Capitão moor foi ter a costa do Brazil e de como sosobrarão quatro náos de sua conserva—»; na moderna, e defeictuosamente, só se conservou a parte do titulo que está sublinhada; que é o capitulo 31 da moderna.

No texto da 1.^a edição ha periodos eguaes aos da ultima, mas contém mais particularidades; como dizer «*que em terra deixaria dois degredados dos 20 que levava &c.*» Ha uma data trocada: na 1.^a se diz: — *que Pedralvares Cubral partira do Brazil numa quinta feira 2 de Maio* —, e na moderna se diz — *trez de Mayo* — A parte relativa ao naufragio das náos tambem é mais extensa na 1.^a edição.

Capitulo 30 — Tem mais 16 linhas no principio do que se acha na ultima edição no Capitulo 32.

Capitulo 31 e 32: quazi conformes em ambas as edições.

» 33 — Não traz a carta de D. Manoel ao Rey de Calicut — que está no Capitulo 35 da edição moderna, mas contém com outra redacção o assumpto do Capitulo 36 moderno.

Capitulo 34 (por erro tem XXXXIIIJ) identico ao 37 e aqui principia a differença do numero dos capitulos a ser de mais trez unidades na edição moderna.

Os Capitulos 35 e 36 correspondem ao Capitulo 38 moderno, com variantes na redacção, ficando por isso a differença na nümeração dos capitulos outra vez só ás duas unidades.

Capitulo 37 — pouco varia do 39 moderno.

» 38 — » » do 40 »

» 39 — «De como carregando ho Capitão mór em Co-

chim veo ter cõele hũ clerigo Indio christão da Cidade de Crangalor, para ir coele a Portugal. E do que lhe contou dos Christãos desta Cidade.» Este Capitulo foi todo supprimido na edição de 1833.

Capitulo 40; corresponde ao 41 moderno com variantes de redacção.

Capitulos 41 e 42 com leves alterações eguaes ao 42 e 43 modernos.

Capitulo 43 Com leves alterações eguaes ao 44 moderno.

Capitulos 44, 45 e 46 incluídos no Capitulo 45 moderno com variantes.

Capitulo 47 corresponde aos Capitulos 46 e 47 moderno com variantes. Tem mais uma carta do que este, e outros factos importantes.

Capitulo 48 — corresponde ao 48 moderno.

» 49 — com pequenas variantes egual ao 49 moderno.

» 50 — » » » » 50 »

» 51 e 52 com pequenas variantes aos correspondentes 51 e 52 modernos.

Capitulo 53 — tem no fim menos do que o 53 moderno.

» 54 — com pequena differença egual ao 54 moderno.

» 55 — varia em materia do 55 moderno, e neste se falla em Antonio de Saldanha que não apparece na 1.^a edição, etc.

Os Capitulos até 64 são conformes em ambas as edições.

Capitulo 65 — corresponde ao 66 moderno, havendo nesta edição o Capitulo 65 sobre Antonio de Saldanha totalmente novo.

Capitulo 66 até 69 conformes em materia com os Capitulos 67 até 70 da edição moderna.

Capitulo 70 — logo no principio tem redacção um pouco diversa do 71 moderno; do meio por diante a redacção é muito diversa, posto que o assumpto seja o mesmo.

Capitulo 71 — a maior parte d'este Capitulo está no fim do Capitulo 71 moderno mais resumidamente; e por tal motivo tornam os capitulos do mesmo numero a concordar nas duas edições.

Capitulo 72 — muito mais extenso do que o 72 moderno.

Capitulo 73 — não corresponde ao 73 moderno. Do seu assumpto ha pequeno extracto no fim do Capitulo 72.

Capitulo 74 — com a mesma materia e diversa fôrma do capitulo 73 moderno.

Edição-1551		Edição-1833	
Cap. 75	» » corresponde ao	Cap. 74	— » »
» 76	» » »	» 75	— » »
» 77	» » »	» 76	— » »
» 78	» » »	» 77	— » »
» 79	» » »	» 78	— » »
» 80	» » »	» 79	— » »
» 81	» » »	» 80	— » »
» 82	» » »	» 81	— » »
» 83	» » »	» 82	— » »
» 84	(Não existe, houve lacuna de n.º 84.)		
» 83	(Repetido em vez de 84.)	» 83	» »
» 85	» » »	» 84 e 85	» »
» 86	» » »	» 86	— » »
» 87	» » »	» 87	— » »
» 88	» » »	» 89	(Na edição moderna existe a mais do que na antiga todo o capitulo 88.)
» 89	» » »	» 90	— » »
» 90	» » »	» 91	— » »
» 91	» » »	» 92	— » »
» 92	» » »	» 93 e 94.	(O que neste capitulo se diz de Lopo Soares na 1.ª edição se diz de Duarte Pacheco!)
» 93 (com variantes.)	— » 95	— » »	
» 94	» » »	» 96	— » »
» 95	» » »	» 97	— » »

e termina :

FOY IMPRESSO ESTE PRI-
MEIRO LIVRO DA HISTORIA DA

*India — em a muy nobre & leal cidade de Coimbra
por Johão da Barreyra & Johão Alvarez,
empresores del Rey na mesma univer-
sidade. Acabouse aos seis dias do
mez de Março. De*

M.D. LI.—

Tem o volume 267 paginas além do frontespicio e das tres enumeradas do Prologo.

Todo o volume é impresso em typo *romano* e não em *gothico* como a edição de 1554.

ARCHIVO BIBLIOGRAPHICO

Condições de assinatura

Por 24 números 12000

Por 12 6000

Avançada 1000

SUMARIO

Pag.

SUMARIO DA DESTRUIÇÃO DA FORT. DE CUNHALLE NA

INDIA — por André Furtado de m., capitão mor daquelle

Impressa 213

DAMÃO PORTUGUES — por Pereira-Galdas 231

NUMERO 12

COIMBRA

IMPRESA DA UNIVERSIDADE

1878

ARQUIVO BIBLIOTECARIO

SUMMARIO

	Pag.
SUMARIO DA DESTRUISSÃO DA FORTZ. ^a DE CUNHALLE NA INDIA — por André furtado de m ^{ca} , capittaõ mor daquela ympreza	213
DAMIÃO PORTUGUEZ — por Pereira-Caldas	221

NUMERO 12

ARQUIVO
IMPRIMIA DA UNIVERSIDADE
1928

Condições da assignatura

Por 24 números.....	1500
Por 12.....	750
Avulso.....	100

Assigna-se em Coimbra nas principais livrarias.

No Porto nas das sras. Orléans e Viçosa Manoel.

O pagamento das assignaturas pode ser feito em dinheiro, em
estampilhas do correio portuguez, ou em valores de correio, dis-
pôzidas ao sr. D. Duarte d'Almeida V. Sarmento (Linha—Cruz)
das Lagarias—Coimbra.

EXPERIMENTOS

Registos nos Srs. Assignantes em dadas e favor de mandas
satisfação suas assignaturas.

Condições da assignatura

Por 24 numeros	1\$800
Por 12 »	900
Avulso	100

Assigna-se em Coimbra nas principaes livrarias.

No Porto nas dos srs. Chardron e Viuva Moré.

O pagamento das assignaturas póde ser feito em dinheiro, em estampilhas do correio portuguez, ou em vales do correio, dirigidas ao sr. D. Duarte d'Alarcão V. Sarmiento Osorio—Quinta das Lagrimas—Coimbra.

EXPEDIENTE

Rogamos aos Srs. Assignantes em divida o favor de mandar satisfazer suas assignaturas.

Sumario da destruição da fortz.^a de Cunhalle na India
por André furtado de m^{ca} capitão mor daquella ympeza

(Continuado do n.º 11, paginas 197)

Disse a D. F.º de Noronha o que tinha traçado e que estivesse prestes e que visse o que lhee ra necessario d'embarcações e munições para desembarcar com esta gente pelo lugar que lhe tinha apontado, d. Francisco lhe mandou dizer por André Roiz que se lhe não desse a dianteira que não queria outro nenhum lugar : o capitão mór lhe mandou dizer pelo proprio André Rodrigues mandando com elle dous fidalgos honrados Diogo Ortiz e Pero de Mendanha e a todos trez juntos deu recado para que o dessem a D. Fernando e lhe ficassem sendo testemunhas do que lhe mandava dizer per guardar o decóro ao Vizo Rei n'este particular: mandou-lhe dizer que elle como dito tinha dividia o seu poder em 3 partes que por uma mandava dous fidalgos onrados e cavalleiros cheios de merecimento e experiencia, que por outra hia elle e quando elle desembarcara com todo o poder junto que entã fizera aquillo que entendera e que mais cumprisse ao serviço de Deus e de S. M.º e que ainda que elle naquella impreza tivera um irmaõ lhe não pudera dar melhor lugar pois lhe dava o que elle para si tomava : e que subposto isto que se s. m.º tinha Provisão do Viso Rei em que lhe dava a dianteira, ou carta que tal dissesse lha mandasse mostrar, que elle desistiria do que tinha ordenado e iria com toda a sua gente junta, ainda que ariscasse o perder-se, sómente por cumprir o que o V. Rei mandava e que lhe lembrava aquella impresa de quanta consideração era que a elle lhe cumpria servir a S. M.— porque naquelle lugar que elle lhe dava confiava nelle, de seu esforço que fizesse taes façanhas e taõ eroicos feitos que todos os outros escucessem e este lhe respondeu que por nenhũ caso avia de asseitar senaõ a dianteira, ou se se lhe obrigasse a dar hua certidao da dianteira que asseitaria o lugar, o que visto pelo Capitão

N.º 12.

mór lhe naõ mandou mais nenhuma resposta nem tratou de o occupar em mais nenhuma cousa.

A pertençaõ do Capitaõ mór era dar ao Sabado por ser dia em que todas as cousas que cometteo lhe succederam bem; Deus N. S. foi servido pela intervençaõ de S. Thomás que fosse no seu dia.

A terça feira pela manhã, 7 de Março, dia de S. Thomaz foi o Capitaõ mór avisado como aquella noute determinava o Cunhale acolher-se com consentimento dos Regedores do Samorim e subposto que o Capitaõ mór daquella parte tinha muito grande vigia porque o dia que se ganhou e tomou a Tranqueira de pau deixou daquella banda entrinxeirado Antonio Per.^a Coutinho com 100 homens, porem como hũ homem só é facil cousa sair-se de noute da sua cerca e de estansia tamanha resumio-se em concluir as cousas aquelle dia. O Samorim o estava esperando da outra banda, chamou loguo os Capitães todos que ali estavaõ e em publico lhes disse que se embarcassem e estivessem prestes a ponto e que todos acompanhassem André Roiz e fizessem aquillo que por ello lhes fosse mandado taõ inteiramente como se elle em pessoa o mandasse porq̃. na obdiencia e ordem das cousas estava o vencimento dellas, e que a elles naõ tinha elle mais que encomendar nem lembrar pois todos eraõ Capitães velhos, cheios d'experiençia, e mais para ocuparem aquelle lugar que elle proprio. Apartou André Roiz só e lhe deu a ordem que avia de ter, que era com toda aquella gente e navios junctos ir pôr a proa no Baluarte branco, e fazendo-lhe Deos mercê de o ganhar, como nelle esperava, se fortificasse no dito Baluarte e delle se não saísse sob pena de caso maior, ainda que visse que tudo se perdia, e que a barra naõ entraria por nenhum caso até seu seg.^o recado, e quem lho troucesse lhe entregaria aquelle anel que elle tinha no dedo, e em lho dando a entrasse com a brevidade que delle confiava.— Isto feito se veio embarcar na sua manchua e antes que o fizesse se virou para os Soldados que o vinhaõ acompanhando, e que estavaõ todos juntos, e lhes disse: *Meus Cavalleiros, este é o dia de nós taõ desejado em que, confio na Mae de Deos, e em vosso valor satisfaremos a injuria que a este Es-*

tado é feita e a morte de quantos irmãos e parentes nesta propria empreza perdemos; e conforme ao valor e fé que vejo em vossos animos tomara que naquella cidade e fortaleza estivera toda a mourama do mundo junta para a toda em hua hora lhe darmos fim. Confiai que vos hei-de ser leal Companheiro e me aveis de achar sempre em tudo aquilo que se offerecer. Isto feito s'embarcou, os Capitães e soldados ficaraõ taõ animados que cada qual trabalhava ser o primeiro que nos navios s'embarcasse. O Capitaõ mór passou á outra banda a ver-se com o Samorim que o estava esperando.

Logo que chegou mandou recado a todos os Capitaes que estavaõ daquella banda que dessem d'almoçar a todos os soldados, e que se preparassem e negociassem porque aquelle era o dia em que nosso S.^r lhes avia de dar o primeiro de seus trabalhos. Os Capitaes o fiseram assi e com mais presteza do que elle imaginava. Saio armado da sua manchua o Capitaõ mór com um collete d'anta guarnecido de veludo verde, apassamanado d'ouro e verde, calções roxos apassamanados d'ouro a meia perna como sempre andava, hua espada larga dourada na cinta de cabos d'abalroar guarnecida de veludo verde, e hũ gibaõ de tella roxa, e uma cadea grossa com hũ abito ao pescoço — hũ chapau com uma tramea rica e formosa plumagem, e huma gineta na maõ e hum palaquim concertado por quanto hia maltratado de hum pé de hum estrepe do dia da Tranq.^a

Entregou todas as munições que tinha a dous Soldados de muita confiança, e a seu Capitaõ da manchua, Gaspar Raymaõ capitaõ da sua Galé levava o estandarte real, chegando nesta Ordem ao Samorim se assentaram em duas cadeiras de veludo que para isso levava o Capitaõ mór, e tratando um pedaço em negocio sós o acabou o Capitaõ de segurar nestas suas desconfianças de aver que lhe naõ cumprirão o promettido.

Isto feito que seria hua ora depois do meiodia despedio logo o Capitaõ mór hum soldado de muita confiança com o seu anel mandando recado aos navios que estavaõ no rio e a D. francisco de Sousa que com a gente que estava nelles, e com agente de sua tranqueira junta comette-se acima da fortaleza a tranq.^a ga-

nhada ella fosse demandar a de pedra e os baluartes da Barra sem tratar da fortaleza; e depois de ter dado esta ordem estando falando ao Samorim assentados e afastados hum pouco da Tranqueira de pedra ouviu as bombardadas da armada que ia entrando a barra, cuidando que o negocio que estava tratando com o Samorim podia ser causa delle não chegar á tranqueira de pedra ao tempo que tinha ficado com seus Capitães se levantou da Cadeira e sem nenhum comprimento nem falar ao Samorim mandou trocar as trombetas e charamelas ao som das quaes abalou com tanta brevidade que chegou á tranq.^a e baluarte antes que a gente da armada tivesse desembarcado: chegando á trincheira pode tanto hum brado que deu aos Capitães e soldados que em hum instante foi a tranq.^a entrada, e por ver o muito que importava sua presença naquelle tempo não foi elle dos derradeiros que subio a tranq.^a, ajudando-o hum homem de Cananor; mandando subir o estandarte real foram os mouros desenparando a torre e o baluarte do Catimusse no qual elle logo mandou pôr D. Felipe de Sousa e André Per.^a Coutinho, e passou avante com toda a presteza ao Baluarte branco mandando logo dar fogo á cidade que foi muito grande parte da mercê que Deos lhe fez, chegando ao baluarte o achou ganhado com as nossas bandeiras nelle arvoradas arrastando as de Mafamede com o gosto e alegria que seria para ver; os seus Capitães e soldados com a mesma saiaõ a recebel-o levando-o logo nos braços que por hum grande pedaço não poz os pes no chaõ, que em hum certo modo o cançou mais que o trabalho passado este amor com que foi recebido de todos os seus Capitães e soldados; todo aquelle que lhe não coube por sorte o alcançar escada se teve por mal a fortunado, e com esta presteza e gente de serviço, que em breve chegou, se entrincheirou antes da noite.

Mandou logo 600 soldados com André Roiz se fosse assenhoriar de huma mesquita de pedra que estava pegada com a fortaleza e tanto que foi noute tendo já dado ordem á vigia e partidas as estancias pelos Capitães que aviao de ser e assistir nellas, e mandando aos navios que estavaõ no rio cercassem a fortaleza em roda como logo fiseram se foi com muita gente de

serviço, cestos e mais fabrica necessaria levando em sua companhia o Tibaõ Engenheiro mór deu ordem que naquella noute fizessem hua tranq.^a que tomasse da Mesquita até ao mar; depois de dada esta Ordem se recolheu ao Baluarte branco e mandou mais cinco Capitaes para a Mesquita.

Aos oito de Março mandou chamar Ant.^o Per.^a Coutinho e o encarregou de Capitaõ daquella mesquita e tranqueira dando-lhe ordem de como se avia de entrincheirar porque naquella manhã lhe feriraõ quinze soldados e lhe mataraõ tres. Os Capitães que mandou o acompanhassem saõ os seguintes — Pero de Mendanha, Diogo Ortis que já la estavaõ que foraõ com André Roiz, D. Felipe de Sousa, André Per.^a Coutinho e seu irmaõ, D. Lopo e D. Luis d'Almeida, D. Luis Lobo, Lançarote de Seixas que tinha provido de Capitaõ do Navio de Affonso da Vaça que se estava curando de huma bombardada que lhe deraõ, Pero Tavares, Antonio Correa de Brito, Gaspar de Mello, Francisco de Sousa Teive, Fernaõ Brandaõ e Pero Fernandes de Carvalho, Lopo d'Andrade, Fernaõ Trancoso, Antonio Pereira como fidalgo cheio d'experiencia grande zeloso do serviço de S. M. vigilante assaz reparou loguo a Tranqueira de modo que ficou naõ se fazendo nojo á soldadesca; alem destes capitães ordinarios lhe mandou todas as noutes quatro capitães com que ficava vigiando a fortaleza toda em roda, e porque das goritas do Baluarte faziaõ muito nojo á tranqueira lhe mandou falcões para com elles e com artilheria miuda varejasse as goritas, o que fez e logo ficaraõ despovoadas de modo que dali por diante ficaraõ as tranqueiras com menos oppressaõ e ferindo-lhes menos gente.

A noute dos 9 mandou metter a barcaça grande dentro por André Pereira de Damaõ e dous navios da armada que estavaõ sem gente indo elle mesmo em pessoa em hua embarcaçõ pequena e ligeira dar ordem como se avia de aver; nesta barcaça tinha hum *camello* de marca grande e hum *Leão*. Tudo isto feito se recolheu, e pelo Samorim lhe ir reparando com o que tinha lhe promettido sem numqua ninguem saber no arrayal cousa alguma nem imaginar, em 24 oras fez hua tranq. mais forte de mar a mar e della para dentro lhe ficava todo o seu poder alo-

jado, reparando as estancias por pessoas de mais confiança, em quanto se entrincheirava e fortificava foi sempre reparado com o Samorim, e depois de o estar mandou que nenhum Naire nem pessoas do Samorim se deixasse entrar das portas para dentro sem seu expresso recado.

O Samorim tinha promettido de palavra ao Capitaõ mor, que de nenhũ modo por suas terras passaria o Cunhale que morto ou vivo lho naõ entregasse; ouve da parte do Cunhale prometterem ao Samorim sincoenta mil crusados para com seu favor fugir e passar por suas terras; como esta naçaõ seja a mais interessada que todas as do mundo bastou isto para o tirar com facilidade do seu proposito o que tudo logo o Capitaõ mór soube pelas espias que trazia entre elle, e seus Regedores; persuadido o Samorim dar escapula ao Cunhale pertendeu pôr roncas e desabrimentos ao Capitaõ mór a ver se consentia nesta sua damnada pretensaõ e se contentava só em arrazar a fortaleza; por outra parte imaginava elle e os seus que tanto que elle procedesse nesta forma com o Capitaõ mór, desistiria este da empreza e se embarcaria na armada e ficaria elle só com o que pertendia.

Em quatro dias que estas cousas entre o Samorim e o Capitaõ mór duraraõ cada hũ maquinava contra o outro, e sei eu de boa parte que se resumio o Capitaõ mór consigo a dar no Samorim no tempo que a maior parte da sua gente se ia abalar e fazer suas serimonias, e descabeçar o Samorim e aos prinçipes que naõ são erdeiros, e jurar rei hum moço que o hé e fazel-o tributario e vassalo de S. M.^o como fez ao de Jafanapataõ.

Ao Cabo de quatro dias lhe mandou diser o Samorim que se vissem, o Capitaõ mór lhe mandou dizer que de boa mente mas que avia de ser com as armas na maõ e em campo por que com ellas determinava justificar sua causa, e satisfazer-se das sem razões que lhe fizesse, que d'outra maneira senaõ avia de ver com elle, do que o Samorim se ouve por satisfeito. Terça feira 19 de março se viraõ; veio o Samorim com todo o seu Campo em armas, o Capitaõ sahio fora das tranqueiras com todo o seu campo o melhor preparado que pode, estando os campos pegados hum ao outro fizeraõ alto conforme ao que estava assentado, logo

abalou o Samorim d'entre a sua gente e o Capitão mór d'entre a sua e no meio desta distancia que ficava entre os campos, compassaraõ a tratar por hua lingua que o Capitão mor levava consigo, trataraõ hum grãde pedaço nunca o vulgo de hua parte e outra por mais que nisso tinhaõ os ouvidos occupados poderaõ entender o que se tratava, só o que entenderaõ foi o que o Capitão mór lhe mandou dizer pelo lingua *que elle era o proprio Capitão que em Jafanapataõ desbaratara reys e principes e fizera rey e que se desenganasse S. A. que se o Cunhale sahia com seu favor e ajuda que com toda aquella gente que alli tinha lhe assurava por sua ley avia de morrer ou ir dali até Calecut pondo tudo a ferro e fogo em quanto lhe durasse a vida, e por esse respeito mandava dizer a S. A. que lhe naõ avia de falar senaõ com as armas na maõ por que visse a gente que tinha e quaõ apostados estavaõ promptos a morrer pela mais pequena cousa que lhe fizer.*

Pode tanto esta resolução e modo com que o Capitão mór se ouve cõ o Samorim que logo desistio da sua pretensaõ e deu ao Capitão mór hua Ola em que se Obrigara e aos arrefens que tinha em Cochim que fugindo o Cunhale pelas suas terras lho entregaria morto ou vivo.

Isto feito se abraçaraõ o que foi festejado cõ som de trombetas e Charamellas e cõ huma grande salva de espingardaria.

A noute dos 15 fez outra tranqueira pegada cõ a fortaleza com a qual ficava ella cercada com a tranqueira de mar a mar em que poz por Capitão mor Diogo Moniz Barreto com os Capitães seguintes: Antonio Per.^a de Damaõ, Tristaõ d'Ataide, Antonio Barreto, Diogo de Sousa, Pero Fer.^a de Carvalho que ficou de estancia de Antonio Pereira, D. Francisco de Noronha, Luis de Sousa, D. Rodrigo Pereira, e Andre Roiz que pedio o acompanhasse mandando alguns soldados da sua galé e dando licença a Diogo Moniz que levasse os particulares que quizessem ir com elle ate copia de 500 soldados porque a barcassa que poz defronte da fortaleza nestes outo dias que a beteo tinha feito com a artilharia umas ruinas por onde se podia escalar, o que o Capitão determinava fazer a outro dia, e para este effeito mandou Diogo Moniz com toda esta gente escolhida.

Aos 16 de Março pela manhã chamaram os mouros da fortaleza pelos da Tranq.^a e disseraõ-lhe queraõ mandar hum recado ao Capitaõ mor, logo o Ant.^o Per.^a avisou disto, e o Capitaõ mór lhes mandou dizer lhes dissesse que com elle naõ tinhaõ que fallar, nem que tratar, mas se o quizessem fazer com o Samorim que lhes dava para isso licença, a qual os mouros aceitarãõ, e logo sairaõ quatro da fortaleza, os quaes por ordem do Capitaõ mór levou D. Felipe ao Samorim com a sua Companhia de gente, e estiveram hum pedaço tratando com elle, o que feito os tornaõ a levar á fortaleza; o Samorim avisou loguo o Capitaõ mór do que pediaõ, que eraõ treguas por dous dias, o Capitaõ mór lhas concedeu com condição que naõ se reparariaõ nem boliriaõ na ruina que a artilharia tinha feito, e loguo mandou a Luis Fragoso que cessasse com a artilharia e naõ batesse a fortaleza ate segundo recado por quanto tinha feito treguas por dois dias com o inimigo; avisou a Diogo moniz e Ant.^o Per.^a do mesmo, e que aquelle era o tempo em que se avia de ter mais vigia e maior resguardo.

Aos 17 do dito mez quinta feira pela manhã tornaraõ os negros a chamar da fortaleza que queraõ falar com o Samorim do que o Capitaõ mór loguo foi avisado, e mandou dessem licença, mas que fosse com o mesmo resguardo que foraõ os outros com hua Companhia de Soldados; os mouros foraõ falar com o Samorim e loguo no mesmo instante recolherãõ á fortaleza: O Samorim lhe mandou dizer pelo P. Theophilo que tudo estava negociado pela ordem que lhe tinha dado que á hua ora se aviaõ de ir para a fortaleza para se fazer o mais que estava por fazer; tanto que foi este tempo o Capitaõ mor e o Samorim se abalaraõ cada hum do seu alojamento deixando o Capitaõ mór em suas tranqueiras e baluarte branco 300 soldados de gornicaõ e com os mais em hum esquadraõ feito com o estandarte real e o esquadraõ fechado se foi demandar a fortaleza imdo o Samorim com todo seu poder em hum esquadraõ, porem divididos hum do outro porque sempre a pertensaõ do Capitaõ mor foi naõ se baralharem os seus soldados com os Naires pelos inconvenientes que dahi poderiaõ resultar.

(Continúa).